LUIS ALBERTO LINZMAYER GUTIERREZ

FORMAÇÃO HUMANA E GINASTICA GERAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: JORGE SERGIO PÉREZ GALLARDO

Campinas
2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Linzmayer Gutierrez, Luis Alberto.
L659f Formação humana e ginástica geral na Educação Física / Luis Alberto Linzmayer Gutierrez. - Campinas, SP: [s.n], 2008.

Orientador: Jorge Sergio Pérez Gallardo.
Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Formação humana. 2. Educação Física. 3. Humanidade. 4. Ginástica-Estudo e ensino. 5. Ginástica. 6. Proposta pedagógica. 7. Formação profissional. 8. Ensino-Orientação profissional. I. Pérez Gallardo, Jorge Sergio. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(dilsa/fef)

Título em inglês: Human formation and general gymnastic in the physical education.
Palavras-chaves em inglês (Keywords): Human formation; Physical Education; Humanity; Gymnastic-Study and teaching; Gymnastic; Pedagogical proposal; Training, Teaching-Professional guidance.
Área de Concentração: Educação Física e Sociedade.
Titulação: Doutorado em Educação Física.
Banca Examinadora: Ademir de Marco. Leopoldo Schonardie Filho. Lino Castellani Filho. Marcos Garcia Neira.

Data da defesa: 22/02/2008.

LUIS ALBERTO LINZMAYER GUTIERREZ

FORMAÇÃO HUMANA E GINASTICA GERAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Luis Alberto Linzmayer Gutierrez e aprovada pela Comissão julgadora em 22/02/08

Jorge Sergio Pérez Gallardo
Orientador

Campinas
2008

COMISSAO JULGADORA

JORGE SERGIO PÉREZ GALLARDO
Orientador

MARCOS GARCIA NEIRA

LEOPOLDO SHÖNARDIE FILHO

LINO CASTELLANI FILHO

ADEMIR DE MARCO

A meus pais chilotes, Sergio e Fidelia

AGRADECIMENTO

Muitos nomes ficarão para sempre na minha memória, alguns ainda me acompanham pelas ruas da lembrança. Lembrança carinhosa cheia de risos e palavras de boa vontade para quem mais de uma vez ficou muito perto de desistir. Hoje, de volta no meu país, Chile, agradeço todos os dias no silencio de meu coração cada uma dessas pessoas que com sua forma particular de olhar o mundo deram, no seu momento, a força necessária para eu continuar neste caminho de me formar como pessoa e profissional, tão longe de minha casa.

O ser humano sempre busca deixar sinais de seu passo por este mundo ou pelos lugares onde andou. Uma tese é um pouco isso, mais meu propósito nunca foi escrever um livro o dar sinais de eternidade. Tentei deixar um pouco de mim em cada vida que toquei da mesma forma que ficou na memória do meu coração os "toques" dos olhares, palavras e caricias da gente do Brasil. Obrigado não é uma palavra que possa expressar, testemunhar, o sentimento de gratidão que mora em minha alma, mas agora que já estou longe desta minha outra casa, começo a assimilar o que vocês querem dizer com a palavra *saudade.*

Como se constroem caminhos na formação humana?

Acho difícil construir caminhos sem ajuda de alguém, sozinho, ainda quando seja o próprio caminho, aquele que nasce de um sonho e se transforma no norte de nossa vida.

Tenho certeza que o caminho que comecei a construir faz cinco anos atrás, aqui nesta bela terra brasileira, tão longe da minha terra natal, não teria sido possível construí-lo sem a ajuda das pessoas que a sua maneira deram a força necessária naqueles momentos em que meu coração sentia que não podia continuar.

Cada momento, cada riso, cada aula, ficará na minha memória, como ficará também a forma amorosa com a que fui tratado pelas pessoas da FEF/UNICAMP entre os anos 2002-2006. A meus alunos e colegas da ESEFM de Muzambinho e do ASMEC de Ouro Fino minha eterna gratidão pela paciência de me escutar e aceitar no meu "portunhol" enrolado. A meu irmão Ismael Riboli e sua bela família quem me acolheu como mais um filho.

Assim também, quero deixar aqui a testemunha escrita de minha eterna gratidão para quem sem conhecer muito de mim me deu toda sua confiança e me ajudou a traçar este caminho com a paciência de um "pai acadêmico" que está disposto a tudo para ver seu filho crescer e se realizar como pessoa e profissional: Sr. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo. Obrigado por esse carinho incondicional; ***Gracias MAESTRO por mostrarme el camino y permitirme caminar a mi voluntad.*** *Y a usted Sra. Myriam, por mostrarme el valor de la vida en todas sus manifestaciones.*

A você meu amigo Marcos Miliozzi (Marcão), por me mostrar o caminho da simplicidade e a beleza do conhecimento que você me ensinou no seu "abraço da tribo do coração".

E a você, Cristina Pinto, pelos momentos de aprendizado e alegria perto da sua companhia.

LINZMAYER, Luis Alberto Gutierrez. FORMAÇAO HUMANA E GINASTICA GERAL NA EDUCAÇAO FISICA.
Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo pesquisar, analisar e compreender a importância do conceito formação humana como necessário ao desenvolvimento humano em qualquer dos seus âmbitos e/ou níveis de educação. A análise apresenta uma proposta pedagógica baseada na Ginástica Geral (GG) e sua relação com a visão multicultural do currículo e as reformas educacionais acontecidas na América Latina, especialmente no Chile, a partir dos anos ‘90. A pesquisa se baseou em dados bibliográficos, apresentando a postura de diferentes autores respeito do tema central e construindo relações conceituais a partir de ditos argumentos para fundamentar a relevância da formação humana na formação e atuação profissional do professor de Educação Física. Junto com isso, apresenta-se a teoria dos níveis do processo ensino aprendizagem que o autor relaciona com a proposta pedagógica da GG. Os níveis estão atrelados ao reconhecimento de Cultura Patrimonial dos alunos a partir da qual a informação pode-se transformar em conhecimento. Por outro lado, dita teoria explica como o professor pode desenvolver esses níveis tentando transcender a individualidade, o que significa entender que minha existência se justifica e adquire sentido, na medida em que reconheço aos outros tão necessários quanto eu para construir espacios de convivência mais humanos. Nesta pesquisa, apressentei a necessidade de enfatizar a formação humana nos processos de ensino uma vez que por meio dela se pretende orientar o ser humano para uma sociedade mais justa e respeitosa das diferenças.

Palavras chaves: 1. Formação humana. 2. Educação Física. 3. Humanidade. 4. Ginástica-Estudo e ensino. 5. Ginástica. 6. Proposta pedagógica. 7. Formação profissional. 8. Ensino-Orientação profissional.

LINZMAYER, Luis Alberto Gutierrez. HUMAN FORMATION AND GENERAL GYMNASTIC IN THE PHYSICAL EDUCATION.
Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

The aim of this study was to research, to analyze, and to understand the importance of the concept: human formation as a necessity to the human development in any level of education. The analysis presents a pedagogical propose based on the General Gymnastics (GG) and his relation with the multicultural vision of the curriculum and the changing of the educational reforms done in the Latin America as well, especially in Chile, from years 90. The research was based on bibliographical data, presenting the position of different authors about the central subject and constructing the conceptual relations from these arguments to emphasize the relevance of the human formation and actuation of the professional of physical Education. Together with these arguments, it is presented the theory of the levels of the learning teaching process that the author relates with the proposal pedagogical of the GG. The levels are linked to the recognition of Patrimonial Culture of the students which the information can be transformed into knowledge. On the other hand, this theory explains how the teacher can develop these levels trying to exceed the individuality, understanding that my existence justifies and acquires direction, in the same way that I can recognize in the others the necessity of creation for a better human companionship space. In this research I presented the necessity to emphasize the formation human being in the education processes once that for his own way it intends to guide the human being for a society more respectful and just of the differences.

Key words: Human formation; Physical Education; Humanity; Gymnastic-Study and teaching; Gymnastic; Pedagogical proposal; Training, Teaching-Professional guidance.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 2: FUNDAMENTOS TEORICOS	33
2.1. O que nos faz humanos	41
2.2. Cultura Matristica	44
2.3. O problema da atitude (cultural) competitiva	47
2.4. As Emoções	53
2.4.1. Universalidade das emoções básicas	58
CAPÍTULO 3: PERTINENCIA DA FORMAÇAO HUMANA NA FORMAÇAO PROFISSIONAL	63
3.1. O Sentido de ser o que somos	63
3.2. A Formação Humana na Formação Profissional	64
3.3. Princípios para propiciar a Formação Humana na Educação Superior	70
CAPÍTULO 4: A EDUCAÇAO FISICA NO CHILE E A REFORMA EDUCACIONAL DOS ANOS '90	79
4.1. O Processo Histórico da Educação Física no Chile	79
4.2. Identidade Cultural e Integração	80
4.3. Reforma Educacional no Chile	84
4.4. Reforma Educacional e Ginástica Geral	88
4.5. Objetivos Fundamentais e Conteúdos Mínimos Obrigatórios da Educação Física Escolar no Chile	93
CAPÍTULO 5: NIVEIS DE DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	97
5.1. Nível de Desenvolvimento Informativo	101
5.2. Nível de Desenvolvimento Significativo	102
5.3. Nível de Desenvolvimento Relevante	105
5.4 Nível de Desenvolvimento Transcendente	107

5.5. Condições para a transcendência	110
CAPÍTULO 6: GINASTICA GERAL COM ORIENTAÇAO PEDAGOGICA PARA A FORMAÇAO HUMANA	113
6.1. Princípios das estratégias metodológicas para serem aplicadas em cada uma das sessões ou aulas	118
6.2. Planejamento de um curso de Ginástica Geral com Orientação Pedagógica:	119
6.3. Seqüência metodológica dos Conteúdos da Ginástica Geral com orientação pedagógica	120
6.4. Operacionalização do Planejamento	121
6.5. Ginástica Geral e Currículo Multicultural	123
CAPITULO VII: PROPOSTA CURRICULAR PARA A EDUCAÇAO FISICA (Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).	127
7.1. Nexo da proposta curricular e perspectiva multicultural-critica.	131
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
8. BIBLIOGRAFIA	146

CAPITULO I: INTRODUÇÃO

Pensamos muito menos do que sabemos.
Sabemos muito menos do que amamos.
Amamos muito menos do que existe.
E, nessa medida exata, somos muito menos do que somos.
(R.D. Laing)

A presente tese é um convite a navegar pelos mares da reflexão acadêmica à luz de nossa sensibilidade humana, a mesma sensibilidade que nos permite manter graus de identidade e sentido de pertença de uma cultura determinada no mesmo tempo que nos proporciona a faculdade de comunicar-nos e aceitar-nos como iguais no grande universo existencial. Assim, apresento nesta tese, conceitos, palavras, idéias, emoções, sentidos e significados por meio dos quais tentarei explicar a relevância da formação humana em qualquer processo de relações humanas.

Acredito, antes de tudo, seja necessário falar um pouco do que se entende por *humano,* dar uma olhada àquele conceito alvo de minha pesquisa. Esclarecer o conceito é necessário uma vez que podemos discordar do que entendemos por dito conceito.

O substantivo feminino *humanidade,* segundo o dicionário Aurélio, faz referencia à *natureza humana, o gênero humano*. Mas também, ao conceito de benevolência, clemência, compaixão. Desprende-se daí o adjetivo *humanitário*, conceito que visa o bem-estar da *humanidade.* O termo adquire o caráter de substantivo masculino na condição daquele que deseja e trabalha para o bem da humanidade, considerada coletivamente.

O senso comum entende por *humano* aquilo que é contrario a “desumano” (falta de humanidade, crueldade), e desumano faz referencia às atitudes e condutas que ferem outros seres humanos. Portanto, *humano*, no dialogo do cotidiano, é aquele que manifesta atitudes e condutas consideradas boas no meio sócio-cultural onde ele se desenvolve. Bondoso seria aquele ser que não deseja o mal para o outro e que age em conseqüência desse pensamento. De acordo com Lin Yu Tang (1963), isto é algo que não pode ser ensinado, no sentido didático pedagógico, mas pode ser mostrado, o que nos leva ao fato que o grande problema da educação é dar o exemplo, pelo menos no que diz relação com a formação humana de todos nós.

Por outro lado, entende-se por senso comum aquele *conhecimento vulgar e prático com que no quotidiano orientamos as nossas ações e damos sentido à nossa vida.* (BOAVENTURA, apud Freitas 2006, p. 82).

A autora diz que:

> O objetivo último de uma educação transformadora é transformar a educação, convertendo-a no processo de aquisição daquilo que se aprende, mas não se ensina, o senso comum. O conhecimento só suscita o inconformismo na medida em que se torna senso comum, o saber evidente que não existe separado das práticas que confirmam. (FREITAS, p.84)

Junto a isso, considero altamente importante uma outra questão que os autores citados manifestam: *É possível construir formas de conhecimento mais comprometidas com a condição humana?*

Assim, na presente tese se analisa o conceito integrado por duas palavras diretamente relacionadas com o processo pedagógico de aprendizagem escolar, sejam eles: formação humana. Por um lado temos o termo *formação*, que obviamente indica um processo em si mesmo. Toda formação é um processo. Pelo qual podemos dizer que o ser humano encontra-se constantemente em processo de formação. Não é algo acabado, terminado. A condição humana caracteriza-se por esse mecanismo eterno de câmbios e mudanças internas e externas, individuais e sociais.

Por outro lado, temos o termo, *humana*, que aparece aqui como aquela condição que caracteriza tudo o que diz respeito da natureza humana, tanto nos aspectos biológicos quanto nos culturais, ou dito de outra forma, aspectos do desenvolvimento filogenético e ontogenético do ser humano. Portanto, formação humana, seria até aqui, aquela formação na qual, o ser humano se constitui como tal, considerando suas características biológicas e culturais, tendo como elo o ambiente onde se produz essa formação. Aqui, para efeitos de nosso estudo, o elo seria a Escola, em qualquer nível que esta se apresente, infantil, fundamental, médio ou superior.

Destaca-se também a importância que tem esse conceito na formação do homem, do individuo como ser social. Junto com isso mostra os conceitos mais importantes atrelados à dita formação e que devem ser considerados em qualquer processo educacional que se

importe com a transcendência dos atos pedagógicos como criadores de sentido e transformadores da realidade.

Conceitos como cultura patrimonial e cultura matristica, fornecedores de uma visão pedagógica que busca a identidade do individuo com ele próprio e o ambiente afetivo necessário para permitir um desenvolvimento sensível a respeito do “outro” como legitimo “outro”. As emoções como argumento explicativo do que nos caracteriza e nos iguala como espécie humana. Os níveis de desenvolvimento dos processos de aprendizagem desde o nível de informação ao nível de transcendência de ditos processos permitindo visualizar a relevância de uma pedagogia que procura a formação humana além de parâmetros assistencialistas, funcionais e utilitários.

A tese chama a atenção sobre os aspectos pedagógicos e sociais da Educação Física, um pouco deixado de lado pela supervalorização dos aspectos esportivos, técnicos, e corporais da área. Isto é, chama a atenção sobre os nossos comportamentos como professores e educadores; em quais aspectos damos maior importância e quais seriam os diretamente relacionados com o ato de educar levando em consideração a visão sócio-cultural da Educação Física.

Também há um chamado de atenção a rever a formação profissional inicial em Educação Física já que seria responsabilidade dessa formação dar ao futuro professor o subsidio que ele precisa para compreender a importância da formação humana e quais conteúdos seriam mais adequados para dito desenvolvimento.

É um chamado a refletir sobre o fio condutor do profissional que se desempenha na escola, desde o ensino infantil até o ensino médio. Esse fio condutor, do meu ponto de vista e a julgar pela minha experiência pedagógica, é a formação humana.

Objetivo

O presente estudo tem como objetivo principal analisar, compreender e discutir a importância do conceito formação humana como necessário ao desenvolvimento humano em qualquer dos seus âmbitos e/ou níveis de educação.

Por outro lado, procuro levar ao leitor a refletir sobre sua própria atuação profissional ou pessoal. Se questionar acerca de suas ações, e, sobretudo, convidar você a caminhar junto pelas orientações pedagógicas de uma Educação Física coerente na sua responsabilidade social. Finalmente, a partir das relações conceituais, estabelecer o vinculo entre a Ginástica Geral e a formação humana que, considerando o multiculturalismo-critico, se apresenta como proposta para o desenvolvimento dos conteúdos da cultura corporal na escola.

Problema:

Esse objetivo nasce da problemática de minha prática educativa como professor de Ensino Fundamental e Médio. Por muito tempo andei procurando alternativas pedagógicas, teóricas e práticas, que me ajudaram a compreender os processos de formação humana que me permitissem desenvolver nos meus alunos as qualidades de bondade e serviço.

Eu me pergunto: que tipo de sociedade quer viver? Que tipo de ser humano se precisa formar para essa sociedade que queremos? Que tipo de Professional deve formar a universidade para, na sua vez, ele possa colaborar na formação desse ser humano para essa sociedade que queremos?

Você quer uma sociedade violenta? Você aceitaria ser excluído? Você apoiaria a discriminação das pessoas pelo fato delas pensar ou viver uma cultura diferente à sua?

Não pretendo responder essas perguntas nesta pesquisa. Só quero partilhar com você as perguntas que faço aos meus alunos no percurso de minhas aulas e convidar você a refletir sobre tais assuntos e também para compreender de onde nasce meu interesse pela formação humana e quais as melhores formas de desenvolvê-la. E finalmente, mais uma pergunta que sim tentarei responder ao final de meu estudo: para que você estuda?

Meu estudo e proposta é especialmente dirigido para o aluno que se forma nas Instituições de Educação Superior na área da Educação Física, mas acredito que as discussões colocdas aqui podem ser úteis para qualquer estudante ou professional que se interesse pela formação humana do individuo.

A Universidade tem como objetivo desenvolver no aluno a capacidade de pesquisar, analisar, compreender e sistematizar o conhecimento universalmente produzido, e aplicar esse conhecimento contribuindo com o desenvolvimento das sociedades. Portanto, penso que temos uma grande responsabilidade nessa formação e que, se queremos uma sociedade

melhor, as propostas pedagógicas devem considerar o aluno desde sua própria cultura patrimonial. Isto é valido tanto para o aluno de Nível Superior quanto para o aluno de Nível Básico. Esse é um desafio para os professores de Ensino Superior. A Universidade não pode se limitar a capacitar nas técnicas de uma especialidade determinada.

Justificativa;

Hoje, talvez mais do que nunca, se precisa formar no ser humano a consciência de sua participação social no projeto de construção de uma sociedade mais justa e tolerante das diferenças. Diante da cultura da globalização, muitas fronteiras estão sendo derrubadas, mas também muitas sociedades perdem o rumo neste capitalismo neo-liberal, desumano, insensível às urgências dos mais pobres, das crianças e dos povos oprimidos pelo império do dólar.

As instituições de Ensino Superior, onde se formam profissionais que devem responder com seu trabalho a estas urgências, estão chamadas a preparar um ser humano sensível, capaz de pôr ao serviço da humanidade, as suas melhores qualidades profissionais e pessoais. Vejo a Educação Física como elemento da cultura por meio do qual podem-se desenvolver mecanismos que permitam educar no ser humano a capacidade de enxergar no outro a razão de ser de sua própria existência. Isto é, não justifico a formação de um individuo em termos funcionais e utilitários que só pensa em usufruir da sociedade para seus interesses egoístas. A educação é um bem de serviço, mas não um bem de consumo.

Justifico minha pesquisa sob o olhar de um educador que ainda acredita na utopia de uma sociedade capaz de construir-se sem a necessidade de passar por acima dos outras sociedades. Acredito no ser humano como ser capaz de enxergar que ele é o único que pode salvar a si mesmo de sua própria destruição.

Precisamos estudar, buscar y compreender as dinâmicas sócio-culturais que produzem aquelas desigualdades, atender desde uma perspectiva humanista, os problemas mais urgentes. Junto com isso, posicionar-nos criticamente frente aos desafios da globalização e comprometer as nossas energias, físicas, psíquicas e/ou espirituais ao serviço de quem sofre o descaso dos irresponsáveis.

A Educação Física, ou melhor, as instituições que formam professores na área, não podem ficar fora dessa luta.

Podemos discordar a respeito de que entendemos por os conceitos que aparecem na minha pesquisa, mas acredito que também precisamos concordar com o tipo de sociedade na qual queremos viver. É com esse intuito que declaro a necessidade da formação humana e da necessidade de refletir quais os caminhos, as propostas pedagógicas que podem ajudar na orientação de uma formação profissional e de uma Educação Física com responsabilidade social.

Metodologia

A pesquisa utiliza uma metodologia bibliográfica descritiva para coleta e análise dos dados e conceitos envolvidos no estudo.

Essa metodologia dividiu a pesquisa em dois momentos. Um primeiro momento dedicado a estudar e analisar os conceitos envolvidos com o intuito de esclarecer as ideais geradoras da discussão: formação humana, ginástica geral e currículo multicultural-crítico.

Depois, em um segundo momento, e a partir das idéias geradoras, criam-se os níveis de desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem para, finalmente, fazer a relação conceitual com a proposta de Ginástica Geral como conteúdo ideal para o desenvolvimento da formação humana. O mais importante nesta metodologia é a possibilidade de estabelece relações conceituais que permitam a construção de uma proposta pedagógica orientada à formação humana, foco da pesquisa.

Alguns dados importantes para uma sensibilização inicial

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a ajuda humanitária ficou em 34% no ano 2004, no Programa Mundial de Alimentos (PMA), por outro lado o número de pessoas famintas se incrementou em 8%. Isto vai contra o Projeto do Milênio que foi especialmente constituído pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, em 2002, para desenvolver um plano de ação concreto que reverta o quadro de pobreza, fome e doenças opressivas que afetam bilhões de pessoas.

Um outro informe da UNICEF no programa “Progresso para a Infância”, (Nº. 2, Abril 2005) relata que:

> As desigualdades entre os ricos e os pobres, e entre as populações urbanas e rurais, são evidentes em todos os países da região, mas estão especialmente marcadas nos países latino-americanos como Bolívia, Brasil, San Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Paraguai.

O panorama mundial, que diariamente podemos comprovar nas noticias dos jornais, não é muito alentador quanto a isto, o que nos leva a refletir se a educação que estamos dando e recebendo nas diferentes instituições dos diferentes níveis escolares, é a adequada para superar esta desigualdade.

Um bilhão e duzentos milhões de pessoas sobrevivem com menos do que o equivalente a U$ 1,00 (PPC — paridade do poder de compra, que elimina a diferença de preços entre os países) por dia. Um outro estudo demonstrou que mais de 140 milhões de crianças nos países em desenvolvimento nunca freqüentaram a escola e que, 11 milhões de crianças morrem anualmente antes de atingir cinco anos de idade, isto equivale a mais de 29.000 mortes por dia.

No Chile, um estudo realizado pela UNICEF nos anos 1994-2000, mostrou que o maltrato infantil continua sendo uma conduta freqüente nas famílias chilenas. 73,6% das crianças têm algum tipo de violência familiar; 50% é vitima de violência física e um de cada quatro crianças é vitima de violência física grave.

No Projeto do Milênio da ONU (UNICEF, Nº 2, 2005), se declaram os seguintes objetivos:

1. **- Erradicar a extrema pobreza e a fome**
2. **- Atingir o ensino básico universal**
3. **- Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres**
4. **- Reduzir a mortalidade infantil**
5. **- Melhorar a saúde materna**
6. **- Combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças.**
7. **- Garantir a sustentabilidade ambiental**
8. **- Estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento**

Funcionários da mesma organização afirmam que uma melhor educação é fundamental para melhorar as condições socioeconômicas em países pobres e diminuir a desigualdade na distribuição da renda.

Pergunto-me, como professor de Educação Física e como educador, se a nossa disciplina, nossa área do conhecimento, terá alguma responsabilidade a respeito. E, de ser assim, quais seriam os mecanismos, as didáticas, os conteúdos, as metodologias e as orientações que esses conhecimentos deveriam ter, de forma que nossos alunos consigam enxergar essas desigualdades, atribuindo a sua formação uma maior consciência humana e social.

Acredito que como educadores temos grande responsabilidade a respeito, já que, sendo a Educação Física uma disciplina que pertence ao currículo escolar, gerenciada por profissionais formados na Educação Superior, ela pode influenciar comportamentos e direcionar atitudes. Portanto, se faz necessário reformular, ou pelo menos refletir, a sua orientação curricular, tanto no âmbito da Educação Básica quanto no âmbito da Educação Superior na formação de professores.

Alias, concordando com Neira & Nunes (2006, p.45).

> Essa discussão é relevante no processo atual de globalização e políticas neoliberais que acentuam os processos de exclusão (...). Por conta disso, ressaltamos a necessidade de enfatizar a possibilidade de acompanhar quais significados estão sendo produzidos nos diversos segmentos da sociedade, quais os seus efeitos sobre seus integrantes e como se dá a construção das relações históricas e de poder desses grupos sociais.

O desejo de desenvolver essa temática nasce de minha preocupação por questões humanas, da socialização e sociabilização dos comportamentos, além de conteúdos, conhecimentos e/ou habilidades, desenvolvidas nos processos de formação escolar. Entendidas estas “questões humanas” como a preocupação pelo sofrimento e necessidades do outro, e a posta em prática de idéias e mecanismos de ação que permitam um maior desenvolvimento da atitude crítica do educando, frente os problemas de desenvolvimento humano.

Como professores de Educação Física devemos ter presente que nossa atuação envolve atitudes e sentimentos e não só desenvolvimento de habilidades físicas. Também, considerar que a maioria dos problemas sociais obedece à falta de formação humana em todos nós chegadando a um alto grau de insensibilização e indiferença frente à dor e sofrimento humano.

Levando em consideração o anteriormente exposto é que acredito seja indispensável e independentemente da disciplina, estudar, pesquisar, desenvolver e sugerir, idéias e mecanismos que nos expliquem e nos ajudem a entender o problema.

Não podemos permanecer indiferentes frente a esses fatos, principalmente à injustiça social, nem frente às agressões que constantemente estamos vivendo entre nós, e, sobretudo, procurar a relevância da Educação Física no processo de uma formação humana que possibilite ações em prol das soluções.

E, coincidindo com Erich Fromm (1975, p.22):

> Todos os homens de boa vontade, ou antes, todos os homens que amam a vida, devem formar uma frente única para a sobrevivência, para a continuação da vida e da civilização. Com todo o progresso cientifico e técnico que conseguiu, o homem acabará vencendo o problema da fome e da pobreza, e pode tentar soluções em sentidos diferentes.

Essa frente de luta, de propostas e sistemas para erradicar ou diminuir os fatores de marginalidade e exclusão, sobretudo para as crianças, é necessário porque a formação humana, pelas implicâncias que tem, sempre estará relacionada com a educação, não só com as transformações sociais, mas também com o processo de desenvolvimento do individuo como pessoa. Em relação a isso, as Instituições de Educação Superior (IES), devem manifestar sua preocupação pela formação que se brinda aos futuros profissionais, a qual está centrada – geralmente – no disciplinar, com modelos pedagógicos que privilegiam paradigmas tradicionais, currículos funcionais e utilitaristas que segmentam o conhecimento e um ensino focado na aquisição de técnicas e habilidades e destrezas para serem reproduzidas na escola ou no mercado. (EUSCATEGUI, 2006)

Entendo por formação humana na educação, a formação que tem relação com a orientação das emoções que nos permitem identificar a linguagem a qual nos comunicamos. Emoções com as quais vivenciamos valores como amizade, lealdade, respeito por si próprio e pelos outros, alegria, honestidade, coleguismo, perseverança, cooperação, humildade e amor; enfim, valores e princípios que nos mostram o caminho para construir uma vivência em comunidade, equilibrada, sadia e generosa, e, conseqüentemente, a superação daqueles preconceitos que separam o ser humano, categorizando-o e instrumentalizando-o como simples objeto de consumo e produção.

O meu interesse por desvendar os conceitos e variáveis atreladas ao desenvolvimento da formação humana tem relação com a minha preocupação pela procura da transcendência dos atos educativos, principalmente os da Educação Física escolar, que permite ao aluno transcender sua individualidade, levando-o a compreender que todos nós somos necessários na construção de uma coexistência com dignidade.

Esse interesse transforma-se no norte da minha tese: colocar a formação humana como processo de formação urgente nos distintos âmbitos educativos e, no caso da Educação Física, utilizando a Ginástica Geral como meio pedagógico para dito desenvolvimento e justificando o currículo multicural-crítico como instrumento para orientar o projeto político pedagógico.

Motivado pela minha condição de educador, além do fato de ser professor de Educação Física, acredito seja a formação humana uma responsabilidade de todo aquele que recebe o titulo de licenciado, e que, conseqüentemente se impregna das qualidades que o titulo supostamente outorga, tendo claro que ninguém se titula de EDUCADOR, mas que dita qualidade e/ou condição, se adquire com a própria prática e a experiência no tempo.

Alias, muitos autores concordam com palavras ditas por pensadores e educadores como Paulo Freire quando diz:

> Não nasci marcado para ser um professor assim (como sou). Vim me tornando desta forma no corpo das tramas, na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas, na leitura persistente e critica. Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte. (apud. CASTELLANI, 1999, p.8)

Também coincido com Rubem Alves (1984, p.13) que faz uma diferença entre professores e educadores, *Pode ser que educadores sejam confundidos com professores, da mesma forma como se pode dizer: Jequitibá e eucalipto, não são tudo árvores, madeira? No final, não dá tudo no mesmo?*

Não, no final não é assim. Segundo vejo, a condição de educador é dada pela transcendência que adquire o ato pedagógico quando o professor procura ir além do 'ensino informativo', ou como diria o mesmo Freire (1996), superar a educação 'bancaria'.

Penso que, formação humana é muito mais do que uma preocupação pedagógica pelo ensinamento de valores. Desse ponto de vista, formação humana, no âmbito educacional sistemático, deve considerar as emoções e sentimentos que as pessoas vivenciam através das dinâmicas relacionais sócio-culturais.

Isto me leva a pensar em que se o aluno não tem no seu currículo uma matéria, ou pelo menos uma orientação nas materias, que tenha relação com a formação humana, é muito provável que na sua atuação profissional ele não saiba como lidar com a formação humana dos seus próprios alunos na escola. Pelo menos teoricamente.

A respeito disso Heizenreider (2005, p.17), nos diz na sua monografia:

> (...) percebemos um grande vazio nos cursos de graduação, pois preparam muito bem os futuros professores para a capacitação, porém ainda deixam muito a desejar quanto à formação humana, ficando muitas vezes por conta do interesse pessoal do aluno em se qualificar para tal tarefa.

Mas não é só uma preocupação de cunho pedagógico. A formação humana deveria ser inerente a toda formação profissional, uma vez que o sujeito é constituído de dimensões que incluem princípios e valores próprios relativos à sua essência sócio-cultural e espiritual. Isto sem considerar que, ao se relacionar a formação humana com as emoções, existe um profundo vínculo com aspectos biológicos do ser humano. Isto porque as emoções têm seu local de operações no sistema límbico do cérebro, local que partilhamos com as outras espécies e que se caracteriza por influenciar comportamentos individuais e sociais.

As experiências da minha formação e atuação profissional

O autor Paulo de Salles Oliveira (1998, p.19), falando sobre a noção de método, citando Wrigth Mills, diz:

> Bons pesquisadores não se limitam à observância de regras, mesmo porque na maioria das vezes experimentam situações que os manuais não poderiam antecipar. Além do que pesquisar não se restringe a observar técnicas e pô-las em prática. (...) Significa aprimorar a percepção, refinar a sensibilidade, ampliar horizontes de compreensão, comover-se diante de práticas, pequeninas na sua forma, calorosas e desprendidas no seu intimo.

Dai que, neste ponto, desejo expressar meu pensamento influenciado pela minha experiência, pessoal e profissional, de modo que o leitor compreenda o que foi me levando a procurar respostas às perguntas relacionadas com a formação humana. Alias, Mills, segundo Oliveira (1998, p.19), ressalta: *Os pensadores mais admiráveis não separam seu trabalho de suas vidas. Encaram ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra.*

No começo, a maioria de nós, quando optamos por estudar Educação Física, não faz muita idéia do que seja a responsabilidade de educar ou de utilizar os conhecimentos adquiridos na universidade como meio para a ‘transformação’ da pessoa. Fomos motivados, em grande parte, por questões atléticas e/ou esportivas, ou pela procura de um conhecimento que incremente nosso desempenho ‘comercial’ na venda do produto da atividade física, justificando esta escolha com o chavão da atividade na melhora da saúde.

Estudamos as matérias sem maior preocupação pelos aspectos educativos, e quase isolados do compromisso social que envolve nossa profissão. Somos jovens, mais do que idéias temos muita vontade. E se temos idéias, elas, na sua maioria, têm a ver com a cultura hegemônica dominante nesses momentos, e não enxergamos, salvo exceções, a problemática sócio-cultural de nossa existência.

Devo dizer até aqui, que nos tempos que eu me formei, 1981-1986, existia no Chile uma orientação esportiva do que seja a Educação Física, o 'culto ao corpo' (academias e afins) estava na sua etapa de gestação. Contudo, meus mestres me falavam na mesma linguagem: "*procurem o desenvolvimento* ***integral*** *dos seus alunos*". Entendia que este desenvolvimento integral significava procurar atingir o 'ser total', isto é, corpo, mente, espírito e ser social. Mas, uma coisa era entender a mensagem teórica e outra muito diferente fazer isso na prática. Na verdade, o conceito integral aparecia só como lembrete para não esquecer que o ser humano é um complexo dinâmico de interações bio-psico-social, mas na prática as aulas de Educação Física esqueciam dessa interação e tudo ficava no nível de treino físico, deixando para o acaso os assuntos atrelados às emoções, pensamentos e ações socio-afetivas.

A mensagem de meus mestres poderia ser considerada uma preocupação pela formação do individuo como pessoa humana, isto é, interesse pelos valores atrelados a essa formação, o que não significa garantir a formação humana que me preocupa nesta tese. A influência do paradigma esportivo nos empurrava a desenvolver capacidades e habilidades físicas na procura de talentos esportivos que pudessem nos representar nas competições nacionais e internacionais. Muitas vezes, nesse caminho, esquecíamos o fato de mexer com emoções e sonhos de nossos alunos e fazíamos de tudo em prol de melhorar o rendimento da aptidão física em virtude do esporte. Dai que as aulas viravam escolas esportivas.

É diferente hoje? Após 20 anos não houve mudanças significativas. A maioria dos professores de Educação Física continua aplicando medidas e avaliações corporais e técnicas esportivas, e, nas escolas de educação superior, onde se formam os professores de Educação Física, prevalecem os aspectos motores, a fisiologia, a saúde corporal, enfim, *performance*! No caso do Chile, o esporte, e as disciplinas atreladas a ele, determinam uma parte importante dos currículos de formação profissional. Mais ainda, tem-se criado o curso de Preparador Físico em algumas instituições de Educação Superior, justificando que é esse tipo de profissional que se precisa para atacar o problema do sedentarismo e obesidade na população.

Qual o perfil dos currículos de formação profissional para os professores de Educação Física? Não há muitas pesquisas com este objetivo. No ano 1988, o professor Dr. Jorge Pérez Gallardo realizou um estudo quantitativo dos currículos em 33 Escolas de Educação Física do Estado de São Paulo.

Segundo o professor Perez Gallardo, os resultados do estudo mostram, no mínimo, *uma incoerência na preparação profissional do professor de Educação Física*, já que, (*...) embora todos os cursos de Educação Física sejam de Licenciatura, os resultados desse estudo mostram que as disciplinas de orientação pedagógica são as menos oferecidas* (1988, p.ii)

Então? Esses currículos tinham (ou têm?) um perfil de formação humana? Segundo vejo, e sendo a formação humana um conteúdo da área da pedagogia, a resposta a essa pergunta é: não. Hoje, após 20 anos de ter trabalhado como professor de ensino fundamental e médio, de ter lido e estudado sobre diferentes concepções da Educação Física, de ter participado da formação como Mestre, de ter revisado currículos atuais, vejo que, nesse sentido, a formação humana, como conteúdo dos aspectos pedagógicos, simplesmente **não** aparece como relevante no processo de formação profissional do professor de Educação Física.

E, se aparece, é na nomenclatura de aspectos da filosofia e/ou psicologia abordando temas como ética ou direitos humanos. Alias, nem aparece como conceito nas ementas de qualquer matéria na Licenciatura de Educação Física.

Uma das poucas indicações do conceito na área da Educação Física é mostrado pelo professor Heinzenreider na sua monografia de conclusão do Curso de Licenciatura da Faculdade de Educação Física da UNICAMP/SP (2004). O autor apresenta a sua preocupação pelo assunto da formação humana, lembrando que foi nas disciplinas MH-501 e MH-502, ministradas pelo professor Dr. Jorge Pérez Gallardo, nas quais ele teve a oportunidade de ter acesso a esse conhecimento e no qual se sustentou para desenvolver seu estudo monográfico. O interessante de seu estudo é que mostrou que os professores aos quais aplicou uma enquête tinham uma idéia teórica do que seja formação humana, mas não sabiam qual conteúdo era o mais adequado para desenvolver dito conceito nas aulas de Educação Física.

E por que deveria aparecer a formação humana nos currículos de formação profissional? Porque sendo a Educação Física um componente do currículo escolar, preocupada supostamente com o desenvolvimento de valores humanos, os professores que se preparam para ministrar os seus conteúdos deveriam ter, pelo menos uma orientação pedagógica ao respeito.

Talvez algumas pessoas pensem que pelo fato de mencionar os valores, dar tarefas a grupos, ministrar jogos cooperativos, falar sobre o conceito cultura e suas implicâncias, assim como respeitar as características pessoais, acreditam estar desenvolvendo a formação humana nos seus alunos.

Essa visão me parece um pouco simplista e não considera que a ênfase dada à capacitação pode ser a responsável, em parte, pelos dramas humanos que estamos vivendo no dia a dia.

A formação humana pode ser resultado aleatório de estímulos recebidos no interagir *entre* seres humanos, mas também poderia ser resultado de uma estimulação direta, quer dizer, de uma *pedagogia da formação humana*. No capitulo VI desenvolverei a proposta pedagógica da Ginástica Geral, a qual estabelece vínculos com o currículo multicultural-crítico (NEIRA & NUNES, 2006). Esta proposta da Ginástica Geral com orientação pedagógica enfatiza na utilização criativa e crítica dos conteúdos da cultura corporal manifestando-se por meio de expressões artísticas, individuais e grupais.

Do meu ponto de vista e a julgar pela experiência profissional, acredito que a existência duma disciplina orientada especificamente à formação humana não pode resolver o problema. Do que se trata é de orientar pedagogicamente para a formação humana as metodologias de ensino e os conteúdos que possibilitem a analise crítico, permitindo a vivência de emoções e situações de aprendizagem significativos e transcendentes para o individuo e grupo social.

O anterior, é necessário já que segundo Maturana & De Rezepka (1995), é urgente distinguir entre Formação Humana e Capacitação nos processos de aprendizagem. Tudo isto independente do nível escolar no qual aconteçam ditos processos, isto é, tanto na educação superior como no ensino básico. Formação Humana é preocupação com desenvolvimento de valores, é claro, mas esse desenvolvimento não existe no vácuo, nem em forma automática.

Ela existe nas dinâmicas relacionais entre seres humanos. Seguindo essa lógica conceitual, aprender a se aproveitar dos outros, serem corrupto, também faria parte da formação humana, já que essas condutas fariam parte dos processos humanos. Mas, a Formação Humana à qual faço referência, é diferente, no sentido de ajudar a desenvolver no individuo uma pessoa que coloque suas melhores qualidades ao serviço da humanidade.

E aqui temos o primeiro e mais preocupante fato de como a *Capacitação*, quando não considera valores, pode facilmente usar os conhecimentos para destruir. Lembro aqui os genocídios cometidos por engenheiros, médicos e “estudiosos”, no holocausto e em fatos de tortura das ditaduras militares, muito bem capacitados na especialização de destruir outros seres.

Daí que, é necessária uma formação humana que ajude a evitar mais uma *"indústria da morte"* já que, em palavras de Antonio Inácio Andrioli, doutorando em Ciências Sociais na Universidade de Osanabrik, Alemanha:

> Os nazistas demonstraram claramente à humanidade que é perfeitamente possível estimular a ciência e utilizá-la a serviço da destruição do próprio ser humano e pasmem: sem que os responsáveis pela produção do conhecimento e sua utilização tenham algum peso na consciência ou um sentimento de culpa quanto a isso. Os soldados nazistas que estiveram em Auschwitz e que ainda estão vivos, ao serem perguntados sobre sua responsabilidade no genocídio, respondem que, simplesmente, procuram não pensar no que aconteceu com as vítimas, que eles estavam cumprindo ordens e assim conseguem viver de forma bem tranqüila com seu passado. O mesmo comportamento é verificável no âmbito de muitas áreas da ciência contemporânea dominadas pela razão instrumental, onde os pesquisadores sequer questionam as conseqüências da utilização do seu conhecimento, como se o uso e a produção do conhecimento estivessem isolados. São os efeitos daquilo que Herbert Marcuse denominou de caráter ideológico da técnica e da ciência, fruto do racionalismo moderno, com potencial de produção da barbárie em patamares ainda desconhecidos. (...) Parafraseando Adorno, como a barbárie continua em curso, o desafio racional da nossa existência é construir a antítese na sociedade, de tal forma que seja possível à história produzir uma síntese mais humana do que a que temos consciência, para que genocídios como os de Auschwitz não se repitam jamais. (Revista Espaço Acadêmico. N° Setembro/2005)

Acredito que hoje, ninguém em sã consciência, poderia chegar a pensar e/ou atuar nesse limite, porem, diariamente escutamos e vemos noticias que não ficam muito longe da barbárie.

Então, vamos continuar capacitando pessoas sem base na formação humana? Acredito seja urgente dar ênfase a aspecto valorativo e de princípios éticos na formação de profissionais na educação superior, de maneira que, pelo menos, exista uma reflexão sobre as nossas atitudes e ações, tanto pessoais quanto profissionais. Agora, não é necessário ir ao século passado para observar questões como as que se descrevem no parágrafo anterior, a nossa sociedade atual, nosso dia a dia está cheio de exemplos de violência e discriminações, que leva a perguntar-me: estudar para que?

A maioria de nós passou grande parte da vida na escola, em media mais ou menos uns 20 anos. Para que? Para 'aprender coisas' que raramente chegamos a usar. Ainda assim, muitos professores não renunciam a sua condição de educadores e lutam por passar aos seus alunos uma educação mais humana, ou com matizes humanistas. Importante lembrar aqui o que nos diz Morais (1982, p.90).

Vinte anos de escolarização para fazer homens capazes de discriminar, odiar, engajar-se em lutas sóciais onde contam armas e truques, menos a força da dignidade e do respeito pelo humano.

Assim, o meu interesse, a minha preocupação pela formação humana, tem a ver com a descoberta que foi acontecendo enquanto me desenvolvia como professor de Educação Física no ensino infantil, fundamental e médio. Nesse percurso fui descobrindo que os conteúdos, ou pelo menos, a forma de utilizá-los, não dava conta dos interesses ou problemas dos alunos. Nem das urgências sociais da minha comunidade. Comecei a observar que era praticamente impossível atingir os objetivos que o Ministério de Educação do Chile solicitava para a Educação Física Escolar, que orientam a atuação profissional para o rendimento esportivo e a melhoria da qualidade de vida por meio da atividade física. Então, como continuar insistindo com o desenvolvimento de capacidades e habilidades físicas, quando não havia tempo nem espaço para cumprir tal objetivo, sobretudo quando os alunos mostravam problemas que superavam questões físico-esportivas, tais como separação dos pais, consumo de drogas e álcool, pais alcoólatras, violência, pobreza, gravidez adolescente, entre outros.

Este interesse tem a ver com minha visão do que seja educar. Também tem a ver com minha preocupação pelos currículos de formação de professores de Educação Física os quais, na sua maioria respondem às características da economia neoliberal onde o mercado tem-se apropriado até dos sonhos humanos, mas também sei que, tendo possibilidade de escolha, eu posso escolher orientar minha atuação profissional para a formação humana e o desenvolvimento da atitude social.

Interesse com o humano, entendido como o sentido humanitário de minhas ações e atitudes, isto é, sentimentos de bondade, solidariedade, cooperação, compaixão, espírito de serviço, entre muitos outros sentimentos que caracterizam o humano como um caminho para a paz, não num sentido ingênuo ou simplista, mas consciente do próprio conflito existencial que caracteriza o processo evolutivo do homem. Isso se traduz no desejo de contribuir para que o fazer da capacitação na formação profissional de professores de Educação Física se transforme em uma capacitação *mais humana*. Sei que pode parecer uma atitude utópica da vida profissional, mas acredito que seja possível educar nessa perspectiva.

Importante lembrar até aqui que todo ser humano evolui, tanto no profissional quanto no pessoal. Nesse processo evolutivo construímos nossas praticas à luz de paradigmas estabelecidos pela cultura hegemônica, sem maiores questionamentos. Até que a própria prática se vê enfrentada a evoluir ou perecer num dialogo sem sentido e sem transcendência pedagógica. Alias segundo Berger (2001, p.2), *o desejo de buscar a evolução pessoal faz parte intrínseca da natureza humana e pode ser chamado de auto determinação.*

Por outro lado, Neira & Nunes (2006, p.97) afirmam que:

> As transformações, inovações e renovações que se seguem devem, antes de tudo, surgir dos anseios e das necessidades do professor, e essas advêm da insatisfação e dos questionamentos da própria prática, ou seja, dependentes de um contexto educacional mais amplo.

Agora, evoluir tem a ver com a procura de novas respostas a perguntas antigas. E na minha evolução comecei a me questionar respeito do verdadeiro valor educativo da Educação Física. Onde está esse valor educativo? Nos seus conteúdos? Suas metodologias? O que é um processo de ensino-aprendizagem transcendente?

Nesse processo de redescoberta percebo que os processos de ensino escolares, sob o prisma do educador, estabelecem uma estreita relação entre a problemática existencial do professor e do aluno, usando os conteúdos como ponto de encontro, no sentido de que ambos formam parte de um processo existencial que ultrapassa conteúdos e metodologias especificas. Então, é para esse alvo que devo orientar minha evolução! O problema não é só os conteúdos ou metodologias, mas também ***como*** desenvolvemos esses conteúdos e metodologias, onde colocamos a ênfase: na capacitação ou na formação humana? De uma outra forma, disso já falei na minha dissertação de mestrado.

E até onde eu sei, quem enfatiza é o professor. Mas, como pode ele enfatizar na formação humana se seu perfil de formação profissional é a capacitação? E aqui o professor, a meu ver, tem responsabilidade profissional e pedagógica, no sentido de entender sua atuação como educador mais do que como instrutor e enxergar que algumas coisas não batem com o papel de educador, que aquela função deve superar o fato de passar informação para os alunos.

Isto é valido para todo profissional responsável pelo desenvolvimento de atos educativo-pedagogicos na escola. Só que, o despertar dessa responsabilidade tem relação com a evolução que falei anteriormente. Evoluir exige se questionar, assumir um outro patamar desde o qual olhar a própria prática pedagógica.

Mudar não é fácil, mas é possível. Acredito ter mudado em muitas coisas respeito de minha visão do que seja Educação Física escolar no percurso de minha atuação profissional. Talvez o que faz que as mudanças sejam lentas tenha a ver com o que manifesta De Masi (2003, p.127):

> Quando chegam as novidades, mesmo se percebidas de forma imediata como vantajosas, o nosso cérebro não está em condições de se reprogramar em tempo real para acolhê-las e assumi-las com critérios operacionais: é preciso tempo, muitas gerações, para que cada individuo e a sociedade no seu conjunto se reformulem, observando as novidades e transformando-as em hábitos. Durante essa fase, frequentemente muito longa, os indivíduos e a sociedade continuam a administrar os novos tempos com base nos seus velhos modelos cognitivos e comportamentais. Trata-se do fenômeno que os antropólogos chamam de cultura gap: o mesmo fenômeno que, repetindo-se nas diversas épocas, levou também os primeiros homens sedentários a se comportarem como base nos hábitos adquiridos no curso dos milênios de vida nômade; obrigou os habitantes das primeiras cidades a permanecerem agindo sob a influência dos hábitos campestres; forçou os primeiros operários a manterem valores camponeses e, por fim, constrangeu os atuais knowledge workers, os trabalhadores do conhecimento, a se organizarem segundo os velhos princípios industriais.

É a partir dessas reflexões que o presente estudo mostra a importância da formação humana na formação e atuação profissional do professor de Educação Física. Alias, um dos principais objetivos do estudo é recuperar a visão do professor de Educação Física primeiro como EDUCADOR e só depois como “gerenciador de atividade físico-esportiva”, questão colocada muito bem por Neira & Nunes (2006, p.207) na seguinte citação:

> A pesar da formação especifica, por inúmeras vezes, pudemos observar esses profissionais desempenhando prioritariamente papeis que não exigiam qualquer conhecimento especializado. Ou seja, para distribuir materiais esportivos, dividir equipes e arbitrar partidas de três ou quatro modalidades esportivas coletivas não são necessários quaisquer conhecimentos obtidos em cursos de nível superior.

A partir da análise teórico busco responder à seguinte questão: como a Educação Física pode contribuir à formação humana das pessoas. E, junto com isso, estabelecer as relações conceituais que permitam vincular a Ginástica Geral como proposta pedagógica no desenvolvimento dos conteúdos da cultura corporal. A construção dos *níveis de impacto* do processo ensino-aprendizagem é o resultado dessas relações conceituais.

O **capitulo I** apresenta uma análise sobre o conceito formação humana a partir do conceito *humano*, querendo desvendar o significado que será utilizado durante toda a tese. Junto com isso, apresento alguns dados com o intuito de sensibilizar e preparar ao leitor para uma concepção de formação humana além do didático-pedagógico.

No **capitulo II** apresento a fundamentação teórica desvendando conceitos que acredito têm uma relação direta com a análise e discussão do tema central, formação humana, apoiados na bibliografia que nos ajudará a entender o que significa ser "humano", o que nos faz humanos e quais as condições e características próprias de essa nossa particularidade. Isto junto aos conceitos pedagógicos atrelados à formação humana, alma de esta tese. Assim, navegamos pelo conceito de cultura, cultura patrimonial, cultura matristica e as emoções.

O **capitulo III** analisa a questão de formação humana na formação profissional inicial do profissional de Educação Física, colocando conceitos discutidos por outros educadores que apresentam a formação humana como pertinente à formação profissional, o que é independente da profissão que se estuda ou trabalha.

No **capitulo IV** apresento uma parte da história da Educação Física no Chile, meu País, procurando estabelecer as relações conceituais com o tema da tese. Também nesse capitulo apresento o processo de Reforma Educacional no qual se encontra a América Latina desde os inícios dos anos '90, e como dita reforma tem atingido o sistema escolar, especialmente a Educação Física.

O **capitulo V** apresento a minha proposta dos níveis de impacto que deve atingir o processo pedagógico para o desenvolvimento da formação humana, fazendo a ponte com os conteúdos da cultura corporal e com a Educação Física escolar. Estes *níveis de impacto* nascem de uma questão fundamental: o processo ensino-aprendizagem só tem sentido para o aluno quando as variáveis atreladas ao processo estão em sintonia com a vida do aluno. Dito de outra forma: o processo ensino-aprendizagem tem impacto nenhum quando atua sem sentido para o

aluno. Resumindo, se o que se quer é desenvolver uma formação humana conseqüente e coerente, então o processo pedagógico deve superar o nível de impacto da informação.

No **capitulo VI** apresenta-se uma proposta em base a um conteúdo do universo da Ginástica, conhecida no Brasil como Ginástica Geral, e nos conceitos dos professores Dra. Elisabeth Paolloiello e Dr. Jorge Pérez Gallardo, *Ginástica Geral com Orientação Pedagógica,* dado que considero dito conteúdo da cultura corporal como o mais adequado para o desenvolvimento da formação humana nos alunos da educação básica. Apresenta-se uma metodologia da disciplina como proposta para o currículo de Educação Física escolar, tanto para a formação quanto para a atuação profissional. Também, sugestões de aplicação do currículo Multicultural para o âmbito educacional, especificamente na educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Finalmente, **no capitulo VII**, a proposta curricular para a Educação Física escolar, elaborada pelo professor Dr. Jorge Pérez Gallardo e que se relaciona diretamente com a formação humana e o currículo multicultural, já que nela se propõe dar ênfase à cultura patrimonial dos alunos, especialmente no ensino fundamental. Essa proposta estabelece vínculos diretos com a proposta da Ginástica Geral com orientação pedagógica uma vez que para desenvolver a proposta curricular é necessária uma metodologia e didática que permita a livre exploração dos conteúdos, levando os alunos a criar e expressar representações artistico-corporais individuais e coletivas.

A tese apresenta uma análise e uma proposta respeito dos conceitos que se consideram fundamental para o desenvolvimento da formação humana e de nosso papel como educadores e como construtores de uma sociedade mais equilibrada no seu aspecto social.

Um outro objetivo é levar ao leitor a refletir e se questionar sobre sua própria prática procurando estabelecer vínculos entre o exposto aqui e sua evolução pessoal e profissional, uma visão subjetiva é verdade, mas sincera, um outro olhar do que significa ser educador por meio da Educação Física e, sobretudo, dos conteúdos pertinentes para veicular dita educação.

Acredito que as palavras de Santin (2003, p.127), representam um resumo da problemática apresentada nesta tese:

> Não é preciso muita informação para saber que há um clamor muito grande sobre a volta dos temas éticos na sociedade contemporânea (...) O próprio tecido social estaria se deteriorando por falta de moral, cuja responsabilidade é atribuída à ciência pela exclusão dos juízos de valor. Neste sentido, já Einstein escreveu: Sem cultura moral, não há nenhuma saída para os homens.

Também é justo pensar que uma parcela importante de investigadores ligados a paradigmas positivistas podem mostrar-se reticentes na minha tese ou na proposta pedagógica apresentada, pois como diz a Diretora da Associação Colombiana para o Avanço da Ciência, Sra. Elsa Acevedo:

> Una concepción de estas características, como es lógico, choca con la visión estática, tradicional e inamovible de la ciencia, la sociedad y el pensamiento, pero como ya lo afirmáramos, representa la única alternativa que se vislumbra para el futuro de nuestras sociedades en lo que respecta a sus patrones formativos dentro de los criterios humanísticos. Esto exige naturalmente el compromiso humanista de la ciencia así como un amplio proceso de apertura ideológica y democrática en todas y en cada una de nuestras sociedades dependientes. (http://www.oei.es/salactsi/elsa1.htm)

Finalmente, nesta introdução, desejo colocar uma declaração do Relatório Jacques Delors (UNESCO, 1998, p.50) que aponta, entre outras, a seguinte recomendação para a educação no século XXI:

> Devemos cultivar, como utopia orientadora, o propósito de encaminhar o mundo para uma compreensão mútua, mais sentido de responsabilidade e mais solidariedade, na aceitação das nossas diferenças espirituais e culturais. A educação, permitindo o acesso de todos ao conhecimento, tem um papel bem concreto a desempenhar no cumprimento desta tarefa universal: ajudar a compreender o mundo e o outro, a fim de que cada um se compreenda melhor a si mesmo.

CAPITULO II: FUNDAMENTOS TEORICOS

> *Chegou a hora de reconhecer que o que parecia triunfo não passou de derrota e de suicídio. Aquilo que parecia arma de defesa tornou-se arma homicida. A revisão desta situação deve nos conduzir para outras dimensões do ser humano, onde haja espaço para as harmonias, as paisagens e as cores. Onde o ser humano possa voltar a cultivar seus instintos, suas paixões e sua sensibilidade. (Santin, 1990, p.13)*

Não existem muitos estudos que relacionem Educação Física com o conceito formação humana, de fato na base de dados o termo formação humana não aparece como palavra chave, isto poderia significar que este conceito não é considerado relevante nas dissertações ou teses. Contudo, acredito que seja necessário desvendar primeiramente outros conceitos fundamentais relacionados com comportamentos humanos envolvidos no tema, sobretudo se o que se deseja é entender as múltiplas relações que existem entre o conceito formação humana e Educação Física.

Mas sim, devo reconhecer que, pelo menos no Brasil, a analise e discussão respeito de temas vinculados com a mudança de uma Educação Física mecanicista a uma Educação Física humanista começou há um tempo, precisamente com livros como Educação Física Humanista, onde o autor Vitor Marinho de Oliveira realiza uma analise histórico-critico das correntes da época e coloca uma pergunta, ao meu parecer fundamental: *Como conduzir estas atividades* [as da Educação Física] *de maneira a cumprir um papel verdadeiramente educativo?* (MARINHO, 1985, p.ix).

Sem duvida, essa pergunta mostra uma grande preocupação por superar o que até essa data eram as aulas de Educação Física escolar, denotando que ditas atividades só visavam o aspecto motor ou neurocomportamental. O autor também adverte que: *"O cotejo comportamentalista x humanismo representa os dois extremos de um continuum, ao longo do qual uma infinidade de matizes podem ser considerados"* (p.ix).

E enfatiza:

> O fato de fazermos a nossa proposta humanista à luz da psicologia não sugere, em hipótese alguma, que a educação possa ou deva ser reduzida ao plano individual. Este é importante quando interagindo com o social, em busca de uma superação dialética que permita ao homem ser o arquiteto de si mesmo e da construção de uma sociedade melhor e mais humana.

Concordando com essas palavras, o problema agora é buscar e propor fundamentos pedagógicos e metodologias pertinentes que permitam fazer dos conteúdos e atividades da Educação Física algo *verdadeiramente educativo*. Acredito que é possível transformar as nossas práticas pedagógicas a partir de uma orientação sócio-cultural que permita estabelecer vínculos entre o processo de aprendizagem e a vida dos alunos. E, desde meu ponto de vista, um processo de ensino *verdadeiramente educativo* debe procurar criar tais vínculos a partir da historia cultural dos alunos, da vida e significados deles.

O tema formação humana relaciona-se diretamente com essa concepção humanista da Educação Física uma vez que fica difícil desenvolver esse âmbito humano desde outra perspectiva, por exemplo, desde a mecanicidade da aplicação dos conhecimentos, sejam eles teóricos ou práticos. Na medida em que se fazem das ações pedagógicas simples instrumentos de capacitação para a produção de resultados, convertendo o ser humano numa maquina que produz, mas não sabe para o que nem se interessa pelas conseqüências dessa produção, temos poucas ou quase nenhuma possibilidade de formar humanamente.

No âmbito da natureza, os seres humanos dependemos muito dos outros para sobreviver. Outros animais ficam prontos, quase ao momento de nascer, para enfrentar os desafios da vida. Porém, nesse desenvolvimento os humanos lutam da melhor maneira possível. Mas, nesse percurso de desenvolvimento, não todos têm as mesmas oportunidades e condições, o que vai diferençando aqueles que dão certo e os que dão errado na vida. Em relação a isso o sistema sócio-educacional é excessivamente desigual e crianças que nascem em condições pobres, provavelmente terão que freqüentar uma escola pobre.

De acordo com o anterior, nenhuma vida é igual à outra e a experiência de cada um é única e intransferível. As nossas vivências vão determinando o nosso perfil, configurando nossa personalidade, nosso olhar, nossos conceitos, nossas crenças, e junto com isso, construindo um caminho para tentar encontrar as respostas as nossas inquietações, e, tudo isso, nos condiciona como pessoas únicas, diferentes, com uma postura particular frente às coisas do mundo. Assim, pelo conhecimento adquirido no convívio com a família, amigos, e na escola, entre outros, vamos configurando uma visão do mundo em que vivemos, aprendendo o que é bom e ruim, o justo e injusto, vamos transformando-nos na fala e nos contatos corporais, até ficar mais ou menos pronto para compreender qual é a nossa função aqui, neste lar, nesta vida.

Neste percurso, tanto indivíduos quanto sociedade, tem chegado a graus extremos de uma atitude de consumo e mercado, na qual o que importa é o ter mais do que o ser, o vencer mais do que o partilhar, o submeter mais do que o respeitar a liberdade de cada um. Embora, alguns defendam que é impossível evitar a globalização do mercado e da tecnologia, acredito que deveríamos evitar a globalização da miséria.

Em relação com isso:

> O final do século *[XX]* está reservando duas surpresas: a cada dia, a humanidade se faz mais global e, ao mesmo tempo, mais desigual. (...) Na mesma velocidade com que a humanidade caminha para a integração internacional (...) ela marcha para a desintegração social dentro de cada país. Não há como evitar tecnicamente o caminho de integração mundial, mas é inaceitável tolerar eticamente o da desintegração social. Diante da humanidade estão dois caminhos: o da globalização perversa e da desigualdade crescente ou o da construção de uma globalização sem exclusão. (CASTELLANI, 1999, p. 178-179)

Segundo Sampaio (2004, p.20): *A crise da educação é a mesma que assola a sociedade e todo o planeta: a crise da consciência dos valores humanos, dos sentimentos e dos ideais.*

Ainda quando não é necessário fazer aqui um estudo filosófico, antropológico e/ou sociológico do ser humano para entender do que estou falando, sobretudo porque não é esse o objeto da presente tese, é importante refletir sobre as condições e características para entender o que desejo desenvolver: **a formação humana como fato relevante dos processos educativos, sejam eles sistemáticos ou não.**

Autores como Santin (1990), Severino (1992), Morais (1982), têm analisado e discutido o tema da des-humanização fazendo a ponte com assuntos educacionais. Maturana, no extenso das suas obras, (1995 –1997 –1999), tem falado sobre Formação Humana e Capacitação, explicando que o grande problema da educação tem sido confundir esses dois tipos de conceitos. Para esse autor, o problema fundamental dos relacionamentos humanos, enquanto viver em harmonia, nasce da perda da Cultura Matristica e do surgimento da Cultura Patriarcal.

Segundo Pérez Gallardo (2000, p.81), *A formação humana tem relação com o desenvolvimento da criança como pessoa, capaz de ser procriadora, junto com as outras, de um espaço humano de convivência social desejável*.

Quero destacar aqui que a formação humana se relaciona com o desenvolvimento de atitudes e valores que influenciam o crescimento pessoal e social do individuo. Desta forma, um sujeito formado em uma dimensão mais humana, atua com esquemas de valores coerentes, propositivos e próprios. É um ser que reconhece seu papel na sociedade, na instituição para a qual trabalha e na família; que respeita sua corporeidade, seus espaços concretos de ação e compreende a diversidade cultural na qual está imerso; em conseqüência é um sujeito ciente de seu constante crescimento.

Refletindo sobre a questão da educação humanizadora (formação humana), Pérez Gallardo, Campos e Linzmayer Gutierrez (2003, p.19-20) propõem uma reflexão sobre alguns princípios orientadores sobre as questões didáticas no currículo escolar, que efetivamente contribuem para a formação integral do educando, desses pontos, destacamos alguns:

> - Toda e qualquer disciplina do currículo escolar deve estar orientada primeiramente à formação humana, independentemente do seu conteúdo, dado que qualquer conteúdo ou conhecimento é independente de sua utilização. A utilização dos conteúdos obedece a valores ou princípios humanos de convivência e não apenas ao domínio instrumental dele. Exemplo, eu posso ensinar (capacitar) a um aluno a utilizar uma pistola, agora, o porquê e para que, depende de valores.
> - Na escola é a sociedade hegemônica quem define os conteúdos e inclusive os valores que devem ser veiculados nessa escola, porém esses são conteúdos e valores gerais para toda uma nação. O problema que uma nação é constituída de muitas culturas, assim a escola deve procurar a melhor forma para que o processo educacional ocorra a partir dos valores de cada cultura e a partir dela procurar as semelhanças com as demais culturas, de tal modo que no fim do processo educativo o aluno tenha a visão de totalidade da cultura de sua nação outorgando-lhe o sentido de pertença ou nacionalidade.

> - Cada disciplina do currículo escolar deve ter um conteúdo que capacite o aluno numa esfera do conhecimento, que lhe permita atuar numa área de seu interesse, onde o aluno consiga um espaço de aceitação e de compromisso social desejável com seu grupo social, para adquirir paulatinamente sua responsabilidade com os compromissos de toda a nação.

Também, Iglesias (2002) entende por formação humana o desenvolvimento e educação de todas aquelas qualidades humanas que são importantes para a construção do caráter e da personalidade. Esta discussão acredita sua importância porque coincido com Ribeiro R. (2003, p.33) quando diz: *O que está em jogo é que tipo de humanidade queremos, e como podemos, nas próximas décadas, construir um mundo no qual a felicidade seja mais do que o grau zero da dor e da carência: em que ela seja algo positivo.*

Romera (1998, p.7), na sua dissertação de mestrado, ao pesquisar sobre *A Contribuição da Educação Física no Processo de Humanização do Adolescente*, nos tráz um panorama geral dessa situação: *Aquilo que aqui denominamos de processo humanizador, já foi tratado por diversos autores que, atribuindo ao tema nominações similares, deram ao assunto o caráter de formação humana como fim último da Educação.*

A autora conclui que: *(...) a Educação Física terá condições de atingir o caráter humanizador nas aulas no momento em que o professor destituir-se da função de técnico esportivo para passar a ser educador (...)* (idem, p. 101), e finalmente, estabelece que (...*) para que tal processo se viabilize é necessário e fundamental que haja mudança de comportamento por parte do profissional.* (Idem, p. 102).

Enquanto à Educação Física, Carvalho (1978, p.136), adverte que: *Convém ter presente em mente que a Educação Física e o Desporto, na medida em que são atividades historicamente situadas e construídas pelo Homem, devem ser também dirigidas para o Homem, e nunca contra ele, ou apenas e por cima dele.* Por outro lado, Medina (1983, p.86) nos lembra: *A Educação Física sempre será subdesenvolvida, enquanto estiver eminente ou exclusivamente voltada para o físico. Quando esse passa a representar o fim último de suas tarefas não se pensa em mais nada.*

Por outro lado, o fenômeno do desenvolvimento humano estabelece vínculos entre a capacitação e a formação humana, mas o que os distintos autores querem nos dizer é que nos últimos decênios tem havido uma ênfase na capacitação deixando de lado a formação

humana. Daí que temos desenvolvido uma alta tecnologia, mas não temos aprendido a usá-la em serviço dos mais desfavorecidos.

Isto é, com todo o avance cientifico e as tecnologias produzidas até hoje, ainda não conseguimos, como espécie, viver em paz, erradicar as diferencias sócias, eliminar a pobreza, a fome e diminuir a violência. Todas elas, situações que prejudicam o ser humano com ser supostamente evoluído e capaz de transcender sua própria individualidade.

Estou ciente da grande quantidade de instituições que trabalham em prol da humanidade e dos mais necessitados; do esforço das Nações Unidas para terminar com as guerras e a fome no mundo, mas cada um de nós tem uma pequena parte da grande responsabilidade de equilibrar as atuais diferenças entre ricos e pobres. Talvez não possa mudar o mundo, mas acredito na possibilidade de mudar minha forma de olhar e de atuar frente a esses fenômenos.

Muitas pessoas e profissionais manifestam sua preocupação pelo tema de diversas maneiras: em novembro de 2002 o Curso de Licenciatura em Enfermagem da UNICAMP, organizou um fórum de reflexão com o tema: *Há espaço para a dimensão humana na formação do aluno de nível médio de enfermagem?* Esse fórum mostra uma preocupação pela formação humana nos profissionais de enfermagem o que reforça minha tese da necessidade de propor mecanismos de ação, sistemas pedagógicos que permitam o desenvolvimento de dimensões que ajudem a uma melhor interação humana.

Na sua dissertação de Mestrado, Milharci (2004, p.xi), utilizando como percurso metodológico o Discurso do Sujeito Coletivo, envolvendo aspectos sociais, políticos, históricos e principalmente sentimentos humanos, nos diz:

> A análise dos temas revelou a realidade que permeia as escolas de ensino médio de enfermagem e evidenciou-nos que as concepções de dimensões humanas ainda estão voltadas para uma formação predominantemente técnica e prática do cuidado humanizado.

O anterior reafirma o que me preocupa na minha tese, junto à elaboração dos conceitos e justificativa da formação humana inerente aos processos sócio-culturais, fornecer uma analise e discussão que nos leve a refletir sobre o fato de como a formação humana é necessária para um melhor aproveitamento dos conteúdos da Educação Física.

Na sua tese Paim (2005, p.455), declara:

> Vivemos tempos de Neoliberalismo, Globalização, Neotecnicismo, Neopositivismo, Pós-modernidade, de perda de valores, de perda da humanidade, tempos da não-relação, do não-ser, do não-diálogo, da falta de memória, do apagamento das experiências, de prevalecimento das vivências automatizadas, da necessidade de a tudo e todos mudar; enfim, um tempo que tenta fazer dos professores e professoras multidão sem rosto, sem nome, autômatos, isolados nas Escolas, onde foram transformados em “mais um”.

Apesar das manifestações quanto os tempos que vivemos e das declarações de preocupação pela falta de humanidade, ainda não existem muitas pesquisas ao respeito. De fato parece-me que esta seja um dos primeiros estudos teóricos na área da Educação Física que manifesta abertamente uma postura pedagógica ao respeito, enfatizando a formação humana como o norte de qualquer conteúdo que os professores queiram desenvolver no âmbito educacional e propondo a Ginástica Geral como ferramenta pedagógica para tal efeito.

Quanto à formação profissional, nas **Diretrizes Curriculares Nacionais (2002, p.15)** do Curso de Graduação em Educação Física pode-se ler:

> **Art. 10** - As Diretrizes Curriculares e o Projeto Pedagógico devem orientar o Currículo do Curso de Graduação em Educação Física para um perfil acadêmico e profissional do egresso. Este currículo deverá contribuir, também, para a compreensão, interpretação, preservação, reforço, fomento e difusão das culturas nacionais e regionais, internacionais e históricas, em um contexto de pluralismo e diversidade cultural.
>
> **Parágrafo 1º** - A aprendizagem deve ser interpretada como um caminho que possibilita ao sujeito social transformar-se e transformar seu contexto. Ela deve ser orientada pelo princípio metodológico geral, que pode ser traduzido pela ação-reflexão-ação e que aponta à resolução de situações-problema como uma das estratégias didáticas.

De acordo com o anteriormente exposto, a formação profissional inicial em Educação Física deveria procurar desenvolver nos alunos uma postura firme e convencida do que significa a responsabilidade de educar, indo além do fato da especificidade dos conteúdos tradicionais, buscando neles o sentido de ser o que somos como seres humanos e como profissionais

Concordando com isso, Santin (2003, p.127), nos lembra que é necessário reformular a responsabilidade que tem a Educação Física respeito das questões humanas:

> A educação física, novamente, não pode omitir-se de repensar as suas relações com a pessoa humana, especialmente naquilo que ser refere à exploração das potencialidades físicas em proveitos de resultados, que não beneficiam em nada a integridade e o desenvolvimento dos indivíduos.

O autor manifesta sua preocupação com o fato da Educação Física pertencer à ciência da saúde, e concordo com ele quando declara (p.147).

> Então agora educação física deixou de ser educação? Algumas universidades a haviam incluído na área das ciências da educação, cinco estabeleceram a educação física como sua área de concentração, e cinco definiram o movimento sob a ótica das ciências. Nenhum deles, no rigor das palavras, apresenta uma temática mais afim com a saúde. E agora, como deveria ficar a produção cientifica?

Também, ao respeito David (2003, p. 131), menciona que:

> Enquadrá-la no campo de conhecimentos da saúde significa a sua própria descaracterização histórica e a evolução dos conhecimentos e práticas interdisciplinares historicamente apresentadas pela Educação Física na pedagogia escolar, nas práticas corporais, nos esportes e nas várias linguagens expressivas que gerou e vem gerando conhecimentos teóricos, reflexões e práticas reconhecidamente válidas para a sociedade.

Os profissionais da área que procuram na Educação Física um meio para descobrir formas de desenvolvimento dos aspectos sócio-afetivos, buscando apoio teórico nas ciências humanas, têm dificuldade para ser compreendidos e aceitos no “mundo cientifico”. O professor Dr. Jorge Pérez Gallardo pensa que, enquanto a Educação Física tenha como norte principal a educação do homem como cidadão, sobretudo no ambiente escolar, ela relaciona-se mais com as artes que com as ciências. Ainda mais, diz que se ela deve ter um objeto de estudo, este objeto é o gesto, justificando sua postura desde a perspectiva de ser a gestualidade a forma que temos os humanos de nos comunicar e que ela nasce desde as profundezas de nossas emoções.

O paradigma “físico-esportivo” da Educação Física tem sido muito forte e convincente, utilizando os problemas de saúde e a procura de talentos esportivos como justificativa para explicar sua presencia pedagógica na escola, mas até agora não há mudanças significativas nos processos pedagógicos escolares, e, a grande maioria dos professores ainda relaciona Educação Física à atividade física e consumo de energia, sendo os padrões motores o principal aspecto para avaliar nas crianças.

1.1 O que nos faz humanos

> (...) a pergunta ‘quando nos tornamos humanos? ’(...), embora possa parecer uma pergunta direta sobre os fósseis já catalogados, na prática descobriremos que ela depende não apenas das tecnicalidades da datação dos fósseis, mas dos critérios pelos quais a humanidade é definida. (Foley, 1998, p.38)

O tema da formação humana obriga a considerar uma orientação respeito a que vamos a entender por “ser humano”. Portanto, acredito ser importante desvendar o que nos constitui ou configura como humanos. Isto é, na perspectiva de esclarecer como o ser humano tem se desenvolvido e, nesse desenvolvimento, chegar a se constituir como tal, tanto filogeneticamente quanto ontogeneticamente. O tema pode parecer longo demais. Mas para efeitos da presente pesquisa não é necessário um estudo muito aprofundado a respeito. Daí que a análise gira em torno a dois conceitos fundamentais: natureza e cultura.

O ser humano é conseqüência de um processo no qual natureza e cultura produzem uma simbiose no percurso de transformar o individuo num sujeito histórico e com identidade própria. Não é só um fator o que nos constitui como seres humanos, é toda uma dinâmica relacional entre nossa natureza e nossa cultura, entre a nossa individualidade e nossa estrutura social. Segundo Daolio (1995, p.33) *A espécie humana só chegou a se constituir como tal pela concorrência simultânea de fatores culturais e biológicos.*

Por outro lado, Neira e Nunes (2006, p.21) afirmam:

> (...) a humanidade é interpretada pela tentativa de aproximação da dimensão biológica e da imensa diversidade cultural. Neste sentido, todas as diferenças que parecem, a principio, ligadas apenas às características biológicas, como, por exemplo, as diferenças sexuais, não podem ser analisadas sem estar sob o jugo da cultura.

A natureza nos proporciona possibilidades de desenvolvimento das capacidades e habilidades que nos podem permitir comunicar o que pensamos, desejos e idéias, mas, tão importante como isso é a formação que adquirimos nas interações com o meio ambiente, e dentro desse meio, com outras pessoas e elementos da mesma natureza.

Desde habilidades básicas, como a fala e a postura ereta, até qualidades como a honestidade e a perseverança, são frutos da educação e da experiência. O ódio, a inveja, a ambição e a susceptibilidade a ser manipulado, são exemplos resultantes dessas formações. Isto nos obriga a considerar que partilhamos uma mesma natureza e que só somos diferentes culturalmente, já que o homem só pode intervir nos processos sociais, construindo cultura, mas não pode (ou não deve?) intervir em processos naturais estruturados geneticamente. Nesse sentido, a Educação Física Escolar, que tem baseado suas práticas na biologia, em padrões físicos, comete uma falta ao não considerar as variáveis culturais dos alunos.

Portanto, é necessário considerar as nossas semelhanças e respeitar as nossas diferenças quando pretendemos desenvolver os conteúdos da Educação Física na escola, permitindo uma educação e uma transformação baseada na formação humana de nossas qualidades como indivíduos sociais. Essa educação transformadora nos exige uma sensibilização enquanto às distintas circunstancias que cada ser humano vive. Temos de dar mais importância ao que nos une, tentando fazer uma ponte entre o que nos separa. De esta maneira reconhecer e aceitar que nossas diferenças não são mais que outra particularidade de estar no mundo, e são precisamente estas diferenças o que nos faz iguais como seres humanos.

Um outro autor que apóia essa idéia é Rogers (1982, p.32-33): *(...) estas diferenças que separam os indivíduos, o direito que cada pessoa tem de utilizar a sua experiência da maneira que lhe é própria e de descobrir o seu significado, tudo isto representa as potencialidades mais preciosas da vida.*

Contudo, a discussão natureza/cultura, isto é, contestando à pergunta o que nos faz humanos, é um debate que se considera superado pelos estudiosos do tema, uma vez que não existe uma condição especifica que determine o humano, como já disse, é uma combinação e constante fluir de condições culturais e biológicas. Nascemos dotados como espécie de um potencial biológico, que dada certas condições ambientais, possibilita o desenvolvimento do potencial humano. Esse potencial humano é o que permite ao homem transformar sua própria realidade.

Para Geertz (1989), tornar-se humano é tornar-se individual, mas, nos tornamos individuais de acordo a padrões culturais. Já para Maturana (1995, p.23) o que nos faz humanos é a capacidade de *"linguajar"*, conversar, construir diálogos que nos permitam comunicar idéias, pensamentos e emoções, por meio dos quais possamos nos reconhecer como iguais e diferentes no mesmo tempo. Segundo o autor:

> En el conversar construimos nuestra realidad con el otro. No es una cosa abstracta. El conversar es un modo particular de vivir juntos en coordinaciones del hacer y el emocionar. Por eso el conversar es constructor de realidades. Al operar en el lenguaje cambia nuestra fisiología. Por eso nos podemos herir o acariciar con las palabras. En este espacio relacional uno puede vivir en la exigencia o en la armonía con los otros. O se vive en el bienestar estético de una convivencia armónica, o en el sufrimiento de la exigencia negadora continua.

Segundo o autor Ridley (2004, p.94) natureza e criação vão juntas. Os genes não só determinam a estrutura do cérebro, como também absorvem experiências, reagem a fatores ambientais e até norteiam a memória. O mesmo autor nos diz: *(...) sem duvida importa menos saber se a natureza humana é mais inata ou mais aprendida, mas exatamente de que modo ela é as duas coisas.*

Finalmente, a questão do humano, do que nos caracteriza como tal, não se resume a uma qualidade ou condição. Construímos-nos, nos fazemos humanos, e nesse ponto, temos a possibilidade de desenvolvermos em harmonia entre nossas especificações biológicas e culturais. As dinâmicas relacionais nos integram, nos condicionam, e nos vinculam dependendo da cultura na qual existimos como sociedade. A partir desse ponto, cada um de nós configura sua personalidade de acordo às experiências e estímulos sócio-afetivos e ao potencial genético do qual dispomos.

Segundo Pinker (2004), “entender” a conduta humana significa conjugar uma serie de fatores tais como: os genes, a anatomia do cérebro, o estado bioquímico do cérebro, a educação que a pessoa recebeu na família, o modo como a sociedade tratou esse individuo e os estímulos que se impõem à pessoa. Como vemos, todos esses fatores se misturam no momento de conformar as ações do ser humano.

O importante aqui é reconhecer que não existe uma única forma de explicar o que nos conforma com seres humanos e que a educação sistemática tem um papel relevante na conformação dessa constituição humana.

1.2 Cultura Matristica

Outro conceito que se apresenta para minha analise nesta tese é a cultura matristica, uma vez que ele envolve características que fundamentam a necessidade de vincular os atos educativos num sentido “mais humano”. Sendo a Cultura Corporal o conteúdo da Educação Física escolar, o conceito cultura aparece aqui como chave para compreender o desenvolvimento humano, precisamente como um processo construído historicamente e que caracteriza a nossa existência como sociedade e individuo. E em relação ao conceito cultura, amplamente desenvolvido por diversos autores, escolhi falar sobre aquela que Maturana trata nas suas obras, uma vez que aparece como uma forma de explicar os conflitos de poder e hierarquia.

Maturana (2007), fala de uma cultura *matristica* na qual a mulher tem uma presença mística que implica a coerência sistêmica de aconchego, fora do autoritarismo e do poder hierárquico. Esse conceito é contrario à palavra matriarcal, significando esta última, o mesmo que o conceito patriarcal, em uma cultura na qual as mulheres têm o rol dominante. O conceito *matristica* é usado para referir-se a uma cultura na qual, homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrado na cooperação sem lutas de poder, precisamente porque a figura feminina representa a consciência não hierárquica do mundo natural à qual pertencemos os seres humanos, em uma relação de participação e confiança.

Segundo Maturana, o pensamento patriarcal é essencialmente linear e se localiza em um contexto de apropriação e controle, e se dirige primariamente para a obtenção de algum resultado particular porque não atende às interações da existência. O pensamento matrístico, pelo contrário, tem lugar em um contexto de consciência da inter-conectividade de toda a existência, e, portanto, não pode senão viver continuamente no entendimento implícito de que todas as ações humanas têm sempre conseqüências na totalidade da existência.

A relação desse conceito com os atos educativos está na relevância que nossas atitudes têm para nossos alunos, já que ser matrístico implica o respeito por si mesmo e respeito aos outros, principalmente entendendo que as ações humanas existem numa rede dinâmica de conversações (os gestos ou a linguagem corporal de interação que permite a comunicação) estabelecidas emocionalmente e orientadas culturalmente.

Essa cultura matristica nos permite respeitar as diferenças e respeitar o outro como legitimo outro, unificando as ações humanas no equilíbrio das responsabilidades compartilhadas, já que ela existe na cooperação e não na dominação. Na prática, o respeito do legitimo outro existe quando o professor corrige o “fazer” do aluno evitando criticar seu “ser”.

Com relação à Educação Física escolar, uma aula que orienta os conteúdos pelo gênero dos alunos e determina atividades diferentes para meninos e meninas, formatando dessa maneira comportamentos masculinos e femininos, alimenta o preconceito de “forte” (homem) e “fraco” (mulher), já que supostamente as meninas não poderiam realizar atividades consideradas masculinas e os meninos não deveriam realizar atividades consideradas femininas.

Nesse sentido, segundo Daolio (2004, p.109), pode-se afirmar que há uma construção cultural do corpo feminino diferente da construção do corpo masculino. Isto nos leva a reforçar comportamentos de obediência e poder, nos quais as atitudes de aconchego, ternura, carinho, afetividade e amor, ficam caracterizados como condutas femininas e se estimulam nos homens as atitudes de força física e proteção da prole, características próprias da cultura patriarcal, na qual as relações humanas existem em uma ordem de autoridade, poder e obediência.

A cultura matrística evita a luta pela dominação e o poder, porque ela não está centrada no controle e na apropriação. Ela é aceitação mútua no compartilhar e na cooperação, na participação, no auto-respeito e na dignidade, em um conviver social que surge e se constitui no viver em comunidade cooperando com os outros para o próprio desenvolvimento.

O professor, e, nosso caso, o professor de Educação Física, deveria ofertar um *meio ambiente matrístico*, no espaço de vivência das aulas (Pérez Gallardo et. al. 2003), de tal forma que cada um dos seus alunos seja respeitado em suas características individuais, e que todos os alunos possam vivenciar em liberdade as emoções próprias da sua idade. Segundo o autor, a Educação Física escolar deve considerar na aplicação de conteúdos, a cultura patrimonial do aluno, começando pelas características, costumes e tradições da família.

Dessa forma, considerando nossa natureza e respeitando os valores culturais, colocando nas aulas vivências sócio-afetivas, estaremos contribuindo na formação humana de nossos alunos.

A questão cultural faz referência a valores. E cada sociedade estabelece os próprios de acordo a costumes e crenças desenvolvidas historicamente. Nesse sentido é importante que o educador leve os alunos a reconhecer esses valores orientando-o no respeito dos mesmos em relação a outras manifestações sócio-culturais. Com relação a isto é importante lembrar o que nos fala Medina (1983, p.24): *O homem só poderá crescer – isto é, ser cada vez mais – através da expansão gradual e contínua da percepção de si em relação a si mesmo, e em relação aos outros, em relação ao mundo.*

Alias, segundo o professor Humberto Maturana (1999): *Os problemas da adolescência não são conflitos de cambio psicológicos; são câmbios de cultura que surgem ao passar de uma cultura a outra que a nega completamente*, (de uma cultura matristica a uma vida adulta patriarcal).

O conceito cultura também é analisado por Neira e Nunes (2006, p.209) quando dizem: *A expressão 'cultura corporal', apesar de bastante disseminada no meio acadêmico, é pouco compreendida no âmbito profissional da Educação Física.*

Os autores também fazem referencia à abordagem crítico-superadora, defendida por Soares et. al. (1992, p. 212), enfatizando que o que lhes parece *fundamentalmente importante na perspectiva desses autores é a preocupação em possibilitar uma visão ao aluno e/ou aluna, capaz de fazê-lo compreender a dinâmica das relações sociais nas quais está inserido.*

Importante ressaltar aqui o que Maturana (2007, p.262) responde frente à pergunta: *dá o mesmo qualquer viver cultural?*

> Não, não dá no mesmo. (...) O único viver cultural no qual se é pessoa, no qual se pode ser responsável do próprio fazer, no qual se é espontaneamente ético, é o que surge na epigeneses do viver na matriz biológica da existência humana a qual é a relação amorosa materno-infantil na total aceitação e desfrute da cercania corporal na brincadeira. Quando isto não acontece na infância, tem que se dar, seja de uma maneira acidental, seja intencional, uma relação que crie com algum adulto um conviver equivalente (...).

Finalmente, cultura, Educação Física, formação humana e matristica são conceitos que deveriam morar juntos na pedagogia de qualquer professor, uma vez que é difícil educar sem o auxilio de tais conceitos, pelo menos no sentido da minha tese.

1.3 O problema da atitude (cultural) competitiva

> *Para tornar os capitalistas mais "humanos" é necessário desapropriá-los do mecanismo que os torna desumanos: a propriedade privada do capital acumulado pelo trabalho humano de outros.*
> *(Inácio. 2006*).

Segundo Inácio, (2006), muitas são as manifestações da idéia de competição em nosso meio social. Ela está presente desde a "preparação" das crianças, pelos pais, para "vencer na vida"; nas brincadeiras e jogos competitivos onde "o importante é competir" para que haja "graça"; em festivais, gincanas, concursos, programas de televisão (Big Brother) e em todas as atividades que pressupõem a seleção de alguns para a necessária exclusão de outros; chegando, finalmente, ao mundo competitivo do trabalho e ao conjunto das relações sociais onde o que importa é ser um "vencedor", para demonstrar "competência" e afirmação diante dos outros.

Como afirma Rey, (apud. Inácio, 2006), *ao valorizar a competição, ao levantá-la como bandeira, o homem vê o outro como seu inimigo (...) e quando há um ganhador, o mais forte, surgem irremediavelmente a marginalidade e a opressão.*

Segundo o autor, essa lógica competitiva divide o mundo em vencedores e perdedores. Isto cria situações de angustia e revolta nos excluídos. A violência que aumenta assustadoramente na sociedade e passa atingir fortemente as escolas, deve ter relação com o sentimento de exclusão que atinge a maioria das pessoas do planeta.

Essa prática constante de levar tudo a parâmetros de competição favorece o surgimento de condutas e atitudes que diminuem ou não consideram a cooperação como fundamento essencial na evolução humana para melhorar as condições de vida da própria humanidade. Segundo Inácio (2006)

> É evidente que essa situação tem efeitos sobre a cultura da humanidade, especialmente nos países pobres, onde os contrastes sociais são ainda mais perceptíveis. Em primeiro lugar, podemos falar de uma espécie de conformidade e adaptação. Em função da exigência de competitividade, cada um se vê como adversário dos outros e pretende lutar pela manutenção de seu lugar de trabalho. Os excluídos são taxados de incompetentes e os pobres tendem a ser responsabilizados pela sua própria pobreza. Paralelamente a isso, surge nos países industrializados uma nova forma de extremismo de direita, de forma que a xenofobia e a violência aparecem entrelaçadas com a luta por espaços de trabalho. É claro que a violência surge também como reação dos excluídos, e a lógica do sistema, baseada na competição, desenvolve uma crescente "cultura da violência" na sociedade. Também não podemos esquecer que o próprio crime organizado oferece oportunidades de trabalho e segurança aos excluídos. (Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/arquivo/andrioli.htm; acessado 29/09/06).

Por outro lado, Maturana (1999, p.34), afirma que a conduta social se funda na cooperação e não na competição. *A competição é essencialmente anti-social, porque como fenômeno consiste na negação do outro*.

Beltrão (2006, p.37), citando Boff diz: *(...) a lei básica do universo não é a competição que divide e exclui, mas a cooperação que soma e inclui*. O mesmo autor enfatiza que este cenário é necessário para desenvolver a *Cultura da Paz*, movimento cuja semente germinou a partir da reunião de peritos de Yamoussoukro (1989) e que em 1995 foi adotado como programa da UNESCO. O autor acredita que:

> As transformações devem acontecer no plano dos valores, atitudes e comportamentos corroborados pelas palavras de Paulo Freire (1986): “A paz se cria e se constrói com a superação das realidades perversas. A paz se cria e se constrói com a edificação incessante da justiça social”. (idem, p.36)

Daí que insisto na necessidade de reformular, repensar e reconsiderar as nossas práticas pedagógicas quando utilizamos o esporte com fim competitivo. E, por isso mesmo, o assunto é mais uma vez do paradigma que orienta a sociedade toda. O que nos obriga a voltar à pergunta: que tipo de sociedade você quer viver?

Isto significa que na medida em que fazemos dos atos educativos, atos de competição, pela razão que for, as pessoas ficam mais longe uma das outras, já que para vencer é necessário derrotar ao outro. Na derrota o outro fica literalmente excluído. Um ato social não coloca às pessoas em situação de competir, mas na situação de cooperar e partilhar visando um equilíbrio entre o ser e o ter.

Em relação ao anterior, a Educação Física escolar tem um papel fundamental no que respeita ao desenvolvimento da conduta social, porque quando a Educação Física se preocupa somente do desenvolvimento das capacidades físicas e/ou habilidades esportivas, o aluno tem poucas oportunidades de desenvolver sua sensibilidade pessoal e social, levando-o a competir sem considerar, muitas vezes, a aflição do outro na derrota.

O problema na escola se manifesta na orientação de alguns conteúdos serem apresentados com fim em si mesmo, o que leva o aluno a competir com outros em uma luta por mostrar superioridade em relação a quem não tem as habilidades para desenvolver com sucesso os padrões de “técnica correta” desse conteúdo. Ainda quando não exista o desejo de mostrar superioridade, muitas vezes os alunos são submetidos a processos de ensino nos quais se valoriza mais o desempenho (performance) alcançado que a cooperação entre os indivíduos no logro de um objetivo comum.

Quando competimos estamos pensando em vencer, não em cooperar com o outro. Algumas pessoas justificam os atos competitivos falando que dessa forma se ensina ao aluno a aceitar as derrotas e vitórias que fazem parte da vida. Reduzir as vivências humanas aos conceitos de ganhar e perder é reduzir a existência do ser humano a um fim utilitário, o que finalmente se traduz numa competição constante por manter-se na vitória. O qual representa a conduta típica do esporte de alto rendimento. Tudo isto sem levar em conta, que uma atitude

competitiva representa o mundo capitalista que tem produzido toda a desigualdade social que conhecemos, mas que preferimos ocultar ou não ver, justificando essa situação como um processo “natural” do mercado de capitais e do “progresso” das sociedades.

Quem participa de uma competição sabe que deve respeitar certas regras, mas, quais regras? Bracht (1992, p.57) é enfático em sustentar *a criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista.* Esse é um fato que não podemos esconder.

Toda vez que competimos, que utilizamos o esporte com fim em si mesmo, estamos “jogando” com as regras pré-estabelecidas pelo mercado. É só podem ganhar quem tem as condições para competir com essas regras. Isso fica muito claro entre os países menos desenvolvidos tentando competir com os mais desenvolvidos. O país subdesenvolvido se quiser participar do mercado, deve fazê-lo com as regras impostas pelo país desenvolvido.
Alias, segundo Bracht (1992, p.61):

> Um dos papéis que cumpre o esporte escolar em nosso País, então, é o de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista, que por sua vez visa fazer com que os valores e normas nela inseridos se apresentem como normais e desejáveis. Ou seja, a dominação e a exploração devem ser assumidas e consentidas por todos, explorados e exploradores, como natural.

Outro autor que reforça o anteriormente exposto é Ghiraldelli (1991, p.20):

> Apesar de negar, a Educação Física Competitivista é um aríete das classes dirigentes na tarefa de desmobilização da organização popular. Tanto o ‘desporto de alto nível’, que é o ‘desporto-espetáculo’, é oferecido em doses exageradas pelos meios de comunicação à população, como, explicitamente, é introduzido no meio popular através de ação governamental. O objetivo é ‘dirigir e canalizar energias’ nem sempre é dissimulado. A Educação Física Competitivista faz parte, como as outras concepções que precederam esta exposição, daquilo que podemos chamar de arcabouço da ideologia dominante.

Concordando com tais declarações acredito que para enfocar uma Educação Física Escolar que vise a cooperação e não só a competição precisa-se de professores que observem sua atuação profissional como educadores e não só como técnicos esportivos, o instrutor tem um outro campo de ação que não é a escola. Não estou dizendo que o treinador não possa educar, o que quero enfatizar é que enxergar a atuação profissional como educador

significa colocar o ser humano e suas qualidades individuais e sociais como mais urgentes que as de competição, visando uma formação humana sensível ao sofrimento das pessoas que não têm as mesmas oportunidades e ou habilidades.

Significa colocar o potencial criativo do ser humano ao serviço de soluções para os problemas mais urgentes da sociedade. Significa colocar-se no lugar do outro, especialmente do que sofre as injustiças sociais. Significa utilizar os conteúdos e/ou conhecimentos como meio, não como fim. Significa levar em conta que nossa formação profissional deve superar a busca de satisfações individuais, e orientar essa formação profissional com um perfil, também, de formação humana. Significa voltar uma e outra vez a nossa pergunta primeira: que tipo de sociedade você quer viver?

Segundo Brown, (1994, p.21)

> Trata-se de ir para além de um ponto de vista individual. Mesmo que me pareça apropriada a competição, necessito perguntar-me se é do nosso interesse coletivo seguir competindo. Se não é assim, então precisamos não apenas pensar, mas também agir como grupo. Substituir a competição estrutural pela cooperação exige a ação coletiva, e essa ação coletiva requer a educação e a organização... Temos que ajudar os outros a verem as terríveis conseqüências de um sistema que identifica o êxito de um no fracasso de outro. Mas juntos podemos agir para transformar isso.

Finalmente, o fato de que um fenômeno aconteça na sociedade, não significa, substancialmente, que o fundamento desse fenômeno seja “o social”, já que, o conceito “social” se fundamenta na igualdade de oportunidades e condições, políticas, antropológicas, éticos e culturais, o que é diferente ao conceito competição que se fundamenta na demonstração de superioridade, característica própria do capitalismo, onde o poder é mantido sempre por aquele que se posiciona por cima dos outros sob a justificativa da melhora na produtividade e que raramente beneficia ambas partes por igual.

Não se trata de eliminar as atividades competitivas, mas sim de desvendar a sua intenção e observá-la na sua real dimensão. Levar o aluno a se questionar sobre tais fenômenos, procurando um desenvolvimento maior que o ato mesmo, isto é, a identificação humana com o “outro”. É necessário desvendar, quando e como se justifica a competição e em que condições ela pode estabelecer vínculos mais humanos entre os que a praticam. Deve-se lembrar que qualquer atividade não é má nem boa em si mesma; a conotação moral é dada pelo próprio ser humano, em

uma conduta que envolve emoções, educação, cultura, sociedade e objetivos dos participantes. Então, a manipulação que se faça dos conteúdos veiculados pela Educação Física na escola é relevante na medida em que primeiramente se analisam as variáveis sócio-históricas de tais conteúdos e se desenvolve no individuo a capacidade de criticar sua própria prática.

Dai a importância de que temas atrelados à formação humana façam parte da formação profissional, porque assuntos e situações tão relevantes para o desenvolvimento humano não podem ficar no ar ou sujeitas ao acaso.

Finalmente, não é pretensão desta tese julgar o direito de qualquer ser humano no direito que ele tem de participar de atividades competitivas. Os que vivenciam o encontro de algum campeonato sabem a carga emocional que produz, exaltando as mais belas sensações de prazer, mas também de dor. Se tais experiências foram positivas ou negativas em termos individuais, e algo que só a pessoa pode dizer. Também eu fui treinador, mas quando enxerguei que essa minha atuação profissional nesse campo excluía mais do que inlcuia as pessoas, comecei a procurar outros caminhos que permitissem um desenvolvimento mais justo entre os seres humanos. Penso que tendo a capacidade de analizar posso também escolher o que faço como pessoa e/ou profissional.

Pessoalmente, tenho belas lembranças daqueles momentos. Aliás, depois de muitos anos reunindo informação, observando e analisando, posso concluir que não é o esporte, ou qualquer fenômeno com caráter competitivo que faz bem o mal. É o homem na sua constituição valorativa quem determina o uso que faz de tais fenômenos e o significado que tem na sua vida.

A respeito disso, concordo com a seguinte declaração de Bracht (1992, p.26) *Não é o esporte que faz o homem, é o homem que faz o esporte! Ele determina o que, como, onde, quando, por quanto tempo, com quem, sob quais regras, com que objetivo e sob que condições o pratica.* É por essa razão que é tão importante orientar os atos pedagógicos para uma formação mais humana e reflexionar sobre os conceitos que fundamentam tais fenômenos e como configuram nossos pensamentos, ações e atitudes frente á vida e outros seres humanos. É este argumento o que justifica a analise da competição como fenômeno que representa um tipo de cultura determinada e que finalmente perpetua condições sociais que se reproduzem na escola.

1.4 As Emoções

"Toda nossa cognição
principia de sentimentos"
(Leonardo Da Vinci)

Não existe uma conduta humana que não possua emoção; toda expressão é emoção, nos comunicamos e existimos nelas e por meio delas. E a única diferença é a forma cultural de expressar, de falar, de olhar, os diferentes estados emocionais.

Pesquisadores e autores como Darwin (2000) e Le Doux (1998), relatam que as emoções surgiram nos seres vivos como mecanismos de sobrevivência, favorecendo reações do organismo frente a situações perigosas. As emoções nos acompanham desde os começos da constituição de nossa espécie, mais ainda, segundo alguns pesquisadores, seriam as emoções os que nos caracteriza e veicula ou orienta os raciocínios à luz das circunstancias culturais.

Em educação, quem interage com crianças sabe que atua diretamente com emoções. Maturana (1995) manifesta que o que nos constitui como humanos é precisamente o *linguajar emocional*, ou se quer, a comunicação mais básica do ser humano, a qual não precisa de letras ou códigos verbais.

As emoções, segundo Damásio (2003) precedem ao sentimento, sendo este último uma construção mais "pensada" das reações do ser humano. Como é quando sentimos raiva? Quando nos apaixonamos? Quando rimos? Quanto dessas expressões corporais é pensado, no sentido estrito do que significa uma elaboração intelectual? Os professores sabem das reações "sem pensar" dos adolescentes, que biologicamente completam o desenvolvimento total do cérebro frontal por volta dos 20 anos. Antes disso fica difícil para eles prever as conseqüências futuras de suas reações emocionais. Não por acaso ficamos tão arrasados quando somos traídos ou abandonados nessa faixa etária.

Enquanto a uma das emoções mais relevantes no ser humano, difícil, por não dizer impossível, sobreviver sem amor. Interessante observar que a nossa sobrevivência deve-se em grande parte à proteção amorosa que fazemos entre os iguais, e quanto mais perto o parentesco, mas forte a necessidade de proteger, mas intenso o laço emocional. Por quê? Porque proteger meu igual é assegurar minha "imortalidade genética", e isso faz parte do que conhecemos como natureza humana, aquilo que está presente em todos os seres humanos, independente do contexto cultural.

Segundo Maturana (1995, p.126)

> Vivimos inmersos en una cultura que desvaloriza las emociones desde la hipervaloración de lo racional, y al mismo tiempo está emocionalmente centrada tanto en la desconfianza que busca certidumbre en el control, como en la codicia que lleva a apropiarse de todo, ciegos ante las consecuencias que tal modo de vivir trae consigo. Pero no somos felices, y vislumbramos con más o menos claridad y angustia que tal modo de vivir nos lleva a la destrucción tanto del sentido espiritual y ético de nuestra vida como del mundo natural que nos dio origen y hace posible nuestra existencia como seres humanos.

Temos valorizado o racional porque temos acreditado que era na razão que estavam as respostas e soluções dos problemas da humanidade, e, sobretudo, porque acreditamos que é na razão que se constitui o humano sendo esta, segundo certos paradigmas, a principal diferença com os outros animais. Mas a própria realidade tem-se encarregado de nos mostrar que temos errado em nossas escolhas explicativas. A razão, o intelecto, produto da divisão cartesiana entre cérebro e corpo, mente e espírito, nos enfrenta em discussões discriminatórias e insensatas, na qual os fundamentalismos, principalmente religiosos, têm causado guerras e genocídios dos quais me envergonho como ser humano.

A respeito é importante ressaltar o seguinte quando Maturana (2005, p.15) diz:

> Todos los conceptos y afirmaciones sobre los que no hemos reflexionado, y que aceptamos como si significasen algo, simplemente porque parece que todo el mundo los entiende, son anteojeras. Decir que la razón caracteriza a lo humano es una anteojera, y lo es porque nos deja ciegos frente a la emoción que queda desvalorizada como algo animal o como algo que niega lo racional. Es decir, al declararnos seres racionales vivimos una cultura que desvaloriza las emociones, y no vemos el entrelazamiento cotidiano entre razón y emoción que constituye nuestro vivir humano, y no nos damos cuenta de que todo sistema racional tiene un fundamento emocional. Las emociones no son lo que comúnmente llamamos sentimientos. Desde el punto de vista biológico lo que connotamos cuando hablamos de emociones son disposiciones corporales dinámicas que definen los distintos dominios de acción en que nos movemos. Cuando uno cambia de emoción, cambia de dominio de acción. En verdad, todos sabemos esto en la praxis de la vida cotidiana, pero lo negamos, porque insistimos en que lo que define nuestras conductas como humanas es su ser racional. Al mismo tiempo, todos sabemos que cuando estamos en una cierta emoción hay cosas que podemos hacer, y que aceptamos como validos ciertos argumentos que no aceptamos bajo otra emoción.

Em outras palavras, somos animais que usamos a razão, não há dúvida. Porém, nós somos mexidos pelas emoções como o são todos os animais. A razão nos moveria só a través de emoções que surgem nos seres humanos no percurso de conversações. A isso o autor chama de *linguagear*

Por que é importante considerar as emoções no contexto da Educação Física Escolar? Porque, a partir da proposta feita por Pérez Gallardo et.al. (2003) consideram-se a cultura patrimonial o conteúdo mais importante a desenvolver no ensino infantil e no ensino fundamental. Essa cultura patrimonial, ao ser a representação de nossa identidade, está carregada de vínculos emocionais. É a forma que temos de identificarmos com o nosso grupo e graças a ela saber qual nosso lugar no mundo e qual o sentido de ser e fazer o que somos. É a cultura patrimonial o que identifica e diferencia um povo de outro. Um país de outro. E é a cultura patrimonial o que faz que nos empolguemos na defesa de nossos símbolos pátrios. Emocionalmente apelamos a símbolos patrimoniais para defender o que consideramos nosso. A problemática educacional aqui é observar que as maiorias das aulas de Educação Física na escola não consideram “propriamente o próprio”, isto é, o handebol, o basquete, o voleibol, têm maior atenção pedagógica, que a capoeira, o samba, o forró, etc.; na medida em que o conteúdo corporal é mais “internacional”, maior a distância com a cultura patrimonial. E se esse conteúdo é passado sob a característica técnica, duplo erro pedagógico, já que devemos lembrar que não é objetivo principal da escola o desenvolvimento de domínios técnicos, mas sim o desenvolvimento

conceitual dos conteúdos de tal forma que o aluno posa adquirir uma postura critica frente os fatos e conhecimentos, permitindo com isso o desenvovimento da cidadania.

Na perspectiva de Damásio (2003, p.15), *os sentimentos são a expressão do florescimento ou do sofrimento humano, na mente e no corpo.* Essas expressões nos permitem identificar-nos como iguais, nos identificam em nossa *humanidade* e também nos faz mais humanos. A tarefa educacional é reconhecer e desenvolver a capacidade de emocionar-se e, sobretudo, expressar sem temor a ser julgado. Em muitas ocasiões o que acontece é uma repressão das emoções obrigando às crianças a se comportar dentro de padrões "disciplinares" justificando tal conduta como necessária ao bom desempenho acadêmico.

O estudo dos aspectos emocionais, sejam biológicos ou culturais pode possibilitar uma melhor compreensão das condutas de nossos alunos e talvez permitir um melhor entendimento entre os atores do processo educativo, como bem diz Hirama, (2002, p.166):

> (...) acreditamos que o professor pode ter maior facilidade em agir como orientador e auxiliador no processo de ampliação do repertorio de respostas emocionais de seus alunos (...) é necessário que paradigmas sobre a forma de atuação do professor sejam rompidos; que a distancia entre professores e alunos seja diminuída, que a indiferença com o fator emocional dos alunos seja superada.

Concordo com a autora no que se diz respeito a ser a sensibilidade o caminho mais adequado para desenvolver uma pedagogia baseada na comunicação das emoções, mas o problema também radica em ser a sensibilidade uma das condições humanas menos apreciadas no processo de ensinar. Isto é facilmente observável na distribuição das materias curriculares em qualquer nível de ensino, em qualquer âmbito, fundamental, médio, superior. As matérias vinculadas às emoções ocupam o mínimo tempo-espaço nas grades curriculares, em contraste com as meterias chamadas "intelectuais", como matemática, historia, biologia.

Não é diferente nos currículos de formação profissional dos professores de Educação Física. Quantas matérias estão dirigidas a desenvolver a sensibilidade? Como se faz isso?

E isto é uma responsabilidade, ou irresponsabilidade no caso da ausência de tais matérias, da formação pedagógica, do perfil profissional e pessoal que se espera tenha um educador. Sendo a Educação Física um componente do currículo escolar e sendo as expressões corporais o meio pela qual se manifestam as aprendizagens é que considero de vital importância estudar, analisar, compreender as emoções desde diversas perspectivas.

Autores como Darwin (2000), Maturana (1995), Damásio (2003), Goleman (2005), têm se preocupado com o assunto. Darwin nos fala das expressões emocionais nos animais; Goleman, da *Inteligência Emocional*, colocando dita inteligência como necessária para o desenvolvimento social; Damásio (2003) nos apresenta um estudo mais aprofundado dos aspectos biológicos e fisiológicos das emoções; Maturana (1995) enfatiza a importância de tal assunto no respeito do outro *como legitimo outro*, na medida em que se respeitam as formas de ser e expressar.

A escola, o mundo, é local de relações humanas e,

> Por ser um lugar de relações afetivas, a sala de aula é espaço para confrontos, conflitos, rejeições, antipatias, paixões, adesões, medos e sabores. Por isso essa sala exala humanidade e precariedade; a tensão contínua do compartir conduz, às vezes, a rupturas emocionadas ou a dependências movidas pelo temos da solidão; afinal, ser humano é ser junto, e ser junto implica um custo sensível" (HIRAMA, 2002, p.3. apud Cortella, 1998, p.123-124)).

Não há relação humana sem emoção da mesma forma como não há emoção sem base numa relação, seja com o meio ambiente natural ou com outros seres humanos ou não. Desde essa perspectiva se aplica aqui a proposta pedagógica de Ginástica Geral, e a explicação pedagógica da aula de Educação Física como o espaço de vivencia (PEREZ GALLARDO, et. al. 2003).

Pedagogicamente, ao considerar as emoções, podemos orientar os conteúdos para o desenvolvimento de aspectos essencialmente afetivo-sociais. Isto é, considerar aspectos de identidade, sentido de pertença, cultura, amizade, dos alunos no momento de planejar os conteúdos. No percurso das aulas, considerar as dinâmicas relacionais que acontecem à luz das emoções. Um fato importante é lembrar que o que fica em nossa memória é precisamente o que se aprende com emoção, mas devemos lembrar também que existem emoções de caráter negativo que podem causar certo grau de frustração e evitar uma melhor aprendizagem.

São as aprendizagens veiculados pela emoção do medo, da coerção, da imposição, da humilhação, do sarcasmo e ironia, da vulgaridade verbal, do insulto, da violência e agressão física e psicológica, em fim, de expressões de discriminação que intimidam e obrigam a obedecer, mas não respeitar, baseadas no autoritarismo de quem exerce o poder, sem diálogos e sem possibilidades de reclamarem direitos.

Contudo é necessário lembrar que os humanos quanto os animais se afastam de aquilo que causa dor ou angustia e pelo contrario, procuram aconchego em aquilo que provoca sensação de prazer, bem estar e paz. Portanto é necessária também uma pedagogia que provoque tais ambientes e que permita as expressões dessas emoções. É necessária uma pedagogia que acolha o outro como legitimo outro; é necessário criar um ambiente pedagógico matristico.

1.4.1 Universalidade das emoções básicas

As emoções básicas (ou primarias) não respondem a padrões culturais, isto é, não dependem de aprendizados ou sistemas de ensino. Culturalmente só são diferentes as formas de expressão, mas o mecanismo que as produz obedece a nossa biologia, portanto são condutas universais da espécie humana.

Uma das formas que me faz reconhecer a universalidade das emoções fundamentais do comportamento humano é o fato de serem elas passiveis de ser representadas por qualquer artista de teatro independente da sua nacionalidade ou cultura. Mas o interessante é que ainda quando as emoções são passiveis de ser representadas em termos artísticos, as mesmas não podem ser fingidas, isto é, o ser humano pode representar sua expressão, mas não pode produzir biologicamente o que uma emoção genuína produz.

É fundamental identificar ditas emoções devido ao fato de que elas não precisam ser ensinadas, no sentido estrito do que seja o processo pedagógico. Isto é, se não são aprendidas também não se pode evitar sua expressão uma vez que obedecem a impulsos intensos vindos das profundezas de nossa fisiologia, produzidos por uma série de eventos que não passam pela censura do neocortex cerebral. Isto fica muito mais manifesto nos adolescentes que carecem do desenvolvimento completo do lobo frontal do cérebro, necessário para o discernimento das conseqüências de tais eventos com o qual poderiam evitar condutas “sem pensar”.

Agora, por que é importante estudá-las e compreendê-las?

Segundo Damásio (2003, p.16) é,

> (...) um passo indispensável para a construção futura de uma visão dos seres humanos mais correta do que a atual. (...) A razão disto é simples: o êxito ou o fracasso da humanidade depende em grande parte do modo como o público e as instituições que governam a vida publica puderem incorporar essa nova perspectiva da natureza humana em princípios, métodos e leis, capazes de reduzir o sofrimento humano e engrandecer o florescimento humano.

Se entendermos que existe algo que nos faz iguais, que nos condiciona a determinada conduta, talvez exista a possibilidade de dialogar sobre as nossas semelhanças e definitivamente aceitar que nossas diferenças são somente culturais e como tal, essas diferenças têm o mesmo valor humano. Pensando nisto é que no capitulo I fiz referencia ao fato de os seres humanos serem iguais em natureza e diferentes só culturalmente.
Damásio (2003, p.169) enfatiza:

> Numa sociedade privada de tais emoções e sentimentos nunca teria havido e exibição espontânea das reações sociais inatas que auguram o aparecimento de um sistema ético simples – o altruísmo não teria por onde começar, não teria aparecido a generosidade, não haveria a censura aos outros ou a nós próprios. Na ausência dos sentimentos de tais emoções, os seres humanos não teriam se empenhado na negociação que visa encontrar soluções para os problemas de grupo, ou seja, soluções para o encontro e partilha de alimentos, para a defesa contra ameaças exteriores e para os conflitos entre os membros de um determinado grupo.

De acordo com essas declarações posso afirmar que as emoções se apresentam como um fator determinante no desenvolvimento dos aspectos “mais humanos” da sociedade. Desde o ponto de vista educacional não posso imaginar uma pedagogia que não considere as emoções, já que esse aspecto de nossa *humanidade* veicula aprendizagens em prol de um ser “mais humano”. E é importante lembrar que a forma como se usam determinados conteúdos pode fazer a grande diferença e, que os atos competitivos configuram emoções relacionadas com o sentido do poder, domínio e obediência, perpetuando uma cultura patriarcal hegemônica que no permite a expressão da própria identidade.

Com relação às emoções é importante ressaltar aqui a diferença que Damásio (2003) faz entre emoções básicas e emoções sociais. Isto é útil uma vez que nas emoções básicas a educação, como intenção pedagógica, não pode ter maior influencia, mas sim é possível intervir pedagogicamente nas emoções sociais. A gênese das emoções sociais começa na mistura de emoções básicas e representam um dialogo corporal no qual a característica individual (personalidade) e cultural da pessoa faz a diferença no momento da expressão da emoção social.

Segundo o autor as emoções básicas ou primarias seriam: medo, raiva, nojo, surpresa, tristeza e felicidade. As emoções sociais incluem a simpatia, compaixão, embaraço, vergonha, culpa, orgulho, ciúme, inveja, gratidão, admiração, espanto, indignação e desprezo. Ambos os tipos de emoções estariam presente em todos os animais. Diz o autor (2003, p.55): *a resposta não é a mesma para todas as emoções. Em certos casos, são de fato inteiramente inatas. Noutros casos, requerem um grau mínimo de exposição apropriada ao ambiente.*

Neste ponto se justifica uma pedagogia na qual a Educação Física, sobretudo no ambiente escolar, apresente conteúdos e didáticas metodológicas encaminhadas a desenvolver e/ou estimular a expressão de tais emoções, sabendo que existem conteúdos mais próximos (adequados) do que outros, ou com maior possibilidade de representar emoções sociais. É aqui onde encaixa perfeitamente a proposta de Pérez Gallardo et. al. (2003), com a cultura patrimonial como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental. Permito-me argumentar que a cultura patrimonial como conteúdo da Educação Física escolar, não necessariamente é restrita do ensino fundamental, uma vez que dita cultura está estreitamente relacionada com emoções básicas, as quais identificam o ser humano com seu grupo de origem, tradições e costumes. Portanto, a cultura patrimonial deve ser conteúdo em todos os níveis de ensino, incluindo o ensino da Educação Superior.

Um outro aspecto importante é o fato de diferenciar emoções de sentimentos. Damásio (2003, p.37) explica o seguinte:

> Temos emoções primeiro e sentimentos depois porque na evolução biológica as emoções vieram primeiro e os sentimentos depois. As emoções foram construídas a partir de reações simples que promovem a sobrevida de um organismo e que foram facilmente adotadas pela evolução.

Poder-se-ia dizer que as emoções obedecem a impulsos reativos, respostas fisiológicas a estímulos por meio dos sentidos e os sentimentos obedecem a um processo mais elaborado, pensado, no qual influem idéias e percepções que temos do meio ambiente e dos objetos que podem causar tal o qual sentimento. E é aqui onde entra o assunto cultural, posto que, um mesmo objeto pode causar sentimentos diferentes em pessoas que têm tido experiências similares. Isto equivale a "sentir uma emoção", dito de outra forma, esse processo significa que passamos do impulso inato ao processamento consciente de dar-nos conta que estamos vivendo um sentimento particular.

O interessante é que segundo Damásio não é possível observar um sentimento, já que este obedece a processos que se configuram internamente. Em troca o que se pode observar diretamente é uma emoção. De aí que Maturana (1995) identifique as emoções como "disposições corporais".

A discussão da formação humana passa por questões de sentimentos. Pessoas mais sensíveis, mas cientes de suas emoções, teriam, segundo explica a psicologia, maior possibilidade de desenvolver uma inteligência emocional que lhe permita ter certo sucesso no processo de desenvolvimento humano. (GOLEMAN, 2005)

Como se faz isso nas aulas de Educação Física? Isto tem a ver com o que explicarei no capitulo IV respeito dos níveis de desenvolvimento que pode alcançar um determinado processo pedagógico. Mas, devemos partir da base que se o nosso norte é a formação humana, então os elementos que configuram a aula devem superar o simples desenvolvimento do físico orgânico e considerar o *sentir emocional*. Alias o desafio é o equilíbrio entre essas duas dimensões, já que sabemos que o ser humano é indivisível. Nada religioso nem místico, simplesmente o desenvolvimento de uma característica humana que me permite identificar-nos em uma mesma dimensão: a dimensão da *biologia do amor* (MATURANA, 1995).

APITULO III: PERTINÊNCIA DA FORMAÇAO HUMANA NA FORMAÇAO PROFISSIONAL

3.1. O sentido de ser o que somos

Qual o sentido de ser o que somos?

Que somos os professores de Educação Física? Instrutores? Técnicos? Educadores? Será que somos tudo isso no mesmo tempo? Será que o sentido de ser o que somos mora na postura ou posição pedagógica que adotamos de acordo às circunstancias? Talvez a própria prática se encarregue de definir o que somos, já que o que somos deveria ter relação com o que fazemos.

Penso que independente do âmbito ou espaço de atuação profissional não podemos fugir de nossa responsabilidade pedagógica e educativa entanto façamos parte de uma formação de licenciatura e, sendo coerente com esse titulo acadêmico, orientemos nossas aprendizagens para o âmbito escolar.

É verdade que em todo professor mora um instrutor e um educador, e que ambos não se dissociam. Ao contrario, ser instrutor não tira a condição de educador e no mesmo tempo, não existe um educador que não instrua. Mas, os objetivos que se perseguem podem fazer a grande diferença no momento de determinar o sentido de nossa prática.

Em geral o instrutor fica submetido ao ensino de técnicas e padrões específicos de movimento e se esse é o seu objetivo, o sentido de sua prática fica limitado a esse construto do conhecimento. Se educar é transcender o próprio ato educativo o instrutor deve superar a instrução-informação ao ensinar seu conteúdo, procurando estabelecer relações conceituais que permitam enxergar o humano além da funcionalidade da instrução.

Agora bem. Considero-me educador desde que meus objetivos de ensino primeiramente obedeçam a preocupações sociais e emocionais, antes do que a questões motoras. Não estou querendo ser cartesiano, já está bastante discutido que a separação mente corpo é só por e para fins didáticos. Mas, o educador sempre deve priorizar o SER sobre o TER, o SENTIR sobre o SABER.

Vejo com preocupação que ainda hoje o que importa na formação profissional do educador físico é um exagerado desenvolvimento do individualismo funcionalista, utilitário e assistencialista, no sentido de preocupar-se com questões corporais mais do que com problemáticas existenciais e sócias do individuo e da humanidade.

Vejo também que não importa muito se nosso aluno, no processo de se formar como professor, pensa ou não sobre esses assuntos uma vez que a maioria das matérias veiculadas na formação profissional se orienta a objetivos funcionais e orgânicos. Até sinto que as idéias de pensadores e educadores tais como Paulo Freire é mais uma utopia nesse processo de formar educadores. (será que o pensamento desse grande educador tem a ver alguma coisa com Educação Física?) Pessoalmente penso que seja uma contradição conceitual o fato de ser chamado professor e não se importar com tais questões.

3.2. A Formação Humana na Formação Profissional

> Apesar da formação especifica do professor de Educação Física, por inúmeras vezes, pudemos observar esses profissionais desempenhando prioritariamente papéis que não exigiam qualquer conhecimento especializado. Ou seja, para distribuir materiais esportivos, dividir equipes e arbitrar partidas de três ou quatro modalidades esportivas coletivas não são necessários quaisquer conhecimentos obtidos em cursos de nível superior. (NEIRA, M. NUNES, M. 2006)

A situação descrita anteriormente é crítica em alguns estabelecimentos educacionais onde o professor de Educação Física limita-se a acompanhar as brincadeiras e jogos que os alunos praticam fora da escola, por exemplo, *pelada de rua*. Dai que aquele professor não seja muito respeitado no sentido que os alunos reconhecem que ele não é relevante para fazer o que fazem sem ele.

No sentido da formação acadêmica, a licenciatura é responsável, entre outras coisas, pelo desenvolvimento do pensamento critico do futuro professor. Isso pode ser possível na medida em que se discuta a importância do domínio conceitual no processo de ensino. O domínio

conceitual se desenvolve orientando quem aprende a fazer relações entre diferentes conceitos e pontes conceituais entre teorias diversas.

Mas, se o sistema de ensino superior continua com características de ensino médio, vejo muito difícil conseguir isso. Alias, um curso de educação superior deve manifestar-se SUPERIOR em todas suas formas e funções, isto é, Ensino, Pesquisa e Extensão. As escolas de Educação Física que não possuem essas características e condições se constituem, finalmente, em centros de formação técnica.

Uma educação superior tem responsabilidade com o desenvolvimento do individuo como pessoa consciente dos valores da sociedade que representa considerando os sentimentos, emoções e sensações que caracterizam o ser humano num ambiente sócio-cultural determinado. O desafio que temos como professores de educação superior e como instituição é desenvolver e/ou incrementar a sensibilidade e compromisso social nos estudantes para que possam enfrentar os problemas mais urgentes da sociedade, incentivando o espírito critico e de colaboração, interdependência e bem-estar social que lhe dê sentido a suas vidas.

Como educador sinto-me obrigado a me importar com essas questões. Temos sérios problemas sociais que nos chamam a refletir sobre como devemos enfrentar esses desafios. Pode importar mais o desenvolvimento da agilidade física na criança que sua capacidade de tolerância, generosidade, compreensão, humildade, amizade, respeito, compaixão, entre outros importantes valores humanos? Os valores não podem ficar como efeitos colaterais da aplicação dos conteúdos, esperando que eles apareçam por efeito reflexo ou pelo acaso. A pesar de todos os esforços dos sistemas educacionais, orientações desenvolvimentistas, positivistas, psicomotores, entre outras, a Educação Física ainda não aparece como disciplina relevante nos currículos escolares, pelo menos na carga horária perde frente a outras, na disposição do professional da área participar das discussões pedagógicas, diminuindo a sua importância na escola. Algumas instituições escolares preferem terceirizar a Educação Física colocando-a ao nível de qualquer bem de consumo. Creio que dessa forma se desvirtuam valores importantes que, pelas características do ambiente físico esportivo das academias, na qual existe pouco espaço para criar o ambiente matristico necessário no desenvolvimento de atitudes sócio-afetivas com aprendizagens significativos, relevantes e transcendentes.

Segundo vejo, não é possível que a Educação Física se desvincule quase totalmente das questões sociais e ainda continue com o paradigma corporal e motriz como única justificativa da sua existência pedagógica. Qual a responsabilidade acadêmica de quem sustenta o titulo de licenciado? Qual a responsabilidade acadêmica de nós, professores de educação superior, formador de formadores? Como enfrenta a educação superior esta problemática? O que justifica a presença frente os alunos de um professor de educação superior? A sua matéria ou o que é capaz de relacionar com sua matéria? Acredito seja urgente reorientar nossas atitudes, nossos conhecimentos e nossa percepção do que seja formar profissionais para a sociedade. Pelo menos precisamos concordar para que tipo de sociedade vamos trabalhar.

Finalmente, e apelando à honestidade profissional, manifestar-se contra ou a favor de tais assuntos. (ficar numa postura neutra não é possível uma vez que nas dinâmicas sociais a neutralidade atitudinal não existe). E, sobretudo, determinar em conjunto, como corpo de professores, o que deve ser feito para orientar um currículo da formação profissional “mais humano”.

Durante meus anos de atuação profissional, minha principal preocupação tem sido com a formação do pensamento livre e critico, com o desenvolvimento da capacidade de analise, discussão e sistematização do conhecimento, junto a uma atitude compromissada como o mundo e as questões de justiça e respeito social. Então, gostaria de convidar vocês, meus colegas, amigos e alunos, a refletir sobre este assunto de nos formar como profissionais e pessoas sensíveis, e não só como técnicos ou “engenheiros” da atividade motora. Formar-se como professor é muito mais que saber sobre células, medidas, e aparelhos de ginástica ou dança. Formar-se como professor é muito mais do que formar-se como “transmissor de informação”.

Formar-se como professor, sobretudo tomando como exemplo as palavras de Paulo Freire (1985), é preocupar-se com o oprimido e menos favorecido socialmente; é formar um profissional com um amplo domínio conceitual que lhe permitam abordar questões que estão além dos músculos, pulsações cardíacas, ou medidas físico-orgânicas. Respeito quem trabalha nessas áreas, mas peço para eles orientar seus estudos, analise de dados, pesquisas e propostas, para uma sociedade mais justa e quilibrada nas suas necessidades, outorgando um caráter humanizador à sua atuação profissional.

Em relação com o ensino lembro vocês que:

> Para todos aqueles que vêem na racionalidade e no progresso tecnológico a esperança de um mundo melhor, a lembrança de Auschwitz, certamente, é paradoxal. A "indústria da morte", idealizada e organizada com o auxílio da tecnologia e da burocracia mais avançada da época, é incomparável a qualquer barbárie anterior registrada na história da humanidade. Ao visitar somente o que restou de Auschwitz, 60 anos após, uma pergunta não quer calar: como o ser humano foi capaz de tudo isso? A própria pergunta já revela nossa crença num possível progresso da sociedade humana rumo a uma maior humanização ou civilização. Terrível é ter de admitir que aquilo que costumamos chamar de civilização produziu a moderna barbárie, uma situação que nem o mais pessimista dos filósofos alemães anteriores ao nazismo poderia sequer imaginar ou prever (INACIO, 2005)

Minha orientação pedagógica é para a Educação Física ESCOLAR, portanto minha principal função é criar na mente dos meus alunos, futuros professores, uma conscientização do que significa cidadania, principal função pedagógica de qualquer escola de ensino fundamental e médio do mundo. Se não formamos cidadãos conscientes, então que formamos?

O Brasil, e não só o Brasil, também na América Latina no seu contexto geral, segundo tenho visto e aprendido, enfrenta quatro grandes problemas sociais: meio-ambiente, violência, pobreza e fome, todos os problemas vinculados diretamente com o ato de educar. Como opera a Educação Física frente a esses problemas? Como se desenvolvem esses temas na formação de professores na educação superior? Será que interessa?

Acredito seja necessário refletir sobre tais questões e procurar respostas propondo alternativas que possam definir caminhos para uma Educação Física "mais humana". E faço esse pedido com o intuito de colaborar com uma formação de professores baseado num *currículo coerente e prudente pensando numa sociedade decente* (BOAVENTURA, 1987).

Sou professor de Educação Física, me considero Educador (titulo que não existe academicamente, mas é dado pela experiência e prática profissional). A gente aprende a ser Educador na medida em que educa as pessoas, educando-nos junto a eles nessa dinâmica relacional, e os orienta a serem eles mesmos desafiando-os a construir seu próprio caminho, desenvolvendo nelas a capacidade de se libertar da cultura hegemônica e poder dominante do mundo capitalista. E no mesmo momento que fazemos isso por elas, elas fazem isso por nós, sem

pretender, sem uma didática especifica, mas como resultado da interação e inevitável influencia emocional.

Pergunto-me também que buscamos quando, sendo professor de Educação Superior, preparamos as nossas matérias distribuindo-as em uma determinada quantidade de aulas no semestre? O que importa que o aluno saiba, aprenda? Qual a orientação desses conteúdos? Para quê ensinar tal o qual conteúdo?

Acredito, na perspectiva desta tese, que o conteúdo pode não ser o problema, mas sim a orientação pedagógica dele, daí a importância de refletir sobre tal questão. A minha proposta é colocando a ênfase pedagógica na formação humana. Isto é, que o conteúdo deve ser orientado sempre para esse aspecto do desenvolvimento humano. Na prática quer dizer que o resultado técnico, o desenvolvimento de capacidades e habilidades físicas não é mais importante que as relações conceituais, já que essas relações teóricas devem traduzir-se em uma atitude conseqüente com os valores que representa uma sociedade.

Aqui, a palavra formação não deve considerar-se como aquele processo que "direciona" e molda uma aprendizagem desde o externo. Formação se entende aqui como o processo qualificador do estudante onde se estimula a autonomia do espírito, a capacidade analítica, reflexiva e autodidata, que lhe permita orientar-se no seu contexto sócio-cultural, com elementos concretos para que adquira uma identidade, uma estruturação axiológica, um compromisso pessoal e uma auto-reflexão de seu próprio saber.

Neste sentido a formação humana na universidade adquire um olhar diferente do processo qualificador do futuro profissional; diferente porque aborda ao jovem desde suas diversas dimensões integradoras como ser humano: sua cultura e contexto, seu ser e fazer no mundo, sua transcendência, sua alteridade, suas potencialidades e suas carências, sua capacidade cognitiva e crítica, sua identidade, sua dimensão comunicativa, reflexiva e conceitual, política e ética, condições que levam necessariamente a uma visão integral da pessoa universitária.

Será que os itens enunciados no parágrafo anterior nos importam, ou são considerados quando desenvolvemos as nossas matérias frente a uma turma de jovens provenientes de comunidades socioculturais diferentes?

A formação humana na educação superior deve significar formar um profissional não só para o funcionalismo ou utilitarismo, adestramento frio e calculado, o saber pragmático que capacita exclusivamente no fazer. Deveria também se importar com o

desenvolvimento de atitudes, valores e sentimentos e não deixar que esses aspectos aconteçam por azar do destino.

Trata-se de que essa formação tenha um sentido de responsabilidade humana e social, isto é, uma concepção integradora do ser humano que sabe ser e fazer, pensar valorar, conhecer, criar e gerenciar, razoar, produzir, e também conviver.

Tudo isso implica também uma "transformação" do individuo que se forma pensando no lucro da sua profissão, num individuo com consciência social, política e ecológica, de forma que possa assumir atitudes e compromissos de civilidade, de responsabilidade e pertinência para sua instituição, sua comunidade e sua profissão.

Respeito da formação profissional David (2003, p. 130) diz:

> Para nós, formar professores significa delinear um tipo de intelectual publico que deve lidar com a corporalidade humana, com sensibilidade, com o objetivo de promover transformações nos comportamentos, nos valores políticos e morais das novas gerações para garantir a paz e o desenvolvimento de valores humanos com ética social no país. Com esses profissionais sociais capacitados para tarefas de interesse público, pode-se, certamente, garantir novas possibilidades de pensar a realidade intelectual, corporal, moral, política e ética das crianças, jovens e adultos diferentes dos projetos oficiais atuais.
> Por meio de homens e mulheres humanamente conscientes, pode-se construir uma educação verdadeiramente democrática, um avanço cientifico plenamente articulado com as forças produtivas, mediadas por parâmetros de participação social, plenamente compromissados com o futuro da humanidade.

A citação anterior reforça a tese de que é necessário que no curso de graduação de Educação Física existam momentos, aulas, matérias, discussões, e, sobretudo, vivencias de dinâmicas relacionais entre as pessoas, que permitam a livre exploração e representação de temas vinculados às emoções e sentimentos que acolham todas as expressões culturais possibilitando vivenciar a existência de formas diferentes, valorizando a diversidade cultural.

3.3. Princípios para propiciar a Formação Humana na Educação Superior

Segundo Sánchez (2005 s/p.), especialista em Qualidade Universitária, da Universidade de San Buenaventura, Medellín, Colômbia, para propiciar a formação humana no nível da Educação Superior é necessário considerar os seguintes princípios: Identidade, Integração, Orientação Axiológica, Alteridade Interdisciplinar.

> **Identidade:** todo o que distingue a um grupo com respeito a seu pensamento, forma de agir, viver ou interagir. Toda organização educativa sinala sua identidade a partir da claridade, coerência e compromisso que tenham seus membros com relação à missão e visão institucional; a identidade faz parte do estilo e forma de ser, de apresentar-se ante o mundo. Por outro lado a identidade do humano implica necessariamente ir formando ao aluno na múltipla condição de consciência axiológica, antropológica, cultural, cívica e espiritual.
> **Integração:** diminuir a brecha entre o campo da informação cientifica e a humanística. Essa integração acadêmica se manifesta na medida em que exista vontade de estabelecer uma nova dinâmica de trabalho para criar espaços comuns de encontro entre os estudantes, professores e administrativos, de desenhar espaços convergentes para abordar e construir conhecimentos multi e interdisciplinares, onde se faça possível a alteridade comunicativa de pessoas, perfis profissionais e conhecimentos. O pensador Edgar Morin sinala a necessidade de ensinar a integralidade e o caráter holístico do ser humano, necessidade que se faz evidente e explicita nas suas dimensões física, biológica, psíquica, cultural, social e histórica.
> **Orientação Axiológica:** esta orientação axiológica se justifica toda vez que são os valores éticos o que dá sentido e direção ao fazer profissional. Implica pensar na possibilidade inerente que tem todo ser humano de construir a partir de seu processo de desenvolvimento e desde o ethos (ética) humano, sua consciência, vivência e prática do bem, expresso nas suas ações e decisões diárias, nos seus princípios e valores. A formação profissional deverá se perguntar ao serviço de que valores estão trabalhando essa formação, qual é o tipo de valor que busca como finalidade o direito, a medicina, a engenharia, a arquitetura, a administração, a pedagogia, a psicologia e/ou qualquer outra profissão, e, nosso caso, a Educação Física.
> **Alteridade Interdisciplinar:** para alcançar a formação do humano no contexto da educação superior necessariamente se terá que trabalhar em pro da alteridade interdisciplinar. A alteridade significa num primeiro momento, oposição a um olhar totalitário, único e fechado a um conhecimento que se auto-concebe como o exclusivo, privilegiado, que não concebe outra opção cognoscitiva. Se uma disciplina é entendida desta forma, as outras sobram ou atuam como servente o que cria uma visão determinista e excludente, que discrimina e separa colocando em desigualdade de condições a outras disciplinas e conhecimentos que buscam desenvolver-se no meio universitário, obstaculizando os processos de pesquisa interdisciplinares pela prepotência de algumas disciplinas sobre outras.

A alteridade significa aceitar a presença do *o outro* e o outro conhecimento, a outra profissão. Em sua máxima expressão, alteridade é *ser o outro*. Significa aceitar e conviver com o diferente com igual possibilidade e legitimo espaço para criar e inter-atuar. É uma opção para a apertura à comunicação entre pares e dispares, à outra profissão, à outra linguagem, à mudança e o distinto.

Em relação à estrutura dos currículos de formação de professores de Educação Física, o professor Dr. Jorge Pérez Gallardo, na sua tese de Mestrado (1988), realizou uma análise dos currículos de 33 (trinta e três) Escolas de Educação Física do Estado de São Paulo.

Os resultados mostraram que as disciplinas de orientação acadêmica corresponderam a 31,79% da carga horária total, na qual se observou uma ênfase às disciplinas que tratam de aspectos biológicos (65,28%) em relação aos aspectos neuro-comportamentais (13,76%) e sócio-culturais (9,10%). As disciplinas de orientação pedagógica corresponderam a 16,57% e as disciplinas de orientação para atividades 51,64% do total da carga horária.

No seu estudo, Pérez Gallardo, manifesta a sua preocupação dizendo:

> (...) embora todos os cursos de Educação Física sejam de Licenciatura, os resultados desse estudo mostram que as disciplinas de orientação pedagógica são as menos oferecidas, o que evidencia uma incoerência na preparação profissional do professor de Educação Física. (1988, p. ii)

Ou seja, posso pensar que se os cursos de Educação Física, na Licenciatura, são pobres nos aspectos pedagógicos, é provável que a formação humana não seja uma preocupação fundamental em ditos cursos, já que, na perspectiva da presente tese, a formação humana encontra-se diretamente vinculada aos aspectos pedagógicos da formação profissional do professor de Educação Física.

Hoje, segundo David (2003, p.108-109).

> Em um currículo de 2800hrs, ao incluir a prática de ensino, estabelecendo que oitocentas horas são dedicadas à prática de ensino e estágios e duzentas horas às atividades complementarias de formação, restam apenas 1800 horas para que o currículo se ocupe dos conhecimentos de natureza pedagógica, cientifica e cultural.

O autor manifesta a sua preocupação, já que *evidencia-se um tremendo retrocesso, tanto na formação de professores como na formação de bacharéis*. E, mais preocupante ainda: *do ponto de vista do valor social, os educadores perderiam o status acadêmico-científico e o seu papel de intelectual critico e reflexivo no contexto da vida social pode se tornar extremamente questionável no bojo das demais profissões.* (Ibidem)

A diminuição da carga horária na formação profissional pode contribuir na diminuição na qualidade pedagógica do professor de Educação Física já que segundo o mesmo autor:

> Com uma carga de 1800 horas destinadas à formação acadêmica e profissional, os conteúdos a serem oferecidos devem vincular-se aos conhecimentos técnicos e instrumentais, como suporte operacional para solucionar os problemas provenientes do ensino-aprendizagem dos alunos. Assim, os conteúdos de formação filosófica, cultural, política e social e de investigação cientifica, que oferecem contribuições afetivas ao pensar cientifico além do diagnostico imediato da ação educativa, podem estar condenados a se situarem fora do contexto da formação. (DAVID, 2003, p.111)

Concordo com David quando ressalta: *Nessas condições, a prática reflexiva inexiste e um professor crítico reflexivo jamais será formado.* (idem)

Por outro lado, o fato de que os currículos de Licenciatura tenham uma ênfase nos aspectos biológicos e de orientação para atividades pode estar influenciando a visão físico-esportiva que se tem da Educação Física escolar. Esse mesmo fato orienta as praticas pedagógicas dos professores de Educação Física na Escola, produzindo aulas nas quais prevalecem os conteúdos, objetivos e avaliações relacionadas ao domínio técnico, com pouca preocupação pelos aspectos sócio-criticos dos mesmos.

Segundo Salgueiro, (2001, p.92), *(...) é fundamental, incluir momentos de reflexão nos projetos de formação de professorado uma vez que a reflexão não se dá de maneira espontânea, nem exclusivamente com o referencial da própria prática.*

E, Segundo Tardif, (2000, p.115),

> (...) um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir

> dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber fazer provenientes da sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta.

Porém, precisamos de professores de Educação Física que apóiem seus conteúdos na vivência espontânea e humilde de uma total expressão da personalidade do individuo, entendida como uma humanidade sensível aos outros. Uma Educação física assumida nas dinâmicas relacionais de existência, na riqueza do compartilhar e não no dividir, na qual cada pessoa poda-se expressar de acordo as suas possibilidades.

Precisamos de currículos de formação profissional que priviligiem uma Educação Física criativa e livre de padrões de comportamento estruturados e descontextualizados, onde a comunicação com o outro ultrapasse o simples movimento vazio e in-transcendente, transformando essa ação em uma extensão dos próprios limites. Uma Educação física que nos permita compreender e aceitar que o outro é tão necessário quanto eu para dar-lhe sentido à existência e transcender de uma forma criativa para uma sociedade mais tolerante e sem discriminações.

A Educação Física Escolar deve ajudar ao individuo transcender sua individualidade, e isso se pode conseguir na medida em que os momentos vividos nas aulas superem a simples informação - instrução, inclusive superar o paradigma “transmissão”, já que só os objetos transmitem, as pessoas (sujeitos) têm a capacidade de vivenciar a cultura e construir junto um novo conhecimento.

Por outro lado, segundo David (2003, p.121),

> Para as IES e para os educadores progressistas, ao contrario da visão do CNE, a função do professor não é apenas a de transmitir conhecimentos, mas a de produzir conhecimentos, auxiliar no processo de organização e sistematização do saber e, sobretudo, levar os seus alunos ao permanente questionamento crítico sobre a sua prática, sobre as relações estabelecidas no contexto histórico-cultural e na realidade social que o circunda.

Portanto, a formação profissional deve considerar o aluno como o sujeito que constrói sua própria historia, baseado na analise critica das circunstancias socioculturais que lhe toca viver. Sujeito cujo potencial criativo pode transformá-lo em produtor de conhecimento significativo e relevante que permita gerar mudanças sociais.

Deve-se lembrar que uma das obrigações dos atos educativos sistemáticos é permitir a construção de ambientes e circunstancias que nos levem a conviver e vivenciar junto com outros, momentos da existência humana baseada na configuração emocional de nossas atitudes e condutas. Estar em pleno contato com si mesmo e se identificar com um contexto sócio-afetivo determinado, assumindo que apreender significa dar-se conta, e que, esse dar-se conta nos deveria permitir existir em harmonia com a natureza e o universo.

A minha preocupação é com as orientações pedagógicas que o aluno de graduação recebe na sua formação profissional, orientações que podem se transformar em direcionamentos que levarão esse aluno na sua atuação profissional a confundir as funções que ele pode ter como educador ou como instrutor. Não estou querendo dizer que o instrutor não tenha a faculdade de educar; o que quero deixar claro é que aquele que leva o titulo de professor, deve superar o simples nível de instrução de técnicas e conhecimentos se quiserem se transformar num educador.

Desejo transferir aqui uma entrevista feita pelo professor Vianna (2000, p.147) que aparece a sua tese de doutorado intitulada “Vidas e Circunstancias na Educação Matemática” A razão principal é porque muitos dos depoimentos expressados nessa entrevista têm relação com o que temos discutido aqui a respeito da formação profissional em Educação Física e, sobretudo, respeito da relevância do professor como educador. Faça o seguinte exercício: onde aparece o conceito Matemática, coloque o conceito Educação Física.

> Uma coisa relevante para ser atacada com urgência é a licenciatura. Ela deveria mudar totalmente. A formação de professor deveria mudar completamente. Um professor de matemática, ou qualquer professor, como ele vai ser um educador, ele não pode ser só um fazedor de problemas, ou um passador de ensino. Ele tem que ser um educador, ele tem que ser um exemplo. Toda a postura dele tem que ser exemplar. Então ele tem que ser um pesquisador: ele tem que saber pesquisar, ele tem que saber pesquisar a realidade onde está inserida a escola; conhecer muito bem os alunos dele, trabalhar com essa realidade, trabalhar com tudo que aparece ali no momento, saber aproveitar o momento. E para isso ele tem que ser um pesquisador, ele tem que conhecer muito bem a história da matemática; mas os nossos professores não a conhecem, não é mesmo? Eu acho que a história dá um caminho do desenvolvimento da matemática... Acho que deveria acabar rapidamente essa noção de que a matemática é uma verdade absoluta que caiu do céu pronta e tudo o mais. A história serve para mostrar que ela é uma ciência construída pelo homem, com acertos e erros, e o aluno precisa saber disso. Precisa saber que nós estamos construindo essa matemática, que ela não parou de ser construída. Há vários obstáculos para isso. Você tem dois tipos de Universidade: a Universidade pública e a Universidade privada. A grande maioria é formada pela Universidade privada onde o interesse comum, a preocupação imediata, é formar o mais

> rápido possível: quanto mais pessoas melhor. Eles não estão muito preocupados em fazer reformulações e coisas que demoram e dão trabalho, pois isso representa perda de tempo e de dinheiro. Na Universidade pública a formação dos professores ainda ocorre dentro dos institutos onde a formação de conteúdo do professor de matemática ainda é em moldes positivistas. Quer dizer assim: a matemática pela matemática e coisas desse tipo. A licenciatura é pensada sempre em segundo plano; eles estão preocupados com o bacharelando e não com o licenciando. O licenciando geralmente é aquele que não conseguiu fazer bacharelado, e eles não se preocupam muito com isso. Toda a investida para se fazer alguma coisa diferente vai por água abaixo, porque as cabeças dentro desses institutos não acreditam nisso, não é? E por outro lado, não existe um incentivo do governo para melhorar as condições para a pessoa se manter como professor e coisas assim. Mas é a formação dos professores, a licenciatura, o ponto que deve ser atacado.

Acredito que essas palavras se encaixam perfeitamente na nossa problemática respeito da Educação Física e, no meu pressuposto, à ausência de uma formação humana que permita a visão desses problemas.

A era industrial nos levou ao desespero de produzir sem pensar nas conseqüências. Essas conseqüências reclamam hoje nossa saúde física, psicológica e espiritual. O que importa é quantidade de produção. Não importa muito o custo.

Hoje, segundo De Massi (2003, p.15),

> Vivemos por muito mais tempo que os nossos ancestrais; a ciência nos convence a ter uma expectativa de vida não somente mais longa, mas também, mais sadia; dispomos de prodigiosas próteses tecnológicas, capazes de multiplicar a potencia dos nossos sentidos, a velocidade dos nossos cálculos, o alcance da nossa memória e o número das nossas relações. Porém, a consciência e o usufruto dessas novas oportunidades não dependem das existências das mesmas, mas da disposição cultural de cada individuo de reconhecê-las e de apreciá-las em todas as suas dimensões. E esta disposição, por sua vez, é influenciada pelo clima geral que há em torno, pela atitude diante da vida, pela confiança nos demais, assim como pelo habito de confrontar os preconceitos com os dados de fato; em suma, por aquele conjunto de opiniões, emoções e sentimentos que, bombardeados pela mídia, acabam adoçando a nossa vida com a serenidade ou afogando-a na angustia.

Isto nos leva a chamar a atenção com urgência na necessidade de reformular as nossas diretrizes curriculares, os nossos parâmetros, decidir em que aspecto da formação de professores, educadores, vamos pôr a ênfase. E, especificamente na Educação Física vincular os conteúdos das disciplinas para a formação de um profissional ciente e compromissado com tais questões humanas.

Isto é urgente, independente da especialidade pedagógica, pela simples razão que enfrentamos hoje nas circunstancias sociais condições que nos levam à desconfiança mutua, à violência cotidiana nas grandes cidades, à fome e a indiferença que nos produz a fatalidade alheia. Os professores, como agentes sociais, como fornecedores de mecanismos de ação, de conhecimento, têm a possibilidade de ajudar, ou pelo menos orientar a quem precisa. Mas para o professor poder ajudar a outros, precisa ele também ser ajudado e orientado, conscientizado, do que significa educar e do verdadeiro sentido pedagógico da sua profissão. Porém, é importante considerar o que Freire (1980, p.92) fala: *Não se pode chegar à conscientização crítica apenas pelo esforço intelectual, mas também pela práxis: pela autentica união da ação e da reflexão*.

Por outro lado, concordo com De Massi (2003, p.16) quando diz: *Pessoalmente considero o otimismo a forma mais perfeita e generosa da inteligência. Acredito que o homem jamais permitirá ser superado pelos meios que ele mesmo creia e, portanto, não se reduzirá nunca a escravo das suas próprias obras.*

Também acredito que uma disciplina o um currículo que focalize a formação humana como eixo ou principio orientador da grade, não pode garantir a solução dos problemas enunciados anteriormente. Sou convencido que não existe algo o uma pessoa que garanta que fazendo isto ou aquilo o sistema mude da noite para a día, mas pelo menos posso tentar pesquisar o que acontece com um outro olhar.

O mundo nos dá a possibilidade de escolha, e desse direito me afirmo. A minha escolha é com a formação humana. Na prática isso significa que a minha pedagogia prioriza o desenvolvimento de atitudes e condutas relacionadas a valores humanos que fomentam a tolerância, respeito e compreensão. O desenvolvimento de capacidades e habilidades físicas é um efeito colateral, mas não meu objetivo principal.

Acredito que o homem quanto expressão existencial é sempre “possibilidade”, e, nessa perspectiva, tenho a possibilidade de mudar o que até agora tem sido a minha forma de ver e atuar como professor de Educação Física que se formou no paradigma esportivo e, concordando com De Massi (2003, p.17), posso dizer:

> O homem começou aprimorando técnicas de sobrevivência contra as ameaças da natureza e de seus competidores. (...). E agora talvez tenha chegado à compreensão de que a acumulação insensata de dinheiro, de poder e de objetos permanece sendo incapaz de satisfazer as suas necessidades de introspecção, de amizade, de amor, de lucidez e de lazer para as quais necessita cultivar, de forma criativa, valores que haviam sido negligenciados, como a ética, a estética, a emotividade, a subjetividade, a ubiqüidade e a qualidade de vida.

Uma outra coisa que preocupa hoje na formação profissional, é o que David (2003,) chama de *uma nova pedagogia de resultados.* Concordo com o autor quando manifesta sua preocupação pelas novas políticas educacionais que orientam os currículos para a formação por competências, dizendo:

> Ao defender uma metodologia pautada nas competências, as expectativas são de que, no final de um curso de formação, o profissional seja considerado um ator social competente, como se esperava dele e de suas operações procedimentais em décadas passadas por meio dos objetivos comportamentais. O que estabelece diferenciação com aquela época é que as noções de competências se transformaram em instrumentos, metodologias e foco de capacitação de alunos no transcorrer de processo de formação acadêmica e profissional e não apenas uma expectativa psicológica a ser alcançada com a mudança de comportamentos dos alunos ao final do curso de graduação. (DAVID, 2003, p.120)

Hoje, a maioria das IES começa a orientar os currículos de formação profissional para o modelo por competências. Sabendo que esse modelo obedece, mais uma vez, às exigências da economia neoliberal capitalista, é muito provável que também, mais uma vez, tenhamos que lamentar uma formação profissional utilitária e funcional, desconsiderando o sujeito socio-histórico, socio-critico, socio-criativo e socio-afetivo. A minha preocupação, como venho dizendo na presente tese, é com a formação humana do sujeito profissional que seria responsável, pela sua vez, da formação humana dos alunos no ensino básico. Como desenvolver nesse sujeito a competência humana que lhe permita orientar processos pedagógicos pertinentes á formação humana?

Parece-me que nas palavras de David (2003, p. 120), é possível enxergar uma resposta à pergunta feita:

> Um currículo de formação, para adequar-se ao projeto de formação humana com o objetivo de formar para a autonomia, para a liberdade e com criatividade dos sujeitos-históricos precisa apoiar-se na prática educativa e social, entendendo-a como formação histórica e particularidade concreta, que se articula, reproduz e transforma suas relações com o todo complexo e vice-versa.

Isto quer dizer que não se pode pensar a formação profissional sem considerar a realidade total do momento histórico no qual se produz dita formação. O que significa que a formação profissional deve considerar todo o que diz relação com a existência individual e social do sujeito que se forma.

A minha especial preocupação com o modelo curricular por competências, é a ênfase que se coloca no *fazer*, o que pode influenciar os processos pedagógicos para as aprendizagens de técnicas na solução de situações-problemas, diminuindo a possibilidade de viver espaços emocionais que facilitem e promovam a formação humana, desde a perspectiva de minha tese, onde o *sentir* é tão importante quanto o saber e o fazer.

Nesse sentido, é necessário considerar que:

> Ao deixar de realizar uma formação pedagógica e social voltada para os valores humanos e para a autonomia dos sujeitos-históricos e direcionar a formação das competências para uma formação técnica do corpo-produtivo para o mercado (flexível) capitalista, esta formação do profissional em Educação Física estará negando o principio educativo ligado ao trabalho para implementar a pedagogia das competências e do rendimento. (DAVID, 2003, p. 129)

Pode parecer utópico pretender formar um sujeito sensível às condições sociais e que, junto com se importar com satisfazer seus direitos, considere os direitos dos outros na construção da sociedade. David (2003, p. 121), ressalta: *Mas essa ação sem utopia, pode perder-se no vazio. É necessário que se busque construir uma outra possibilidade de existência humana e social, a qual supere todas as determinações existentes e que se paute em uma sociedade genuinamente livre e justa.*

CAPITULO IV: A EDUCAÇAO FISICA NO CHILE E A REFORMA EDUCACIONAL DOS ANOS ‘90

4.1. O Processo Histórico da Educação Física no Chile

Acredito seja importante, tanto para compreender minha proposta do análise do conceito formação humana quanto para contextualizar dito análise, referenciar brevemente como tem-se desenvolvido a Educação Física no meu país. Porém, não é possível nesta tese fazer um paralelo sócio-historico entre Brasil e o Chile, sobretudo porque não é o objetivo. Mas sabemos que falamos de um lugar na América Latina fortemente influenciado pela colonização européia e, atualmente, pelas políticas neoliberales dos EEUU.

O capitulo mostra o proceso vivido pela Educação Física no Chile, com o intuito de levantar as informações que permitam estabelecer vínculos entre a o conceito formação humana e os currículos que o MEC do Chile estabele para a Educação Física escolar

No século XIX, no Chile depois de 1810, políticos e educadores da época elaboram as primeiras idéias sobre o valor dos exercícios físicos como fator de desenvolvimento corporal, disciplina e adestramento bélico. Juan Egaña, Manuel De Salas e o Padre Camilo Henríquez são pioneiros da educação nacional no Chile. O primeiro deles, por mandato do Primeiro Congresso Nacional de 1810, escreve um projeto de Regulamento Constitucional que em seu artigo 215 dizia: *Estabelecera-se na Republica do Chile uma grande instituição para as ciências, artes, ofícios, instrução militar e religiosa, com exercícios que ofereçam vigor e saúde e contribuir com a formação do caráter físico e moral do cidadão.* Em 1825 Carlos Francisco Ambrosio Lozier, francês, engenheiro, professor e reitor do Insituto Nacional, tenta impulsionar no Chile a sua experiência nos progressos da Educação Física européia, pela influencia de J.J. Rousseau, J.C.F. Gutsmutshs, H. Pestalozzi, P. Clias, etc. Mas fracassa rotundamente. Termina afastando-se de Santiago. (VON VRIESSEN, 1995)

Francisco Jenschkem, austríaco, em Chile desde 1884, tinha declarado no Congresso Pedagógico de 1902, que a preparação física é tão necessária para o homem quanto para a mulher. Joaquin Cabezas destaca que um dos objetivos mais importante da Educação Física Escolar é a saúde (RUIZ URBINA, 1939. In. VON VRIESSEN, 1995).

O decreto de 1928 cria a Direção Geral de Educação Física cujo Art. N° 9 pretende terminar por meio da atividade física com um dos problemas sociais mais urgentes da nação: o alcoolismo. Nele pode-se ler: *"Será obligación preferente de los profesores de Educación Física, la enseñanza científica de la temperancia en las Escuelas y Colegios del Estado, por medios objetivos que sirvan para combatir el alcoholismo"* (DIAZ, 1974. In. VON VRIESSEN, 1995).

Cabezas (apud VON VRIESSEN 1995) se refere à saúde a través da atividade física sistemática e metódica, e, ao mesmo tempo, à perda da saúde pelos excessos do esporte competitivo. A campanha nacional o *chileno fisicamente apto* começou em 1942 pela iniciativa da Revista Estádio baseado no modelo da insígnia do esporte da Alemanha e Suécia. O objetivo era que o povo chileno adquirisse pelo exercício uma forma física que assegurasse uma saúde compatível com a vida e o trabalho.

É evidente que nos inícios, e por muito tempo mais, a Educação Física no Chile teve (e tem tido) uma visão paradigmática relacionada com a saúde e o desenvolvimento biológico na procura das qualidades físicas que permitam um melhor desempenho na vida do trabalho. E é nessa linha que a maioria das instituições de ensino, junto os professores, tem criado seus projetos políticos pedagógicos. Mais ainda, as mudanças nos modelos didáticos e metodológicos podem ter algumas inovações, mas o problema de fundo continua sendo o paradigma físico-esportivo visto somente no âmbito competitivo e de desempenho físico-orgánico. Isto é, se não mudar o paradigma será difícil mudar as práticas pedagógicas.

4.2. Identidade Cultural e Integração

No meu país, o Chile, ainda existe preconceito étnico, quer dizer, ainda não se reconhece a cultura indígena como própria, e não se cultua nas escolas os costumes e tradições dos povos originários e existe uma forte, no caso da Educação Física escolar, tendência aos parâmetros europeus e norte-americanos. Nos programas de Educação Física, os esportes veiculados pela mídia é matéria de ensino e avaliação, e pior ainda, essa avaliação é feita em termos de execução motriz, buscando no aluno o domínio técnico dos exercícios.

Em quanto aos jogos autóctones, o “palin” ou “chueca” (muito parecido ao hockey sobre grama); o “pillmatum” ou jogo com as mãos (variedade do “palin”); o “linao”, jogo de bola com as mãos (parecido ao rúgbi e handebol), tiveram vigência até finais do século XX. A estes jogos se agregaram os introduzidos pelos espanhóis. Aqueles jogos violentos demais, tanto espanhóis quanto os de origem Mapuche* foram proibidos freqüentemente. Eles se mantiveram como jogos populares como resultado de uma integração cultural mútua.

Os jogos autóctones tiveram vigência nacional até aparecer os esportes forâneos como o futebol, basquete e voleibol no final do século XIX e começos do XX. Os jogos dos Mapuches desapareceram das cidades do Centro Sul do Chile ficando só no cultivo dos próprios Mapuches em suas aldeias. Ao parecer existem dois motivos para tal coisa acontecer:

1. Ao terminar a guerra de Arauco em 1883 o povo Mapuche sendo o perdedor, deixou de existir como nação e perdeu sua identidade.
2. O esporte moderno com seu elevado espírito competitivo não desperta interesse em uma etnia na qual o jogo tinha primordialmente um sentido cultural, social e recreativo.

Na atualidade, os Mapuches, que existem na zona Centro Sul do país, são discriminados pela sociedade chilena dominante. A integração cultural quase não existe e o esporte moderno não contribui nesse propósito. A mesma classe dominante não manifesta interesse pelos jogos ou atividades culturais dos Mapuches ou outras etnias originarias do país. Nos programas de Educação Física escolar esses jogos e as costumes ou expressões culturais dos povos originários não são considerados no currículo, portanto não são conhecidos pelos alunos. Nas universidades existe pouco ou quase nenhuma orientação ao respeito. Em resumo, no Chile não se tem valorado na sua real dimensão a importância da cultura originaria do país.

O autor Von Vriessen tem começado no Chile uma linha de pesquisa na área dos Jogos Tradicionais a partir de 1982, levando à Universidade Católica de Valparaiso oficinas e palestras sobre o tema para estudantes de pregrado, fazendo publicações no Chile e no estrangeiro. Em 1993 foi promulgada uma lei que protege, promove e difunde as culturas autóctones do Chile. Mas o esporte moderno do poder cultural hegemônico apaga toda possibilidade de expressão dos jogos populares nacionais.

* MAPUCHE: *mapu* = terra; *che* = homem; *homem da terra*. Pessoa do povo ameríndio que, na época da conquista espanhola, habitava na região central e sul do Chile.

Em 1883 ditou-se uma lei que autorizava ao Presidente da Republica para aquisição de moveis e materiais de ginástica. Em 1885 chega no Chile uma missão pedagógica de professores alemães contratada pelo Governo para que organizasse oficinas e cursos destinados a formar professores.

Obviamente essa missão influenciou em grande forma o ensino sistemático da Educação Física no Chile, especialmente na Ginástica. Em 1889 cria-se o primeiro curso de professores de ginástica a cargo de Francisco Jenschke y Juana Gremle. O curso desapareceu aos três anos de sua criação, mas alcançaram formar-se 12 alunos como professores de Ginástica, os primeiros formados no país. Nesse momento há um grande fomento da prática esportiva.

O problema nesta situação é que o profissional chileno não entendeu a visão que o europeu tem de esporte, a qual responde as características de toda atividade com caráter integrativa e de socialização expressada por meio da corporalidade e não exclusivamente competitiva. Em troca, o profissional chileno só levou em conta o esporte com suas características competitivas e foi assim como entrou no meio escolar, usufruindo desse meio e das crianças para justificar sua pedagogização e, a partir dai, fomentar o hábito e a prática esportiva na população, gerando espaços para a procura de talentos.

Continuando com a história, no Congresso Pedagógico de 1889 se expressou a conveniência de criar um Instituo Central para a formação de *maestros* (professores) especiais de Ginástica. Joaquin Cabezas viaja a Suécia a estudar Educação Manual e Ginástica, conhecendo também Dinamarca, Bélgica e França. A sua influência é grande e com o apoio de Arturo Alesandri Palma, Senador e mais tarde Presidente da Republica, se cria em 6 de março de 1906 o Instituo de Educação Física e Manual.

Em 1918 o Instituto é elevado à categoria de Escola Universitária com o nome de Instituto Superior de Educação Física, elaborando-se seu regulamento e Plano de Estudos. Os egressados obtinham o titulo de Professor de Estado. A matéria escolar é obrigatória desde 1889. Chile foi pioneiro nestas matérias, mas nunca contou com o apoio estadual.

A primeira Lei de Educação Física no Chile é do ano 1929. no seu Artigo 1 dizia: *A Educação Física é uma atenção preferente do Estado e devem tê-la todos os habitantes da Republica*.

Hoje, quase 80 anos depois, as orientações para a Educação Física escolar não têm mudado muito. A atual Lei de Esportes N° 19.712, promulgada em 30 de Janeiro de 2001 sob responsabilidade do Ministério do Interior no governo do Ricardo Lagos Escobar, Presidente da Republica da época, em seu Art. 5 assinala:

> Los planes y programas de estudio de la Educación Básica y de la educación Media deberán considerar los objetivos y contenidos destinados a la formación para el deporte. El marco curricular de enseñanza de la educación preescolar deberá considerar contenidos a enseñar el valor e importancia del deporte, sus fundamentos y a motivar e incentivar su práctica.

Depois, no Art.12, letra d)

> Coordinar con el Ministerio de Educación la pertinencia de los planes y programas del sector de aprendizaje Educación Física, Deportes y Recreación con el diseño de políticas para el mejoramiento de la calidad de la formación para el deporte y de la práctica deportiva en el sistema educacional, en todos sus niveles. Asimismo, se pronunciará respecto de las modificaciones o ajustes que se introduzcan en los planes y programas de estudio referidos a los temas mencionados.

Essas leis correspondem à criação do Instituo do Esporte, instituição conhecida hoje como CHILEDEPORTES. Esse instituto não tem a competência nem a legalidade para formar professores de Educação Física, já que foi criada com o objetivo de fomentar, organizar e distribuir verbas para o esporte de alto rendimento. Mas eles declaram no seu Art. 11: *Corresponderá al Instituto proponer la política nacional de deportes. Asimismo, tendrá a su cargo la promoción de la cultura deportiva en la población.*

Apropriam-se do direito de intervir na construção do currículo escolar, fundamentando que a Educação Física tem como responsabilidade a procura e fomento de talentos esportivos e o cuidado da saúde. Desde esse ponto de vista é fácil entender porque nas escolas existe uma ênfase no desenvolvimento das capacidades e habilidades físicas dos alunos. O paradigma esportivo e profilático orienta e determina, em muitos casos, a matéria ou conhecimentos ministrados na escola. Muitos alunos ainda são avaliados como se fossem atletas e as aulas de Educação Física na escola é local de treino.

4.3. Reforma Educacional no Chile

A Reforma Educacional do Chile nasce de uma política educacional que começa a se programar em março de 1990. Nesse momento a educação chilena experimenta a confluência de duas orientações culturais que produzem uma circunstancia especial. Naqueles dias acontece a Conferencia Mundial da Educação para Todos, evento que dá conta de um cambio da visão da educação no mundo. É, para o Chile, o momento de restauração da democracia, após 17 anos de ditadura militar. (GARCIA HUIDOBRO e COX, 1999)

Os dados que a continuação se apresentam, têm sido extraídos de diversos documentos e revistas relacionadas com o tema, especialmente os escritos por Juan Pablo Arellano Marin, ex Ministro de Educação do Chile nos anos 1996 – 2000.

Segundo Arellano (2001), uma das maiores mudanças que tem se produzido a nível mundial nas concepções políticas do sistema educacional, é o passo da importância do ensino à importância da aprendizagem e seus processos. É evidente que sem ensino não há aprendizagem, o ensino é uma condição da aprendizagem. Mas não é suficiente neste novo milênio "passar a matéria" o cumprir com o plano de estúdios. Hoje o que importa é que o estudante aprenda. Dali que o foco da reorganização pedagógica na Reforma Educacional seja a aprendizagem. Fazer efetivo esse foco significa mudar qualitativamente a educação e necessita um novo tipo de processo de transformação.

A partir de 1990, com a recuperação da democracia, os Governos da Coalizão de Partidos pela Democracia (PPD) colocam gradualmente em prática um conjunto de iniciativas destinadas a reverter a situação de crise no sistema educacional, promover a inovação educativa e criar um novo ambiente nas escolas, iniciando as bases para o processo de reforma educacional no país.

Começa também, o desenvolvimento gradual dos Programas de Melhoramento da educação pré-escolar, fundamental e media; se elabora e implementa o estatuto docente; se desenvolvem planos para melhorar a gestão escolar e se incrementa o investimento em educação. Assim, desde 1996, essa dinâmica de profundas transformações se denomina Reforma Educacional.

É uma reforma que busca afetar gradualmente e em forma global todas as dimensões do sistema: formas de ensino e aprendizagem, os conteúdos, a gestão dos serviços, os insumos (biblioteca, informática, etc.) e a infra-estrutura escolar, o financiamento, melhoramento das condições de trabalho dos professores, entre outras.

Uma das iniciativas mais destacadas foi o Projeto de Melhoramento Educativo (PME), nos começos de 1990, orientado a fortalecer a autonomia pedagógica das escolas. Isto é, cada unidade educativa pode definir seu próprio projeto político pedagógico. A equipe docente estabelece as ações mais pertinentes para seus alunos e estabelece metas, prazos e estratégias de avaliação.

O anterior baseia-se nos princípios fundamentais do sistema educativo chileno, consagrados na Constituição Política do Chile aprovada em 1980, e na Lei Orgânica Constitucional de Ensino de 1990.

A lei do ensino sinala no seu artigo 2 que, a educação tem como finalidade *alcançar o desenvolvimento moral, intelectual, artístico, espiritual y físico das pessoas (...), capacitando-as para conviver e participar de forma responsável e ativa na comunidade.* O artigo 19 faz referencia à obrigatoriedade do ensino fundamental e o financiamento do estado nesse nível.

Mas, apesar das boas intenções e reais necessidades de mudança no sistema educacional chileno, segundo Neely (2001), dita reforma apresenta seis erros de base que têm produzido problemas na implementação do programa, especialmente com a Jornada Escolar Completa (JEC), sendo eles:

> Primeiro: a gestão intelectual das reformas foi estritamente autoritária. Não considerou a participação dos principais agentes do processo: os professores.
> Segundo: a descentralização só foi na aparência e em contra de toda evidencia histórica e cultural.
> Terceiro: não se deu importância a circunstancia de que os setores sociais mais necessitados de educação das áreas rurais e da pobreza urbana, não têm capacidades intelectuais para compreender informações aparecidas nos teste de medição de qualidade da educação e também não dispõem dos meios econômicos para enviar seus filhos a uma escola melhor ou mais longe de sua casa.
> Quarto: não se considerou o risco de trasladar um aluno de uma escola para outra quando ele já tem vários anos num mesmo colégio.
> Quinto: esqueceu-se dos oportunistas que se aproveitaram da ocasião para criar escolar pensando só no lucro.
> Sexto: continuou a burocracia centralizada da educação. A gestão municipal de educação colaborou com sua própria burocracia e incompetência, maus hábitos de discriminações partidistas e de nepotismo político.

Segundo o autor, a reforma educacional no Chile tem avançado muito pouco e tem cobrado a saúde dos professores, quêm sofrem maltrato em todo sentido (econômico, laboral e social). Esta situação se deve, em parte, à aplicação da política econômica neoliberal, imposta pelo governo militar entre os anos 1973 e 1989, reduzindo a responsabilidade do Estado como fator de desenvolvimento e ente distribuidor, deixando tais funções nas mãos da empresa privada. Ressalta-se que essas reformas econômicas foram feitas com o apoio irrestrito do governo militar, o qual aplicou à força ditas políticas, não considerando o custo social que implicava, e que, até hoje, manifesta seus efeitos colaterais (LOMNIYZ & MELNICK, 1998).

Sabemos que a economia social de mercado, do modelo neoliberal capitalista, cobra hoje nos países e pessoas mais pobres a impossibilidade de usufruir das *bondades do mercado*, já que não permite o desenvolvimento em igualdade de condições. Criança pobre está destinada a freqüentar escola pobre, se freqüenta. As IES são freqüentadas pelos alunos formados nas melhores escolas de Ensino Médio e a distância entre as escolas públicas e as privadas é cada vez maior, sendo favorecidas estas últimas.

Na atualidade, o Chile possui quatro níveis de ensino distribuídos da seguinte forma:

1. Educação Pré-escolar ou Parvularia – (EP) (corresponde ao ensino infantil)
2. Educação Geral Básica – (EGB) (corresponde ao ensino fundamental)
3. Educação Media (EM)
4. Educação Superior (ES)

Apesar de também o país ter colocado como prioridade a introdução das Tecnologias da Informação e Comunicações (TIC) no ensino fundamental, (investimentos em recursos computacionais, software de aprendizagens e capacitação para os professores de todas as escolas), o resultado nas provas de medição da qualidade da educação é desfavorável para o ensino público em comparação com o privado.

Voltando ao assunto da reforma educacional, Gajardo (2000, p.4) diz que:

> Apesar dos avanços em matéria de reformas, em nenhum dos países os sistemas educacionais vigentes estão atendendo totalmente a essas demandas, ainda que em todos eles seja dado como certo o fato de que a renovação educativa desempenha um papel estratégico no êxito econômico e na superação da pobreza, e que os esforços nacionais em prol da melhoria da qualidade de vida, da produtividade dos indivíduos e da competitividade também passem pelas escolas.

Segundo a mesma autora, o Banco Mundial propôs aos países uma mudança radical em suas políticas educacionais para assegurar:

- Resultados de rendimento comparáveis internacionalmente;
- Fortalecimento da autonomia escolar e das capacidades gerenciais no nível das escolas;
- Professores mais qualificado, motivados e abertos às correntes contemporâneas da educação;
- Maior eqüidade: foco das políticas públicas nos grupos mais vulneráveis.

No caso do Chile as mudanças na estrutura do sistema deixaram nas mãos do nível central as tarefas normativas, de avaliação e supervisão, transferindo às administrações regionais e locais as funções de execução das políticas e administração dos recursos humanos e financeiros. Esse trabalho trouxe consigo mudanças nos planos e programas de ensino e nos mecanismos de financiamento da educação. Com relação a este último, estabeleceu-se a subvenção escolar, pagamento mensal que se faz aos estabelecimentos educacionais com base no número de alunos que freqüentam as aulas e, com relação ao primeiro, estabeleceu-se a flexibilidade curricular que permitiu adaptar conteúdos e objetivos mínimos à realidade local e à realidade da instituição escolar. Para os professores, a transferência dos estabelecimentos para os municípios (conhecida como *municipalização*) significou uma modificação de suas condições contratuais e a conseqüente atomização de suas organizações. (GAJARDO, 2000)

No caso do Brasil, muitos estados e municípios preocuparam-se em transferir decisões para os estabelecimentos escolares. Essa maior autonomia refletiu-se na descentralização das gestões administrativa e financeira e está associada a uma maior democratização, que se traduz em: i) eleição dos diretores de escola pela comunidade escolar; ii) a criação de órgãos colegiados para aprovar decisões, exercer controle sobre as mesmas e administrar recursos dos alunos e da comunidade. (GAJARDO, 2000, p.50)

A autora termina seu informe dizendo:

> Embora se tenha conseguido, com elas, situar o tema da educação e sua reforma em lugar prioritário na agenda pública e deter as tendências de deterioração educativa na maioria dos países da região, ainda não se conseguiu completar as mudanças iniciadas, nem extrair lições para elaborar outra agenda de políticas que oriente as mudanças de uma nova etapa. Tampouco foram alcançados os objetivos de eqüidade, qualidade e eficiência desejados, o que, em parte, se deve a fatores educativos, e muito a problemas que transcendem à educação e ao ensino e têm mais a ver com as condições gerais em que se dão tais processos.

Porque será que *ainda não se conseguiu*? Falta formação humana para que os que regulam e ministram o sistema escolar sejam conscientes e coseqüentes com a sua posição e responsabilidade frente às necessidades educativas da comunidade?

4.4. Reforma Educacional e Ginástica Geral

A pesar da Reforma Educacional apresentar problemas na sua aplicação, ela permite às escolas a liberdade de criar seus próprios programas, respeitando os referenciais gerais nacionais. Portanto, existe grande possibilidade para os professores incluírem a Ginástica Geral como conteúdo nas suas aulas e dessa maneira oportunizar o desenvolvimento da formação humana nas pessoas envolvidas no processo educativo.

Com relação a dar maior ênfase à aprendizagem que ao ensino, é interessante poder formular que a Ginástica Geral, ministrada com orientação pedagógica e colocada com sentido humano, ao permitir que sejam os alunos os que criam e representam suas expressões corporais, tanto individuais quanto grupais, o ensino só diz relação com as ofertas do conhecimento do professor, mas a função dele é levar os alunos ao desenvolvimento de sua

própria cultura corporal, respeitando diferenças individuais e permitindo o encontro com o outro na manifestação dinâmica de respeito e aceitação.

A Reforma Educacional chilena se afirma em três princípios fundamentais: Eficácia, Eficiência y Efetividade. Com relação à Eficácia, os objetivos e conteúdos dos novos programas devem ser: socialmente relevantes, culturalmente pertinentes e pessoalmente significativos. Isto é, se deve privilegiar a qualidade do ensino, para favorecer a formação integral de uma personalidade equilibrada, sadia, protagónica, autônoma, feliz e compromissada com seu próprio progresso, mas também devem ser consistentes com as expectativas sociais, os desafios do crescimento sustentável e a modernização do país.

Enquanto à Eficiência, a ação pedagógica deve levar em conta a determinação das ações e realizar a conexão lógica dos procedimentos, recursos e meios. E, finalmente, a Efetividade, significa que as ações do novo estilo devem ter o impacto, repercussão e relevância previstas.

A aprendizagem efetiva é entendida como aquela aprendizagem significativa, vinculando os novos conhecimentos com os anteriores e estimulando a capacidade de reflexão, pesquisa e inovação. Todos esses conceitos, Eficácia, Eficiência y Efetividade, podem ser veiculados numa aula de Ginástica Geral, desde que se respeitem os fundamentos pedagógicos da mesma.

Maior relação há ainda entre a Reforma e a Ginástica Geral quando se diz que o Currículo deve ser colaborativo e interativo. Isto é, o desenho curricular deve ser compatível com os interesses e necessidades de cada comunidade escolar, com os contextos locais, regionais e nacionais. Os membros de cada comunidade escolar definem de forma corporativa e colaborativa o seu projeto político pedagógico estabelecendo os valores e ideais que desejem concretizar nos processos formativos de sua identidade, no marco das orientações entregues pelo Estado.

Pode-se ver que existe na Reforma Educacional e, conseqüentemente no Estado, o interesse por melhorar a qualidade dos processos educacionais que acontecem na escola, e que em última instância fica nas mãos dos profissionais da educação a possibilidade de criar tanto o projeto político pedagógico quanto a escolha dos conteúdos específicos, desde que sejam respeitadas as normas gerais do Estado.

Contudo, ainda quando a Reforma obrigou a *re-formular* os objetivos e conteúdos da Educação Física, estes ainda mantém o perfil mecanicista, direcionado para o fortalecimento corporal e melhoramento da saúde e os professores continuam aplicando os testes de caráter fisico-orgánicos como forma de qualificação dos alunos. Isto significa que a Educação Física, ou pelo menos os profissionais da área, ainda se encontra influenciada pelo paradigma *homem-maquina.* Entendo que esse fenômeno obedece à influência do Instituto do Esporte com sua política de fazer da Educação Física escolar o meio para desenvolver o "esportivismo" na população.

Esse fato, de mudança na *reformulação* de eixos de aprendizagem dos conteúdos da Educação Física escolar, mas continuando tudo mais ou menos igual nas aulas, permite inferir que ainda não há uma mudança substancial, nem de fundo, nas práticas pedagógicas. Como já falei momentos atrás, acredito que a razão disto seja que o paradigma físico-esportivo continua sendo o que orienta as práticas dos profissionais da área, mantendo o mecanismo ensino técnico e avaliação de produto (de domínio técnico de determinada estrutura ou modelo motriz)

O anterior, no caso do Chile, pode se comprovar com a análise dos programas curriculares nacionais (PCN), nos quais aparecem Objetivos Fundamentais (OF) e Conteúdos Mínimos Obrigatórios (CMO) para todo o país. A partir da sexta série de ensino fundamental se espera que os alunos tenham desenvolvido conhecimentos relacionados à sua aptidão física. Isto leva os professores de Educação Física orientar suas aulas para o paradigma "homem maquina" e a maioria delas é verdadeiras aulas de treinamento físico. Ainda mais, apesar de ter morrido, no Chile, quatro meninos em aulas, os professores continuam a utilizar como forma de avaliação para a resistência orgânica o teste Cooper e o teste Navetta, testes que procuram a resposta máxima do sistema cardiorespiratorio ao esforço.Tudo isso indica que, embora se tenha uma reforma educacional, não se supera o paradigma de rendimento motor, em detrimento de qualidades mais significativas para o desenvolvimento humano. Acredito que isso tenha a ver com a formação profissional nas IES, onde ainda as grades curriculares, ao menos no Chile, possuem um forte grau de conteúdos e atividades fisico-esportivas.

Contudo, começam a aparecer propostas que procuram uma mudança no estilo e na sugestão de conteúdos. É o casso da Ginástica Geral que se apresenta como alternativa para o desenvolvimento da pessoa, além de suas qualidades físico-orgánicas.

Mas, outro fenômeno que joga em contra das mudanças na Educação Física escolar no Chile, é o fato de que a maioria dos Mestres na área prepara-se como treinador, tendo pouco ou quase nenhum preparo em disciplinas e metodologias relacionadas com o ensino pedagógico nem com aprendizagens significativos desde o ponto de vista sociocultural. O que temos finalmente é um especialista em treino e aplicação de testes cuja principal preocupação é a saúde da população em geral, e do alto rendimento esportivo em particular. O nome do mestrado é "Ciências da Atividade Física e Esportiva". Alias, a Universidade da Corunha, Galicia, oferece o doutorado na mesma área. Nada contra se não fosse que os doutores formados terão a responsabilidade da orientar futuros professores de Educação Física que irão trabalhar na escola. Sei que pode parecer preconceituoso, mas com essa nomenclatura é difícil fugir do paradigma do rendimento motor.

O que me preocupa é que esse "tipo" de mestre é qualificado para formar professores de Educação Física na Universidade. Professores que precisam de orientações fundamentais para desenvolver sua pedagogia na escola, o mais provável é que recebam uma orientação voltada para esse âmbito: o das ciências do treinamento esportivo, o que finalmente leva ao professor a reproduzir isso na escola.

Esse fenômeno se relaciona com as características *práticas* da Educação Física. A análise epistemológica da motricidade humana tenta mostrar outro caminho, mas os profissionais que tratam a Educação Física escolar ao parecer ainda não compreendem a mensagem.

Segundo Beltrão, (2006, p.25), citando Manuel Sergio, *Falar da Ciência da Motricidade Humana é falar do estádio histórico global do Homem.* E continua:

> Como ciência da compreensão e da explicação de condutas motoras leva seu estudioso (professores e alunos) a um envolvimento além do teórico, despertando, ou melhor, deixando vislumbrar carências que antes não tinha sentido, fazendo-o divisar-se como pessoa, como ser cognoscente ansioso por conhecer mais, por embrenhar-se em situações teórico-práticas em que possa intencionalmente, num espaço e num tempo, desenvolver múltiplas ações e atender a variados estímulos decorrentes de seu objeto de estudo – o Ser do Homem.

Então, ao parecer os profissionais da área, os que lidam diretamente com o fenômeno escolar nas aulas do dia a dia, só ficaram com a *motricidade* da Educação Física, e, talvez seja isso o que diminui a possibilidade de construir o processo ação – reflexão – ação, necessário para a superação das forças paradigmáticas no campo das ciências humanas. Mais ainda, devo lembrar que em muitas instituições onde se formam professores de Educação Física, a área de estudo e pesquisa encontra-se ligada à ciências da saúde e da atividade física, gerando um conhecimento baseado quase exclusivamente nos parâmetros dessa área.

Por outro lado, no Chile não se fala em Educação Física *escolar* já que o estudante que ingressa à universidade o faz sob a nomenclatura de Pedagogia. Isto é, o profissional de nossa área é preparado com grande ênfase pedagógica, e a maioria das Escolas de Educação Física pertence às Faculdades de Educação e Humanidades e ao Departamento de Ciências da Educação. Ainda assim, muitos profissionais enxergam a Educação Física só como um meio para fortalecer o corpo e diagnosticar talentos esportivos. O problema continua na visão paradigmática esportiva.

Alias, acredito que grande parte dos profissionais da área, continua sob a inércia de sua especialidade esportiva, e quando olham para uma possibilidade de realizar estudos de pósgraduação o fazem dirigidos pela mesma razão: especialidade fisico-esportiva. O caminho final dessa escolha é continuar fazendo mais da mesma coisa com maior aprofundamento.

Ao respeito disso, Gadotti (2005, p.88) nos lembra: *De nada adiantam, portanto, as reformas educacionais, se elas continuam na mesma filosofia da educação, na mesma política.*

Pela minha experiência na pós-graduação realizada na FEF/UNICAMP (2002-2006), pude constatar os avanços feitos pelos profissionais da área nos assuntos epistemicos, tanto nas aulas da pós quanto nas discussões nos grupos de estudo, especialmente no Departamento de Educação Motora. Os distintos autores por mim conhecidos manifestam uma preocupação aberta a assuntos de tipo didático pedagógico e a uma atitude crítica frente à práxis da Educação Física. Tudo isso acompanhado com análise histórico crítico do que significa nos dias de hoje a formação e atuação profissional na nossa área.

Em relação ao anterior, temos conhecimento da farta produção respeito da luta por colocar a Educação Física como uma área à altura de qualquer outra, mas ainda existe uma divisão entre os que pensam e orientam seus estudos para o treinamento e saúde e os que trabalham em prol do paradigma sociocultural, oferecendo os subsidio necessário para

compreender as dinâmicas relacionais entre os seres humanos e as conseqüências que delas se desprendem.

A respeito disso, é importante ressaltar as contribuições feitas pelos professores Dr. Jocimar Daolio, na sua análise da Educação Física acompanhando as suas discussões com o perfil sociocultural; Dr. Lino Castellani, insistindo na compreensão da área considerando os aspectos socio-históricos e políticos; Dr. Jorge Pérez Gallardo, pesquisando e orientando suas discussões sempre considerando o contexto escolar como ponto de partida para compreender e reformular as práticas pedagógicas. Sem dúvida tem muitos outros professores contribuindo atualmente com a Educação Física permitindo com suas análises uma outra perspectiva dos aspectos pedagógicos, outorgando à área o caráter sócio-crítico que se precisa para compreender as dinâmicas relacionais entre os seres humanos e as sociedades, objetivando uma visão humana mais ciente e consciente das realidades sócio-culturais.

Apresento aqui alguns exemplos de Objetivos Fundamentais e Conteúdos Mínimos Obrigatórios, colocados pelo Ministério de Educação do Chile para o desenvolvimento da Educação Física escolar. (MINEDUC, Chile. 2004), com o fim de constatar a influência esportiva e da área da saúde no currículo.

4.5. Objetivos Fundamentais e Conteúdos Mínimos Obrigatórios da Educação Física Escolar no Chile

A Educação Física escolar para o Ensino Médio desenvolve seus conhecimentos baseada em três eixos fundamentais:

1. Aptidão física e motriz associada à saúde e qualidade de vida.
2. Jogos esportivos, deportes e atividades de expressão motriz.
3. Atividades motrizes de contato com a natureza.

Estes eixos organizam e orientam os conteúdos e atividades que os professores devem planejar e executar para as aulas de Educação Física no Ensino Médio. Na declaração desses eixos pode se ver a influência do paradigma esportivo do domínio motor.

a) Eixo da Aptidão Física e motriz associada à saúde e qualidade de vida:

1. Condição física geral. Execução de exercícios físicos que incrementem as capacidades físicas e motoras globais, com especial ênfase em aqueles que estimulem em forma positiva o sistema cardiovascular e respiratório e melhorem a resistência muscular e a flexibilidade.
2. Treinamento da condição física e motora. Conhecimento e aplicação de meios específicos de treinamento tais como: métodos contínuos, fracionados e intervalos.
3. Procedimentos básicos de avaliação da condição física.
4. Adaptação ao exercício físico.
5. Forma e tamanho corporal. Composição corporal.
6. Qualidades físicas: resistência orgânica; força; flexibilidade; velocidade.
7. Planejamento do treino físico
8. Programas de treinamento da condição física.

b) Eixo Jogos esportivos, deportes e atividades de expressão motriz.

1. Esportes de equipe de colaboração e oposição.
2. Esportes de auto superação
3. Regulamentos e normas esportivas
4. Competições e eventos esportivos
5. Esporte de equipe convencional e alternativo
6. Organização de campeonatos e eventos.

c) Eixo Atividades motrizes de contato com a natureza

1. Exploração do espaço aberto
2. Conhecimento e cuidado do meio ambiente
3. Normas de segurança
4. Normas de higiene

5. Atividades em entorno naturais. Acampamento.

Objetivos Fundamentais para o Ensino Médio

1. Executar exercícios para incrementar sua condição física.
2. Demonstrar controle na combinação de ações motoras.
3. Respeitar normas e regras dos jogos e esportes.
4. Cooperar e se esforçar pelas metas.
5. Participar regularmente em atividades educativo-fisicas, esportivas e recreativas.
6. Demonstrar progresso em seus indicadores da condição física.
7. Valorar o sentido e significado que orienta às diferentes atividades esportivas e expressivas motrizes.
8. Apreciar os valores de solidariedade, cooperação, honestidade e jogo limpo.
9. Elaborar e pôr em prática supervisionada seu próprio programa de treino da condição física.
10. Participar ativamente, de acordo a suas condições físicas, em competições e eventos esportivos individuais e de equipe.
11. Trabalhar em equipe e cooperar na organização e execução de eventos.

Esses são alguns dos objetivos e conteúdos que o Ministério de Educação do Chile (MINEDUC, 2004) estabelece como obrigatórios para o sistema educacional no nível de Ensino Médio. Pode-se deduzir deles o vinculo dos conteúdos com a questão corporal, tanto na condição biológica quanto no domínio de habilidades motrizes.

Podem-se ler alguns conceitos atrelados a valores relacionados com a formação humana que venho discutindo, porém, o perfil continua sendo na orientação esportiva-competitiva. Mais ainda, nas aulas de Educação Física escolar que tenho acompanhado na minha experiência profissional, é freqüente o sistema de avaliação vinculado ao rendimento motor.

Obviamente uma leitura dos postulados teóricos da Educação Física no Chile não permite saber se os professores, últimos responsáveis pela aplicação dos mesmos, utilizam tais conteúdos para refletir nos aspectos socio-historicos e das razoes da colocação deles no currículo além do corporal. Mas, desde onde eu vejo, fica difícil para o professor fugir do

paradigma esportivo e mecânico de tais colocações, uma vez que, ao parecer, a preocupação fundamental é com a “coisa” corporal e as conseqüências de tal “coisa” para a saúde.

O eixo “**Jogos esportivos, deportes e atividades de expressão motriz”** poderia se vincular com a proposta da GG, especialmente na parte de *atividades de expressão motriz*. Mas a GG e muito mais do que isso. A expressão motriz é só uma das variáveis na qual se apóia todo o processo pedagógico da Ginástica Geral.

Do meu ponto de vista, ainda não se realizam análises e discussões profundas respeito do conhecimento que deve ser veiculado nas escolas e colégios do Chile em relação da Educação Física. Ou seja, a Reforma Educacional só fez uma mudança na maquiagem, precisamente na *forma*, mas no FUNDO tudo continua do jeito do século XIX.

CAPÍTULO V: NIVEIS DE DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Que somos os professores de Educação Física se não,
transformadores de espíritos?
(O Autor)

Os níveis de impacto do processo de ensino-aprendizagem que a continuação se indica, é produto das reflexões *paridas* (parir, dar a luz) no percurso dos anos de minha prática pedagógica como professor de ensino infantil, fundamental e médio, a partir dos anos ‘80 até os dias de hoje, às portas de uma nova jornada como educador de ensino superior. Sempre me perguntei: o que justifica minha presença como professor de Educação Física na frente de meus alunos? As questões e preocupações ultrapassavam o plano especifico da Educação Física, entendendo que meu papel como educador devia superar minha especialidade e buscar nos conhecimentos muito mais do que informação para passar aos alunos e alunas.

Naquele tempo, de professor de aula, nunca passou pela minha cabeça que um dia estaria construindo as análises e discussões à luz das aulas do meu processo de doutoramento na FEF/UNICAMP. Seria muito injusto não considerar todo esse processo nem às pessoas que colaboraram para que tais reflexões sejam possíveis. O paralelo entre a prática pedagógica e a teoria dessa mesma prática foi achando seu sentido e conformando uma linha de pensamento que estabelece relações conjugando as dinâmicas da profissão com a própria vida.

Foi nas aulas e nas dinâmicas relacionais com os outros seres, nas que pude constatar a importância da formação humana na *própria pele* no sentido de viver diretamente um trato humano por parte dos professores e funcionários da UNICAMP. Nas considerações que cada um dos professores teve para me compreender no meu *portunhol*; tudo isso e mais tem a ver com formação humana. No caminhar do dia a dia, de aula para aula, fui repensando o que é o que fica na memória das pessoas? Quando o conhecimento alcança o status de significativo, relevante ou transcendente? Como faço de minha prática pedagógica uma prática que seja *verdadeiramente educativa* (MARINHO, 1985)?

Especialmente, estas reflexões foram possíveis junto ao professor Dr. Jorge Pérez Gallardo, e junto os alunos nas aulas MH-501, MH-502, MH-304, nas discussões no grupo de estudo, as conversas com os colegas, amigos, alunos e professores da FEF, fomos construindo o que agora posso chamar de *níveis de desenvolvimento* do processo aprendizagem.

Devo lembrar aqui que a disciplina MH-304, sendo responsabilidade do professor Dr. Pérez Gallardo, é aquela na qual se desenvolvem os conteúdos da Ginástica Geral com orientação pedagógica, e foi nas próprias aulas onde fui testemunha das mudanças provocadas pelas vivências da GG nos alunos que ano a ano passavam por ela.

É importante lembrar, também, nesta parte da tese, que o tema central é formação humana. Como já falei na introdução, isso inclui TODOS os níveis de ensino. Portanto, os *níveis de impacto do processo ensino-aprendizagem* que aqui se analisam devem ser considerados tanto no Ensino Básico, Médio e Superior. Obviamente o que mudará é a escolha do conteúdo e/o nível de exigência no tratamento pedagógico que tenham por parte do professor.

A educação deve procurar levar ao ser humano a uma compreensão do mundo, e da própria existencialidade dentro desse mundo. Por séculos, filósofos, escritores, cientistas, entre outros, têm-se engasgados na busca de respostas que ajudem a entender a nossa existência. Neste sentido a educação formal tenta, por meio de diversos conteúdos e disciplinas, chegar perto de essas respostas. Mas ela dificilmente consegue esse objetivo.

Sabemos por distintos depoimentos escritos que a educação tem-se transformado em um meio de produzir cérebros treinados para o sucesso no vestibular. Cérebro que pode pagar o preço é claro. O interessante é que, tanto o cérebro que pode pagar quanto aquele que não pode, enfrentam o mesmo problema: compreender o sentido da existência individual e social do ser humano. Segundo Berger (2001, p.2): *A educação que se realiza nas escolas em todos os graus de ensino, privilegia a formação do intelecto, a transmissão de conhecimentos, negligenciando outras dimensões igualmente importantes para a formação do ser integral.*

Isso não é um segredo nem algo que vamos descobrir agora. Só é coisa de olhar para a distribuição do tempo que recebem as diferentes matérias nas escolas. Quantas horas para matemática? Quantas para português? Quantas para Educação Física? Em razão disto é que posso indicar que o desenvolvimento do intelecto, ou pelo menos o privilegio das “matérias intelectuais” têm maior importância que as “outras”. Será que essas outras matérias não envolvem o intelecto?

Creio que aprendemos matemática, biologia, história, idiomas, etc., mas, aprendemos mesmo? Acredito que se aprendemos alguma coisa, essa aprendizagem foi muito útil para tirar a nota que correspondia no seu momento. O mais provável é que esse ensino não passou do nível de informação, informação que se perdeu com o inevitável passo do tempo.

De o meu ponto de vista o sistema educacional formal, aquele que acontece na escola, passa por diversos níveis que aqui identifico como *níveis de impacto.* Esses níveis estão diretamente relacionados com o desempenho do professor em relação a sua metodologia, filosofia pedagógica e vontade de ensinar além dos aspectos utilitários e assistencialistas da educação.

Em relação ao ensino, Freire (1996, p. 52), ao falar sobre ensinar, afirma: ... *ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção*, a partir disso, entendemos que o processo precisa ser muito bem programado e organizado pelo educador, possibilitando ao educando, um meio de interagir e assimilar todo o conhecimento.

As problemáticas dos conhecimentos ensinados na escola envolvem um sentido que muitas vezes não é compreendido pelos alunos posto que esse sentido seja próprio das realidades adultas e não das realidades infantis, adolescentes e/ou juvenis, além de que cada realidade é significativa em si mesma e só pertence a quem a vive. Com isto o trabalho pedagógico do profissional de Educação Física na Escola dista muito de ser transcendente. Transcendente, sobretudo para quem é o principal foco dos processos de ensino na escola: o aluno.

De modo geral creio que podemos compreender o significado de alguns conteúdos ou atividades, sobretudo aquelas com fim em si mesmo; imagino que sabemos o que significa o futebol, o basquete, pressuponho que conhecemos suas regras, seus componentes, inclusive estas atividades podem ser muito significativas para quem as pratica. Mas, o que será daqueles que não gostam ou não precisam destes exemplos?

O ato pedagógico deve ser mais do que um ato. Mas, o ato pedagógico não tem significado em si mesmo nem é significativo por si só para os alunos. O ato pedagógico adquire essa condição quando o professor leva ao aluno a fazer pontes ou relações conceituais entre a informação que processa e a própria vida deles, incluindo a própria existência do professor. A informação se transforma em conhecimento na medida em que é significativa para o aluno e isso tem a ver com as contingências do dia a dia, da gente, dos processos sócio-culturais.

Quando o professor não considera ao aluno como individuo com suas próprias aprendizagens e suas próprias experiências de vida, quando não consulta para ele o que pode o deseja aprender, tendo presente suas características sócio-culturais e o meio onde está inserida a escola, toda a informação, ainda com as melhores intenções, é carente de significado.

Nesse sentido, pode-se falar que o sistema de ensino é antipedagógico porque não considera quem aprende como legitimo outro, isto é, um ser humano com história própria e características individuais intransferíveis; daí que quase todos os processos de ensino-aprendizagem de hoje são antipedagógicos porque não respeitam a individualidade da pessoa e o colocam numa “igualdade de condições” ensinando tudo e a todos da mesma forma. Daí a necessidade de esclarecer como gerar um processo de ensino aprendizagem que possa atingir cada vez níveis mais elevados. A razão pela qual os *níveis de desenvolvimento* aqui colocados são apresentados como nível de aprendizagem e não como nível de ensino, é porque, sendo conseqüente com as orientações pedagógicas da Reforma Educativa iniciada no Chile nos anos ‘90, a ênfase em dito processo é no que aluno aprende e não no que o professor ensina.

Gostaria de colocar aqui meu ponto de vista ao respeito do desenvolvimento de capacidades e habilidades humanas, nas aulas, seja de Educação Física ou de outra disciplina do currículo escolar. Acredito que o que podemos fazer é estimular capacidades que a pessoa possui na sua forma potencial. A efetividade no desenvolvimento da habilidade é mínima ou nula se passa muito tempo entre um estimulo e outro. Esse é um principio fundamental. Considerando o anteriormente exposto, nas aulas de Educação Física nas quais os professores procuram desenvolver habilidades motoras, tal desenvolvimento se reduz a um estimulo fisico-orgánico que se perde nas próximas vinte quatro horas. Por tanto não se justifica utilizar a aula de Educação Física com o intuito de melhorar capacidades físico-orgánicas. De ai que a proposta do professor Dr. Pérez Gallardo et.al. (2003) de utilizar a aula como um espaço de vivencia e não como um

espaço de prática, seja tão importante, já que desde a perspectica da vivencia podem-se veicular informações a partir dos conhecimentos que os alunos trazem desde sua cultura patrimonial.

Os níveis de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem nos permitirão observar quanto e como o professor pode alcançar objetivos educativos na linha da formação humana de seus alunos.

5.1. Nível de Desenvolvimento Informativo:

Segundo Perrenoud (2001, p.28):

> A informação é exterior ao sujeito e de ordem social; o conhecimento é integrado ao sujeito e de ordem pessoal; o saber é a aliança entre os dois pólos. O saber constrói-se na interação entre o conhecimento e informação, entre o sujeito e ambiente, na mediação e através dela (p.28).

Todos os professores 'informam' alguma coisa. E, desde esse ponto alguns não conseguem passar. Assumem a função de um jornal, passando para seus alunos um monte de informações que muito provavelmente serão esquecidas tão logo acabe a aula do dia. O impacto no aprendizado neste nível é quase nulo. O aluno não acha sentido entre aquilo que se lhe informa e as coisas que acontecem na sua vida. Isto porque o impacto está relacionado com a configuração emocional que se produz no cérebro e no momento de aprender, no preciso momento em que o professor pretender ensinar um conhecimento especifico.

O ensino neste nível é, geralmente, quase absolutamente descontextualizado da vida do aluno. O sistema de apostilas é comum a esta prática. Segundo Heizenreider (2004, p.12):

> O sistema apostilado de ensino tem seus benefícios, porém aborda assuntos pré-estabelecidos, fazendo uma prévia divisão para cada aula do calendário escolar, não considerando as características culturais de cada escola, e da região na qual ela se encontra, empobrecendo, e muito, a construção do conhecimento e desenvolvimento de seus alunos.

No nível de Ensino Informativo, o aluno não consegue fazer relações entre as diferentes matérias, já que os professores ainda têm problemas com a interdisciplinaridade. Os professores utilizam na sua maioria, uma metodologia discursiva e vertical, dando pouca importância às próprias inquietações dos alunos. O importante é passar a maior quantidade possível de conteúdo.

No caso da Educação Física neste nível o professor informa o que se tem de fazer na aula. Mostra exercícios que os alunos reproduzem sem analisar ou questionar seus significados. Esta é a Educação Física militarista. Neste nível o que importa é: O que se ensina, mas não o que se aprende. Os alunos não entendem para o quê fazem o que faz, e muito menos entendem que tem a ver o que ensina o professor com o que está acontecendo no presente da suas vidas.

Poder-se-ia dizer que o nível informativo é o nível de impacto mais básico do aprendizado, e muitos, pela falta de estímulos ou pela ausência de um professor questionador e criativo, ficam aqui para sempre. Este nível não merece maior atenção, compreender como funciona não é complexo. No caso da Educação Física, o professor mostra uma serie de "técnicas corretas" que os alunos devem executar para tirar a nota. E, em geral, o conteúdo é o mesmo sempre. Pela experiência em aulas, creio não errar quando digo que este é o nível mais característico da Educação Física escolar, já que o professor acha que não há nada para explicar, questionar ou fundamentar. O que importa neste nível é fazer. Não compreender. E se os alunos não fazem perguntas, muito melhor!

5.2 Nível de Desenvolvimento Significativo:

Segundo Rogers (1982, p.258), a aprendizagem significativa é mais do que uma acumulação de fatos, que provoca uma modificação no individuo quer seja no comportamento, numa ação futura, nas suas atitudes ou na sua personalidade. Colocado nas próprias palavras do autor: *É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência.*

Obviamente para que a aprendizagem seja significativa, o ensino deve ser também significativo. Então, qual o ensino significativo? O ensino significativo é aquele que ‘significa’ alguma coisa para o aluno. Pode parecer simples demais, mas não o é. Creio que, de tudo o que foi lhe ensinado na escola, o que você pode considerar significativo? Que ficou por muito tempo na sua memória e que fez a diferença no momento de utilizar esse conhecimento. Será que a ‘cambalhota’ significa alguma coisa para os alunos no seu dia a dia?

O significativo está diretamente relacionado com os interesses dos alunos. Com seu cotidiano, suas preocupações, seu desejo de achar sentido em tudo o que faz ou não faz.

A Educação Física pode ajudar aqui considerando a cultura corporal própria de cada faixa etária, as práticas corporais que identificam um grupo ou sociedade. Ou seja, o ensino é significativo para o aluno quando o conteúdo “fala com ele”, isto é, ele começa a compreender as relações que há entre o que ele e seus colegas fazem e as outras dinâmicas culturais. Pérez Gallardo et. al. (2003), propõe para as primeiras séries de ensino fundamental trabalhar com a cultura patrimonial dos alunos, proporcionando a possibilidade de identidade e sentido de pertença.

Aqui se está no nível em que o aluno entende o porque de um conteúdo e, no caso da Educação Física escolar o professor deve procurar o desenvolvimento do domínio conceitual dos conteúdos, não importando o domínio técnico dos mesmos. O mesmo autor diz que, especialmente na primeira série de ensino médio o aluno está interessado em tudo aquilo que tem a ver com o seu corpo, no sentido de se apresentar na frente dos outros; uma etapa da vida na qual se necessita afirmar a personalidade.

Portanto o professor de Educação Física, ciente desta situação oferecerá aos alunos, neste nível, a possibilidade de conhecer e dominar conceitualmente tudo o que tenha a ver com como desenvolver o conteúdo das qualidades físicas, atreladas ao desenvolvimento psicológico, social e espiritual. Não se trata aqui de atender os interesses egoístas dos alunos, nem mesmo fazer tudo o que eles queiram. O professor tem um conteúdo do qual é responsável. Mas a responsabilidade pedagógica está em saber reconhecer o que é próprio de cada faixa etária considerando o meio sócio-cultural no qual está inserido o sujeito que aprende.

Ou seja, o conhecimento alcança o nível de desenvolvimento significativo uma vez que o professor conseguiu problematizar dito conhecimento colocando o aluno frente a si próprio e sua circunstancia de vida. Neste nível, os conhecimentos dos esportes superam as

variáveis técnicas ou o jogar só pelo divertimento. Aqui cabem as colocações feitas pelo professor Dr. Castellani Filho (2002, p.60) quando diz:

> Trata-se, isto sim, de nos darmos conta das possibilidades concretas de lidarmos – nos limites próprios àqueles das *classes de aceleração* – com elementos da cultura corporal integrantes do cotidiano de nossos alunos e alunas, de modo a permitir-lhes interagir com eles, não na condição de consumidores passivos de *mercadorias* produzidas pela indústria cultural, esportiva, mas, sim, como sujeitos capazes de construírem, de forma participativa, critica e criativa, seus próprios processos de incorporação, em suas vidas, de parte daquilo presente no universo dessa dimensão cultural.

Por outro lado é necessário considerar que, segundo Neira & Nunes (2006, p.275):

> A formulação de uma pedagogia da cultura corporal não envolve unicamente introduzir determinadas práticas ou agregar alguns conteúdos. Não basta acrescentar ao currículo os jogos, brincadeiras, lutas, esportes etc., é necessário desenvolver um novo olhar, uma nova ótica, uma sensibilidade diferente.

Isto obriga ao professor colocar na aula a cultura patrimonial do aluno (PEREZ GALLARDO, 2003, et. al.). Aqui a Ginástica Geral joga um papel fundamental ao utilizar os alunos representações temáticas que foram previamente analisadas e discutidas com os colegas. Trata-se de um fazer significativo, no qual os próprios alunos estabelecem os códigos que dão significado a suas expressões corporais e a forma como representam tais significados.

Por último, o ensino significativo colocará ao sujeito na condição de se interessar e compreender as razões e mecanismos de como se produz o conhecimento. Diferente do mecanismo de reprodução, no qual o aluno é só objeto que imita e reproduz o já feito. A partir deste nível o aluno começa a ser sujeito, construtor de sua própria aprendizagem.

5.3. Nível de Desenvolvimento Relevante:

Aqui é importante estabelecer a diferença que existe entre *orientar* e *dirigir* nos processos educativos, já que dirigir lembra o ato de conduzir um carro; levar com as mãos a *direção* do carro no volante.

A criança, o adolescente não é um carro. São pessoas que devem ser orientadas para tomar as suas próprias decisões. A diferença entre dirigir e orientar é que, no dirigir existe uma manipulação mais direta e forçada das respostas dos alunos, enquanto na orientação o professor só coloca possibilidades, caminhos, deixando ao aluno a escolha dessas possibilidades, criando seus próprios caminhos.

Nesse ponto é que o se fala de uma Ginástica Geral com orientação pedagógica onde são os alunos os que criam e constroem suas representações. Muitas vezes é o professor ou professora quem faz a coreografia e o aluno só fica reproduzindo e tentado representar o que seu professor deseja. Essa Ginástica Geral, onde o professor cria e o aluno executa, não possui a orientação pedagógica necessária para possibilitar o desenvolvimento da atitude critica no aluno que permita uma formação humana que respeite o outro como legitimo outro.

O que faz a diferença é a presença do professor sem preconceitos e tentando humanizar os problemas que se apresentam no sentido de manter um equilíbrio entre o poder, dever e o querer. Deve-se tentar transcender a individualidade em razão de uma sociedade que respeite e aceite as diferenças. Já que se existe algo que nos faz iguais como humano é precisamente o fato de ser diferentes. Segundo De Masi (2003, p.131):

> O grande desafio com o qual a sociologia se depara desde que nasceu consiste em compreender e explicar a normalidade da diferença: por que a mudança é incessante; por que os sistemas sociais, ainda que se alterando continuamente, conseguem conservar a própria identidade; porque o entrelaçamento sempre diverso de fatores sempre iguais é capaz de produzir resultados que são iguais e diferentes ao mesmo tempo.

Neste nível uma das funções do professor, é problematizar o processo de aprendizagem colocando o aluno frente a sua problemática social, como individuo e pessoa que pode e deve contribuir com mudanças que permitam a formação humana necessária para gerar ambientes nos quais seja possível vivenciar as diferencias em paz e liberdade.

Também neste nível começa um desenvolvimento mais aberto da autonomia, já que para que o ensino seja relevante para o aluno, este deve ter a liberdade de construir suas próprias respostas, pela criação de grupos de interesse. (PÉREZ GALLARDO et. al 2003). O professor estabelece os mecanismos necessários, atividades e metodologias, que permitam ao aluno um desenvolvimento autônomo, tanto individual quanto grupalmente. Quando o aluno começa a tomar decisões que implicam avaliar e determinar o que é melhor para ele, o processo ensino-aprendizagem começa a ser relevante.

Junto com isto, o ensino relevante considera o contexto sócio-histórico no qual acontece o processo de ensino. Nada de 'decorar', sim, muito por relacionar. O que tem a ver a formula de Einstein com os problemas políticos do país? Será que podemos achar a relação entre o futebol e os problemas sociais? Criá-la a partir de nossa concepção do que seja 'país'?

Fazer o ensino relevante significa dar-lhe sentido a uma série de conteúdos desconexos, mas, sobretudo, levar ao aluno a se questionar sobre o próprio conhecimento e o que significa *saber*. Mais importante do que jogar futebol é compreender como se manifesta esse esporte na sociedade e o que representa. Aprender a ler 'entre linhas'. Compreender o que há por trás das mensagens da mídia. As músicas. As obras de teatro.

Este é o nível onde se estimula a atitude crítica. Do ponto de vista pedagógico, podemos utilizar aqui o que Schonardie (2001) propõe como *avaliação por compromisso*, querendo dizer que o valor pedagógico está no compromisso que o aluno faz com sua própria aprendizagem.

Neste nível o aluno terá compreendido o porquê e para que das coisas, quais suas relações com outros fenômenos. No caso da Educação Física escolar, além do domínio conceitual, o aluno é capaz de manifestar preocupação e interesse por ajudar sua comunidade escolar ou donde vive. Daí a importância de aproveitar o espaço extra-escolar para criar e gerenciar grupos de interesse. Se o ensino tem sido relevante o aluno se interessará por criar suas próprias aprendizagens.

A Educação Física, diferente de outras disciplinas do currículo escolar, tem mais possibilidades de alcançar e desenvolver este nível de ensino. Se no processo pedagógico temos superado os níveis anteriores significa que temos passado da vivência à prática (LINZMAYER, 2004). Isto porque este é o nível do espaço extra-escolar, no qual os alunos, a partir de vivências ocorridas nas aulas, criam grupos de interesse para continuar aprofundando na prática os

conhecimentos que mais chamaram sua atenção. Agora eles têm uma razão para fazer o que fazem, um motivo, e, talvez, um sonho que começa a dirigir suas vidas. Agora tem a possibilidade de criar um novo conhecimento, escrever sua própria história.

5.4. Nível de Desenvolvimento Transcendente:

"O problema não são as nossas diferenças,
mas, a nossa incapacidade de ver as semelhanças"
(O Autor)

Um dos problemas que se apresentam nos processos educativos escolares é que nós, educadores, trabalhamos com e no conflito humano de dar sentido à existência como seres vivos envolvidos num macro-sistema em constante evolução.

Em relação ao anterior, a Educação Física adquire uma especial relevância no desenvolvimento de uma atitude positiva e afetiva frente aos acontecimentos diários, que permite ao individuo movimentar-se com sucesso pelas diversas circunstâncias da vida.

A nossa existência se manifesta na presença física no mundo. Presença que nos define como indivíduos e seres humanos que pertencem a um momento histórico vivenciado em uma realidade sócio cultural especifica, e deveria ser responsabilidade fundamental do educador permitir ao ser humano se expressar em toda essa manifestação existencial e não só como componente corporal, desenvolvendo só variáveis físico-orgánicas e/ou motoras.

O que significa transcender no processo de aprendizagem?

Quando o processo de ensino-aprendizagem conseguiu levar ao aluno a compreender que sua individualidade, que sua existência, se manifesta através dos outros, isto é, eu me espelho em os outros; os outros dão sentido a minha existência, preciso deles e precisam de mim. O conhecimento que transcende do sujeito para algo fora dele; que se eleva além de um limite ou de um nível dado; ultrapassa os limites da experiência. Isto tem relação com a procura da felicidade, manifestação de auto-realização do individuo. Equilíbrio entre o ser e ter, pensar e sentir.

Como a Educação Física pode fazer isso?

A Educação Física não é diretamente responsável por isso. Quem deve tomar a responsabilidade é o professor-educador. Isto é possível na medida em que o educador levou os alunos a se questionar sobre seu fazer e ser. Desenvolveu neles a capacidade de se sensibilizar frente aos acontecimentos do cotidiano, próprio e alheio. Estimulou a empatia e alteridade. Considerou as características individuais e contextualizou o processo pedagógico.

Mas, sobretudo *considera o conhecimento que a criança, o jovem e o adulto trazem quando entram na escola, o professor os reconhece como sujeitos de conhecimento* (NEIRA & NUNES, 2006, p.275).

Na prática, nas dinâmicas pedagógicas dos conteúdos da Ginástica Geral, os alunos criam e executam trabalhos nos quais a expressão de emoções é a base para dar sentido ao movimento. E não pode ser feito sozinho. Para combinar e misturar atividades da ginástica natural, construída, mais elementos das artes, é necessário o apoio de todos os colegas, e, mais importante ainda, o produto final representa o esforço que o individuo fez em beneficio do grupo, mas também o grupo devolve para ele a satisfação do trabalho comunitário. Tudo isso sem comparações e sem competir. É aqui onde se pode vivenciar a cultura matristica da que fala Maturana (1995), já que o trabalho comunitário leva à pessoa a considerar que não há espaço nem oportunidade para as lutas de poder. É a cooperação celular para dar vida ao organismo.

Enfim, o professor deu aos alunos a possibilidade de construir suas próprias respostas e levou a entender que o conhecimento sem valores e sentimentos, pode ser perigoso para a toda a humanidade, (da mesma forma como pode ser perigoso o sentimentalismo sem conhecimento), uma vez que somos produto da história ao mesmo tempo em que a criamos. Isto quer dizer que para chegar até este nível obviamente temos superado os níveis anteriores. Começamos com alguma informação e procuramos fazer dela algo significativo. Logo procuramos a relevância criando um novo conhecimento e finalmente, dentro de certas possibilidades e condições, procuramos a transcendência.

A aprendizagem transcendente nos leva pelo caminho da criatividade, ou vice versa, a criatividade pode nos levar para uma aprendizagem transcendente. Isto é importante já que, segundo Neira & Nunes (2006, p.279).

> ... o desenvolvimento da criticidade, indispensável à capacidade de escolhas conscientes e, por conseqüência, para a assunção da cidadania. Mas é preciso lembrar que apenas a criticidade não da conta do exercício pleno da cidadania. Tão importante quanto a criticidade é a criatividade, segundo movimento, que reconstrói após a des-construção.

No processo didático-pedagógico da Ginástica Geral, a etapa de informação e o momento no qual o professor explica o conhecimento a ser pesquisado e socializado, primeiro individualmente e depois em grupos. Por exemplo, toda a parte de descoberta do pé de pivote e as direções básicas de deslocamento que o aluno faz no seu espaço. Informa-se ao aluno das possibilidades de ação, mas é ele quem deve descobrir e criar quantas são possíveis.

Neste nível os conteúdos da Educação Física devem ter direta relação com a vida dos alunos e procurar o desenvolvimento do pensamento crítico, criatividade e sentido de cooperação. É obvio que neste nível o professor tenha conseguido integrar as aprendizagens a situações especificas. As atividades se justificam na medida em que expressam os interesses dos alunos e se extrapolam à comunidade. Neste nível se concretiza a responsabilidade social e a aula vai alem da escola. Os alunos entendem que não há aprendizagem sem conseqüência. E que a responsabilidade social é conseqüência de uma aprendizagem significativa e que a transcendência se dá na medida em que nos dedicamos aos outros. Agora os alunos se sentem importantes e responsáveis pelas mudanças que possam produzir na sociedade.

Quanto a GG, o nível e transcendência pode ser observado nas representações temáticas, isto é, coreografias rítmico-expressivas nas quais se representam temas contingentes que o grupo escolheu. O importante é como essa representação foi construída. No processo de criação de dita representação é necessário que cada indivíduo coloque o melhor de si mesmo, e particularmente as características de cada um serão utilizadas em beneficio do tema. Portanto não existe aqui a discriminação, mas sim como o participante se integra com suas possibilidades de ação no tema central do grupo.

5.5. Condições para a transcendência:

Muitas vezes se diz que o aluno de distintos níveis socioeconômicos não tem igualdade de oportunidades, e que isso seria necessário para diminuir precisamente a desigualdade social. Porém, acredito que o que se precisa é igualdade de condições, isto é, ter condições iguais, o que obviamente já é impossível porque se parte da base de condições sociais desiguais. Mas se quisermos desenvolver um processo de ensino que supere o nível de informação, esse processo deve dar aos alunos as mesmas condições para a aprendizagem.

Dai que este nível de desenvolvimento do processo de ensino precisa de algumas condições uma vez que as aprendizagens não existem no vácuo. Precisa-se de um planejamento que parte da base de contextualizar ditos processos que, pela sua vez precisa pertencer a um projeto político pedagógico que tenha como base a formação humana. Identificar as características, interesses, sonhos, vontades, dificuldades, meios, condições sociais, quer dizer tudo aquilo que tem relação com a vida dos alunos (e do professor). Isso quanto às variáveis externas ao professor.

Respeito do projeto político pedagógico, Villarini (2007) da Universidade de Puerto Rico, fala de um *Currículo Orientado al Desarrollo Humano Integral*, no qual o currículo se elabora a partir de uma perspectiva filosófica, biopsicosocial e sócio-política de caráter humanista, construtivista, social e libertadora. O currículo, nessa perspectiva, seria um instrumento do qual se serve o professor para guiar, promover e facilitar os processos de aprendizagem nos alunos. A finalidade ultima do currículo do desenvolvimento humano integral é a formação de um ser humano digno e solidário. Um ser humano que se determina e procura sua transcendência no processo de, junto outros, transformar a sociedade em um lugar no qual todo ser humano possa viver dignamente.

Agora, quanto às variáveis internas do professor, precisa-se de um professor compromissado com o ato de EDUCAR. Um professor que entende sua profissão como bem de serviço e não como bem de consumo. Que vê no seu aluno possibilidades de transformação da realidade. Um professor que vive os processos de aprendizagens mantendo-se constantemente informado e evoluindo junto aos novos conhecimentos.

Um professor que não faça diferenças, mas que ele *faça a diferença* e seja competente e qualquer âmbito da educação e em qualquer ambiente onde desenvolva sua atuação profissional.

Porém, o professor também precisa de certas condições que dignificam sua profissão. Uma motivação relacionada com o reconhecimento do seu trabalho, motivação que muitas vezes se enfraquece frente ao descaso político de quem possui responsabilidades maiores e fica indiferente frente às necessidades das escolas. Não podemos responsabilizar o professor por tudo de negativo que aconteça na educação. Pela minha experiência profissional o trabalho escolar muitas vezes leva o professor a limites de força de vontade, deteriorando a saúde física, psíquica e espiritual. Quem trabalha em condições deprimentes dificilmente encontrará motivação que lhe permita desenvolver sua profissão com o desempenho humano e profissional que dele se espera.

A Educação Física, o professor, formam parte de um sistema maior e todo o que afete a esse sistema afeta os subsistemas. Toda teoria fica sujeita à aplicação prática. O sucesso e/ou fracasso de dita teoria também fica sujeita a variáveis vinculadas à competência do profissional e às condições com que ele conta para desenvolver a dita competência.

Em definitiva, as condições que se precisa para o desenvolvimento do nível de transcendência, têm a ver com condições laborais dignas, competência profissional do professor, sentido de existência, conteúdos e metodologias contextualizadas, sentido de justiça, em fim, condições valorativas em razão da sociedade que se representa. Tudo isso considerando que o professor se formou numa universidade que lhe outorgou as ferramentas para tais questionamentos. Porque se não for o caso, dificilmente o professor enxergará sua responsabilidade neste nível.

Finalmente, neste capitulo, devo dizer que quando falo de transcendência não o faço com o intuito de iniciar uma discussão filosófica do termo. Lembro ao leitor que os níveis descritos aqui resultam de questionamentos e reflexões na procura do sentido de ser da nossa profissão, além do uso funcional e utilitário dos conteúdos da Educação Física nas aulas. Dai o desafio do professor de ir além do nível de informação. Ficar só na entrega de atividades significaria que minha presencia na frente de meus alunos não é significativa nem relevante, e muito menos, transcendente.

CAPITULO VI: GINASTICA GERAL COM ORIENTAÇAO PEDAGOGICA PARA A FORMAÇAO HUMANA

Segundo Pérez Gallardo e Souza (1995, p. 292), a Ginástica Geral designa uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da ginástica, integradas às demais formas de expressão do ser humano de forma livre e criativa. Sua principal característica é a de proporcionar a prática da Ginástica sem fins competitivos, para o maior número de pessoas, independente da idade, sexo, condição física ou técnica, proporciona uma gama infinita de experiências motoras, além de estimular a criatividade, o prazer no movimento, o resgate da cultura de cada povo e a interação social.

A declaração "com orientação pedagógica" não é por acaso nem uma redundância sem justificativa. O fato é que a Ginástica Geral, como qualquer conteúdo da Educação Física, está sujeita à manipulação didático-metodológica que o profissional da área pode fazer. Isto é, muitos professores confundem a Ginástica Geral com a criação e representação de coreografias massivas, nas quais se incluem muitas pessoas. Ginástica Geral é uma ginástica de representação, isto é, não é competitiva, nem se utiliza para competir. As representações massivas é uma parte da Ginástica Geral. A parte final. A insistência dos conceitos *orientação pedagógica* é para enfatizar o processo de descoberta e criação das representações, os elementos que permitam a análise crítico dos conteúdos, deixando ao aluno plena liberdade para colocar em cena o que ele pensa e acredita e que é relevante para ele.

Ou seja, se um professor não considera os alunos, ou dito de outra forma, os alunos não participam do processo de descoberta e criação, essa seria uma Ginástica Geral *sem* orientação pedagógica. Porque a orientação pedagógica significa deixar que sejam os alunos os que descubram e criem suas próprias representações, estabelecendo vínculos socio-afetivos entre eles e transcendendo o movimento corporal, dando sentido à situação de aprendizagem. Por outro lado, se as representações não apresentam um eixo temático no qual giram as dinâmicas coreográficas, essa representação pode ser vista só como uma brincadeira rítmica.

Também é importante esclarecer que a Ginástica Geral no Chile é conhecida como *Ginástica Rítmica Formativa*, mas pelo fato de seu autor o professor Dr. Jorge Pérez Gallardo ter deixado o Chile, poucos conhecem e utilizam dita ginástica nas aulas de Educaçao Física. O cultivo dessa ginástica no âmbito escolar, pelo menos no Chile, não faz parte da *cultura corporal*, alias, o conceito cultura corporal ainda não faz parte da linguagem do professor de Educaçao Física, e, como já falei em capítulos anteriores, a Educação Física escolar no Chile, ainda é direcionada para a aptidão física e qualidades esportivas. Por outro lado, a maioria das Escolas de Educação Física, no Chile, trabalha o que se conhece como Ginástica Formativa, a que só considera a Ginástica Natural e Ginástica Construída, mas a análise crítica e os outros conteúdos da cultura corporal não aparecem na prática comum nas aulas de Ginástica na formação profissional nem nas aulas de Educaçao Fisica escolar.

O capitulo apresenta as fundamentações que justificam a Ginástica Geral como uma das melhores formas de desenvolvimento da formação humana na vivência e prática de seus conteúdos. Junto com isso, a relevância desse conteúdo para a formação humana é o vinculo que possui com o currículo multicultural-crítico uma vez que na Ginástica Geral se encontram representados todos os conteúdos da cultura corporal. Esses conteúdos encaixam no perfil de vivência, já que na sua execução não se exige domínio técnico nem é necessário ter capacidades e habilidades físicas para desenvolver cada um deles.

É importante lembrar aqui que a formação humana não se desenvolve com atividades teóricas, mas se sustenta nela. Uma das melhores formas de desenvolver a formação humana, especificamente nas aulas de Educação Física escolar, é através de conteúdos e atividades que permitam a interação e inter-relação sócio-afetiva entre os participantes para que juntos construam propostas e soluções a problemas sócio e psicomotrizes, estabelecendo um dialogo corporal entre eles e seu entorno. Nesse ponto é importante lembrar que para melhor efetivar esse objetivo é necessário criar um meio ambiente *matristico*, o que significa diminuir ou eliminar as figuras de poder e hierarquia, *respeitando o outro como legitimo outro* (MATURANA, 1995). O contrário do *ambiente matristico* é o ambiente autoritário no qual o conteúdo é imposto pelo professor, não permitindo a livre expressão de emoções. O ambiente no qual a punição pelas faltas ou erros do aluno é prática comum, diminui ou elimina a possibilidade dos alunos se expressarem com naturalidade, confiança e afetividade.

Um desses conteúdos é a GG que utiliza como conteúdos gerais a Ginástica Natural, Ginástica Construída e Elementos das Artes (música, teatro, circo, dança, plástica). O processo pedagógico indica o desenvolvimento de cada um desses conteúdos para posteriormente produzir uma representação artística na qual se apresenta uma síntese do aprendido, pesquisado e elaborado nas aulas. Nesse processo pedagógico, mais importante do que a representação final é tudo o que acontece no processo mesmo da análise, pesquisa e criação da representação, uma vez que é necessária a socialização dos conteúdos nas aulas de Ginástica Geral para permitir a elaboração de tais representações. Aqui é necessário lembrar a definição que fazem os professores da FEF/UNICAMP Dra. Elizabeth Paoliello e Dr. Jorge Pérez Gallardo (1995, p.35) a respeito da Ginástica Geral com orientação pedagógica:

> [...] uma manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações das ginásticas (natural, construída, artística, rítmica desportiva, aeróbica, etc.), integradas com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, jogos, teatro, mímica, etc.) de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social, contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes.

É precisamente nessa socialização onde é possível desenvolver a formação humana, já que para socializar é necessário se conhecer, respeitar e, sobretudo colaborar junto os colegas para criar alguma representação para o qual se faz necessário criar o *ambiente matristico* (afetivo). Mas, o processo de sensibilização outorgado pelo professor que ministra a aula é altamente relevante, uma vez que é ele quem explica o porquê e para que da Ginástica Geral e qual seu valor pedagógico e humano.

O aluno em processo de pesquisa-análise e descoberta na recombinação dos conteúdos, encontra formas originais de utilizar os elementos e/ou instrumentos pedagógicos, assim como a utilização e adaptação de seu próprio corpo na expressão de emoções e habilidades que lhe permitem comunicar desejos, idéias, sentimentos e sonhos; vontade de partilhar o melhor de si e ser aceito no grupo na sua própria e original condição como sujeito humano. Alias, é bom reconhecer aqui que esse é um fato importante no desenvolvimento da Formação Humana: ter participado em um grupo.

Acredito que as pessoas que têm tido a oportunidade de participar de algum grupo, seja de artes seja de esportes ou de ciências, entenderá muito melhor o assunto da formação humana, uma vez que é num grupo onde o ser humano pode explorar sua individualidade e colocar-la ao serviço da comunidade. Mas é importante também ressaltar que não é qualquer grupo. O objetivo e a filosofia que o grupo estabeleça como norte, identificará a condição de formação humana nos seus integrantes, já que a inveja, competitividade, egoísmo, sentimentos característicos de quem só pensa em si mesmo, obstaculizam a formação humana, pelo menos aquela que defendo nesta tese. E quando o grupo põe o rendimento esportivo (ganhar sobretudo e sobre todos) como meta principal, não importando a dor do outro, perde-se a possibilidade de sensibilizar o ser humano, perdendo-se subjacentemente o vinculo com a função social.

Isto significa, necessariamente, que o professor tem a responsabilidade de orientar permanentemente cada uma das atividades para uma visão sensível aos sentimentos de bondade, solidariedade, altruísmo, coleguismo, afetividade e carinho entre os participantes. Assim, não é possível a formação humana entanto exista no grupo o sentimento de indiferença às necessidades do próprio grupo e de cada um dos seus integrantes.

O professor deve prover ao grupo dos mecanismos que permitam a vivência de sentimentos e emoções de união, evitando ações ou atitudes que dividem. Sou testemunha desse processo nas aulas que tive dessa disciplina como aluno de graduação em Educação Física no Chile nos anos ‘80, assim como também das mudanças ocorridas nos aspectos de auto-estima, criatividade e autonomia em meus próprios alunos do colegial.

O anterior tem relação com o que já falamos a respeito a que a formação humana não se desenvolve com teorias. Muitos são os professores, independente da disciplina, que na escola se preocupam com o desenvolvimento de atitudes sociais de seus alunos. Organizam atividades nas quais os alunos devem ajudar os colegas nas suas tarefas ou ajudam em trabalhos comunitários. Acredito sejam estas atividades muito relevantes no processo de desenvolvimento humano e o professor de Educação Física pode aproveitar o espaço de *prática* (PEREZ GALLARDO et.al 2003) através das atividades extra-escolares, sobretudo se elas possuem características sócio-recreativas.

Na minha dissertação de mestrado (LINZMAYER, 2004) desenvolvi a importância do professor de Educação Física no espaço extra-escolar indicando como ele pode permitir o desenvolvimento da autonomia, criatividade, sentido de pertencer, identidade e compromisso, entre outras atitudes sócio-afetivas. A importância do professor está na presença ativa dele, na forma como motiva, nas próprias atitudes e, sobretudo, nos conteúdos que propõe facilitando as propostas dos próprios alunos respeitando a cultura corporal deles, estimulando com carinho e determinação as fortalezas e capacidades. É nesse espaço de prática que você pode criar e dirigir um grupo de GG.

Posso manifestar com certeza que as atitudes e ações negativas de algumas pessoas podem diminuir ou bloquear a formação humana pela simples razão de que a formação humana, desde o ponto de vista que temos desenvolvido aqui, nos obriga a ter atitudes e ações positivas no sentido de permanecer otimistas frente às contingências do dia a dia. Desta maneira, qualquer conteúdo que o professor e seus alunos escolham deve ser tratado com o maior interesse, o que pela sua vez nos obriga a procurar conteúdos que sejam significativos e relevantes para os alunos. Não há conteúdo insignificante, há profissionais sem a competência para ministrá-lo, analisá-lo, contextualizá-lo, problematiza-lo e faze-lo transcendente.

Apresenta-se a continuação um resumo da seqüência metodológica dos conteúdos da Ginástica Geral. Estes conteúdos formam parte da disciplina MH-304 ministrada pelo professor Dr. Jorge Pérez Gallardo aos alunos da FEF/UNICAMP, SP/Brasil, disciplina que pertence ao currículo de Licenciatura em Educação Física de dita Universidade. A razão pela qual se apresenta só um resumo desses conteúdos é porque a Ginástica Geral possui uma grande quantidade deles, e seu desenvolvimento completo faz parte de um livro que o professor Dr. Pérez Gallardo tem em processo de construção.

6.1. Princípios das estratégias metodológicas para serem aplicadas em cada uma das sessões ou aulas

Muitos dos conteúdos possuem características específicas e por tanto exigem de estratégias metodológicas diferenciadas, no entanto estes pontos servem para a maior parte delas:

1. Explicação do tema ou conteúdo que será tratado na sessão ou aula: objetivos, históricos (quando necessário). Aqui deve ser explicado cada um dos passos a ser seguido na aula, e dependendo de quem são os participantes (alunos escolares, estudantes de Educação Física, professores, etc.) se devem oferecer as orientações e fundamentações da cada um desses passos.
2. Início da aula, deve ser com atividades que resgatem os conteúdos.
   vivenciados nas aulas anteriores.
3. Desenvolvimento do tema, inicialmente com demonstrações e explicações por parte do professor.
4. Entendida a proposta, os alunos em grupos pesquisam uma parte ou uma variável do tema (os alunos são distribuídos em grupos e cada grupo pesquisa em uma posição – deitados – gatinho/sentado – quadrupedia ventral e dorsal e bipedia), na qual devem explorar.
5. Quando se percebe que os grupos conseguiram o objetivo, estes grupos são re-socializados, isto é, são distribuídos em novos grupos, onde cada novo grupo deve ter integrantes dos quatro grupos de pesquisa. Aqui eles intercambiam experiências e articulam um trabalho, utilizando os melhores elementos descobertos, num trabalho de síntese das experiências do grupo (dependendo do domínio e da experiência dos alunos o trabalho final de cada aula deve ir adquirindo a forma de uma composição coreográfica). A melhor maneira de articular essas experiências é por meio de um tema gerador.
6. Concluída a estruturação do trabalho grupal ou da coreografia, esta deve ser apresentada para os outros grupos, com o objetivo de que eles aprendam com as experiências dos outros.

6.2. Planejamento de um curso de Ginástica Geral com Orientação Pedagógica (Licenciatura):

A orientação pedagógica da Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física da Unicamp, dá-se pelo **método** que é aplicado no tratamento dos diferentes temas ou conteúdos da cultura corporal que se acreditam façam parte da Educação Física. Neste **método** o objetivo central é a interação social entre os participantes, estruturado na vivência de valores humanos de convívio social desejável, utilizando-se dos diferentes conhecimentos da cultura corporal.

Este método corresponde a uma filosofia humanista, onde o ser humano no convívio social é seu principal alvo. Por esta razão acreditamos que os conhecimentos de nossa área deveriam estar dentro de uma ciência que permita entender a *arte de se movimentar*, onde o paradigma de orientação seja o ser humano no convívio social e o objeto de estudo seja o Gesto, dado que este é um movimento com significado e intenção. (PÉREZ GALLARDO, 2002)

Assim, passamos a identificar o **método** da Ginástica Geral com Orientação Pedagógica com as diferentes **estratégias metodológicas** que utilizamos no desenvolvimento de nossa proposta.

Estratégias metodológicas no planejamento

Tendo clara a orientação pedagógica, a primeira estratégia é definir a seqüência que devem ter os conhecimentos a serem tratados num curso de Ginástica Geral com orientação pedagógica. A idéia básica desta seqüência é iniciar com um processo de socialização e a partir dele vivenciar os diferentes conhecimentos da cultura corporal. O primeiro destes conhecimentos deve ser as Ginásticas, dado que elas são históricamente a bases da Educação Física. As Ginásticas contêm a essência do que é a nossa área de formação e atuação profissional.

A primeira estratégia metodológica é utilizar as experiências dos alunos e os conhecimentos adquiridos e/ou aprendidos na aula ou sessão anterior, para que sirvam de substrato para a aquisição dos novos conhecimentos a serem vivenciados.

6.3 Seqüência metodológica dos Conteúdos da Ginástica Geral com orientação pedagógica.

1. Explicação da Filosofia do curso
2. Familiarização
3. Introdução à Ginástica Geral (criando uma linguagem comum)
4. Desenvolvimento do Processo de Socialização
5. Iniciando a Prática (aquecimento).
6. Desenvolvimento do Processo de Sociabilização
7. Gradiente de Complexidade na Estrutura
8. Gradiente de Complexidade na Interação Social
9. Ginástica Construída Localizada ou no Lugar
10. Ginástica Construída com deslocamento
11. Ginástica Natural
12. As variações
13. Elementos Básicos da Ginástica Artística
14. Utilização e Exploração dos materiais de Ginástica Rítmica
15. Ginástica Acrobática.
16. Explorando o mundo dos Esportes
17. Jogos e brincadeiras.
18. As Lutas
19. Elementos das Artes Musicais.
20. Elementos das Danças Folclóricas, autóctones e populares.
21. Elementos das Artes Cênicas.
22. Elementos das Artes Plásticas.
23. Organização do Trabalho Grupal
24. Formação de composições de Ginástica Geral pelos próprios alunos;
25. Avaliação das composições coreográficas.

6.4. Operacionalização do Planejamento:

a) Explicação da filosofia do curso: fundamentação da prática pedagógica do professor de Educação Física. Levar ao aluno a refletir sobre o significado da educação; ensinar a distinguir entre educador e instrutor, e a diferenciar os conteúdos que transcendem à prática com aqueles com fim em se mesmo. Deve ficar estabelecido que o professor tem a responsabilidade de transcender a simples transmissão da informação. O aluno deve ficar ciente do que é a vivência, a reflexão e a ação responsável o principal objetivo da aula, a que deve ser contextualizada e respeitosa das características sócio culturais onde ele se desenvolverá, já que são estes fatores os que fazem relevante o processo de aprendizagem.

b) Familiarização: todo conhecimento que seja visto pela primeira vez, deve passar por o processo de familiarização. Este processo consiste em recuperar as experiências dos alunos ou participantes sobre este novo tema ou conteúdo. Podem-se utilizar diferentes estratégias, tais como: explicações sobre o novo tema; demonstrações pelo professor ou aluno; projeções de filmes ou vídeos sobre o tema, dentro de muitas outras possibilidades. O objetivo da familiarização é de motivar à pessoa para que ela recupere todas as experiências que possui em relação ao tema de trabalho.

Esta forma de observar a familiarização justifica a nossa proposta de ampliar ao máximo possível as experiências de nossos alunos, já que em muitas oportunidades o novo é apenas uma variação do antigo, assim, a familiarização permite que a pessoa possa apropriar-se do novo conhecimento tendo como base suas vivências anteriores relacionadas com o tema.

c) Introdução à Ginástica Geral:

Explicação de cada um dos objetivos e dos procedimentos que serão adotados na aula, a sua seqüência e inter-relações.

- Formação de uma Linguagem comum de movimento: O que significa criar uma linguagem a partir das experiências dos próprios alunos ou com eles, isto é, retirar as experiências e transformá-as numa linguagem motora. A linguagem é o que caracteriza um grupo, como por exemplo, à linguagem dos sociólogos, dos psicólogos, dos informáticos (linguagem da

computação), e outros. Isso é o que faz necessária a construção desta linguagem motora, já que a traves dele o grupo conseguisse identificar sua especificidade.

- Estratégia metodológica: antes de começar com a definição e descrição dos elementos a serem trabalhados temos que fazer uma importante observação: a música é o elemento relevante em todo o processo de aprendizagem dos conhecimentos da GG, já que ela facilita e estimula a exploração e criação de movimentos.

- Desenvolvimento do processo de socialização

Ao iniciar o desenvolvimento dos diferentes conhecimentos, o professor deve levar em consideração que a socialização das experiências motoras é o que leva aos alunos a propor e aceitar as idéias dos outros, permitindo com isso a vivência de valores que fazem parte dos diferentes grupos sociais (Formação Humana).

Encerrando a análise desta linha ginástica, acredito que nas palavras do professor Ms. Henrique Sanioto (2005, p.116) pode-se, ainda que dificilmente, resumir o significado e sentido pedagógico da Ginástica Geral. Aproveito o momento para parabenizar o trabalho feito pelo professor Enrique na FEBEM de Araraquara, o que motivou a sua dissertação de Mestrado, nela mostra e demonstra a importância da formação humana e como pode a Ginástica Geral ajudar nesse processo:

> A Educação Física e, particularmente, a Ginástica Geral com orientação pedagógica, almejam cultivar o papel social, através do estudo das vivências e das artes. Uma perspectiva futura é a extensão desse projeto enquanto capacitação docente, na preparação de multiplicadores e na formação profissional inicial e continuada de professores de Educação Física e educadores; voltados à Formação Humana para além da perspectiva pedagógica, como suporte à complexa dimensão da proposta colocada. Essa capacitação ao trabalho em contextos não-convencionais, como nesse caso particular, na instituição que acolhe adolescentes infratores e em situação de risco, pode contribuir efetivamente para a implementação de práticas mais colaborativas, em detrimento das competitivas. Ao nosso ver, as práticas cooperativas são muito mais desejáveis, uma vez que preconizam valores de solidariedade e de autonomia, crucias para um convívio social mais harmônico.

6.5. Ginástica Geral e Multiculturalismo-crítico

Na aplicação da Ginástica Geral como conteúdo da Educação Física escolar é necessário estabelecer um vinculo com uma proposta curricular que represente os principais objetivos dessa línha ginástica e assegurem um tratamento pedagógico crítico dos seus conteúdos. Segundo Hall (apud Neira & Nunes, 2006, p.86) existem seis tipos de multiculturalismo: o conservador, o liberal, o comercial, o corporativo, o plural e o crítico. É assim como no desenvolvimento histórico dos diversos currículos pelos quais tem navegado a Educação Física, eu acredito que seja o modelo *multicultural-crítico* o qual abrange a filosofia pedagógica da Ginástica Geral.

O anterior encontra respaldo nas seguintes palavras de Neira & Nunes (2006, p. 92)

> Em uma perspectiva crítica, por outro lado, as práticas escolares de Educação Física valorizam as diversas produções culturais no tempo e no espaço (da família, do bairro, da cidade, do estado, do país e a internacional), bem como suas diversas formas de manifestação (esporte, brincadeira, dança, luta, ginástica, artes circenses, ou outras formas de expressão corporal).

Precisamente é isso que faz da Ginástica Geral um conteúdo ótimo para o desenvolvimento da criticidade já que no processo de pesquisa e criação individual e coletiva para melhor utilizar todos os elementos da GG, os alunos devem dialogar, analisar, discutir, concordar ou discordar, compor, organizar, decidir, programar, aceitar ou recusar, e, finalmente pôr em cena o tema escolhido no qual cada participante coloca em beneficio do grupo o melhor de si mesmo.

Em uma entrevista ao professor Marcos Garcia Neira no Jornal da UNICAMP. (Edição 319 de 13 a 23 de abril de 2006, p. 4) pode-se ler uma síntese dos diferentes currículos pelos quais a Educação Física tem percorrido seus conteúdos. Uma das críticas feitas pelo professor Neira é que, segundo suas pesquisas, a escola estruturou sua ação a partir das referências culturais dos privilegiados e isso se fez através do currículo.

> Sabemos que o currículo forma identidades. Por isso, ao prestigiar determinados saberes e negar outros, a escola contempla uns e discrimina a outros. Esse fenômeno é constatado em todos os componentes curriculares e especialmente na educação física, pois ao prestigiar uma cultura corporal euro-americana, esta disciplina nega a cultura corporal das comunidades nortistas e nordestinas, por exemplo, bem como as urbanas, rurais, dos happers, skatistas, dos que brincam na rua.

Dentre os múltiplos modelos curriculares (Currículo ginástico, Currículo esportivo, Currículo globalizante, Currículo motor, Currículo saudável, Currículo sócio-cultural), explicados pelo autor, *o multiculturalismo crítico na educação física convida os educadores a pensar o currículo a partir dos alunos que chegam à escola, conferindo-lhes a voz necessária para reafirmar suas identidades*. (idem Entrevista Neira)

Agora, a Ginástica Geral estabelece seu vinculo com o modelo multicultural-crítico uma vez que suas distintas manifestações podem fazer parte de coreografias elaboradas pelos alunos nas quais expressem suas idéias e sentimentos sobre os temas sociais mais relevantes. Desse ponto de vista se estabelecem também nexos com a formação humana, desde que sejam respeitadas as manifestações corporais culturais dos participantes, e que dita representação esteja vinculada a um processo de sociabilizaçao de condutas e atitudes sócio-afetivas, onde as emoções exercem um papel fundamental.

Outro esclerecimento que o professor Neira faz tem relação direta com um dos objetivos centrais no desenvolvimento dos conteúdos da GG seja este a expressão corporal, entendida como a *capacidade de síntese* (PÉREZ GALLARDO, et. al. 1997), na qual é necessário estimular e utilizar todas as outras capacidades e habilidades humanas. Mas não é qualquer expressão corporal: é aquela que, na concepção do currículo multicultural, *valoriza a dimensão expressiva dos movimentos, aqui entendidos como linguagem, e isso só poderá ocorrer no interior das manifestações da cultura corporal* (idem Entrevista Neira). É claro que, na aplicação dos conteúdos da GG se valorizará aqueles conteúdos da cultura cultural próprios dos alunos, assegurando assim ultrapassar o nível informativo e significativo do processo de aprendizagem, fazendo do ensino um ensino relevante, chegando no possível à transcendência de ditos processos.

A transcendência estará sendo alcançada, na perspectiva desse modelo curricular, nos procedimentos pedagógicos que o professor veiculará através da Ginástica Geral, utilizando preferencialmente,

> Os temas polêmicos que os alunos trazem como a apologia às drogas, uma dança sensual, a pipa com cerol etc. Com esta abordagem temas como ética, sexualidade, mercado de trabalho e diversidade cultural permearão as aulas de educação física, remetendo a um posicionamento crítico e reflexivo dos alunos. (idem Entrevista Neira)

Na sua análise e discussão dos modelos curriculares o professor Dr. Marcos Neira (2006) conclui que a proposta pedagógica do professor Dr. Pérez Gallardo (2003 et.al.) é a que mais se adequa e representa uma possibilidade real para atingir o desenvolvimento de conteúdos na Educação Física escolar que representem por um lado à própria cultura corporal dos alunos e por outro o domínio conceitual respeito de ditos conteúdos. A partir desses parâmetros pode-se ter uma grande possibilidade que o professor de Educação Física consiga desenvolver uma metodologia com a qual possa superar o simples nível de informação e/ou estimulação motora. Obviamente isso exige do profissional, do educador, uma postura e visão pedagógica que supere antigos e tradicionais paradigmas. Contudo, na junção de conceitos que envolvem multicultura, cultura patrimonial, matristica, domínio conceitual, pode-se vislumbrar uma oportunidade para orientar metodologias que considerem a formação humana como seu norte principal.

É com este sentido, possibilitando a significância dos conhecimentos da Educação Física no âmbito escolar, que acreditamos (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física Escolar FEF/UNICAMP) que o conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física escolar deve seguir um processo. Para tal trabalho acontecer efetivamente, não bastará que o aluno simplesmente repita gestos motores. A utilização de vídeos, explicações, discussões de textos, experimentações, vivências e explorações rítmicas e motoras, deverão fazer parte do universo desse conhecimento, para que o aluno adquira um domínio conceitual do mesmo.

Este domínio conceitual pode ser obtido utilizando uma metodologia que faz parte de nossa proposta pedagógica e descrita a seguir:

1- Primeiramente, o professor apresenta as informações necessárias sobre o tema da aula.

2- Diante dessa apresentação os alunos devem ser indagados pelo professor sobre o que eles já conhecem sobre o tema sugerido (quais as experiências motoras e conceptuais os alunos têm do tema). Abre-se nesse momento possibilidades reflexivas sobre as experiências já trazidas pelos alunos.

3- O terceiro passo é a integração das experiências trazidas pelo aluno com as informações oferecidas pelo professor (fase exploratória), tanto na parte conceitual, quanto na procedimental ou prática.

4- Frente isso, passa a ser necessário um momento para socializar as percepções, indagações, experiências e informações entre o grupo para que assim possamos chegar ao passo final.

5- A interpretação e demonstração que os alunos atingiram do domínio conceitual, por meio de um trabalho de interpretação coletivo ou grupal, abrindo possibilidades para que demonstrem a apreensão desse domínio conceitual de forma livre e criativa.

Desta forma, entendemos como domínio conceitual, quando o aluno consegue uma compreensão e apreensão dos códigos simbólicos pelos quais se organizam os conteúdos, a valorização da experiência que o aluno possui, a ampliação destas experiências com as informações oferecidas pelo professor, a exploração conceitual e prática desta nova forma de conhecimento pelo aluno, a socialização das informações que cada aluno obteve com as informações dos outros integrantes da classe, e finalmente a interpretação coletiva que o grupo de alunos faz deste novo conhecimento.

Sínteses: Aluno: (experiências motoras e conceituais) + Professor (informações sobre o tema) = Conhecimento

CAPITULO VII: PROPOSTA CURRICULAR PARA A EDUCAÇAO FISICA: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A proposta que a continuação se indica encontra-se amplamente desenvolvida pelo professor Pérez Gallardo et.al. (2003), e só apresento aqui um resumo dos pontos mais relevantes com o intuito de relacionar dita proposta com o propósito de minha tese: isto é, conceitos da Ginástica Geral, visão multicultural-critico do currículo e formação humana passível de ser desenvolvida nas aulas de Educação Física.

Neira & Nunes (2006, p.145), apresentam um estudos dos conceitos atrelados à Educação Física escolar no qual manifestam:

> Dentre as propostas curriculares da Educação Física, às quais tivemos acesso, consideramos que aquela que mais se aproxima da postura crítica elaborada a partir das categorias de política, hegemonia e cultura foi sugerida por Pérez Gallardo (2002 e 2003), a partir das pesquisas realizadas no interior das escolas.

Neste capitulo apresento um resumo da proposta curricular do professor Dr. Pérez Gallardo et.al (2003), nesta proposta se encaixa da melhor forma a aplicação da Ginástica Geral, já que nessa ginástica todos os conteúdos são vistos na perspectiva de vivência não importando o domínio técnico dele, e nos quais existem todas as possibilidades de expressão.

Talvez o mais importante nesta proposta curricular seja o fato que o domínio que se procura nos alunos é conceitual e que, esse domínio conceitual, permite ao aluno questionar e questionar-se respeito dos fenômenos culturais e de sua participação na construção do conhecimento. Daí que seja tão importante o auxilio do professor como educador no sentido de facilitar os meios e metodologias para que dito processo possa levar o aluno desde o nível de impacto informativo ao nível de transcendência.

Na prática isso significa “dar voz” ao aluno, desde que eles possam representar e representar-se, contestando as propostas curriculares acríticas e assépticas que segundo Neira & Nunes (2006, p.195) nega as vozes, experiências e histórias pelas quais os estudantes dão sentido ao mundo.

Objetivo Geral da Educação Básica

Educar para a cidadania

Formação Humana:

Apropriação das normas, regras e regulamentos que servem de base para a organização de um grupo social;

Capacitação:

Apropriação dos conhecimentos que se acreditam úteis para viver dentro dessa organização social.

Objetivo geral para a Educação Infantil

Autonomia para cuidar de se próprio

Paradigma de Orientação:

"A Socialização", pois através dela é que a criança aprende as normas, regras e formas de convivo de seu grupo familiar (Formação Humana) e se apropria dos elementos de sua cultura (Capacitação).

Forma de intervenção:

De forma assistemática, nos moldes estabelecidos pelos processos evolutivos.

Conteúdos:

Os da cultura de seu grupo familiar, aprendidos de forma assistemática e que levam a criança à autonomia e independência do adulto para suas necessidades básicas de sobrevivência (comer, limar-se, vestir-se, fazer coisas do cotidiano de forma autônoma).

Objetivo Geral para o Ensino Fundamental

Apropriação e compreensão da cultura patrimonial e contemporânea

Paradigma de Orientação:

"A Sociabilização", entendida como a apropriação e respeito pelas diferentes formas de organização social (normas, regras e regulamentos) pelas quais se organizam as diferentes instituições da sociedade (Formação Humana) e pela apropriação dos diferentes conhecimentos que se acreditam úteis para viver nessa sociedade (Capacitação).

Forma de intervenção:

Sistemática, de forma organizada e seqüencial em níveis cada vez mais complexos de hierarquia, respeitando as características, necessidades e expectativas das crianças.

Vivência dos diferentes conteúdos da cultura corporal, com descrição e informação destes conteúdos.

Conteúdos (Os blocos dos PCNs)

Jogos e Brincadeiras da cultura corporal patrimonial (Autóctones, Tradicionais ou Folclóricos e Populares) e contemporâneos.

Danças da cultura corporal patrimonial (Autóctones, Tradicionais ou Folclóricos) e contemporâneos.

Esportes e Lutas da cultura corporal patrimonial (Autóctones, Tradicionais ou Folclóricos) e contemporâneos.

Expressão corporal: Artes Cênicas e Circenses da cultura corporal patrimonial (Autóctones, Tradicionais ou Folclóricos) e contemporâneos. Nos conhecimentos de Malabarismos, Equilibrismos e Acrobacias. Teatralizações de contos e lendas tradicionais

Os conhecimentos que estão integrados nos outros conhecimentos

A Ginástica formativa: Ginástica Natural e Ginástica Construída ou Localizada fazem parte de todas as aulas, seja para aumentar as experiências ou como condicionamento físico geral e específico (aquecimento):

Elementos das Artes Musicais: Na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental este conteúdo deve ser tratado de forma independente, para que o aluno aprenda a administrar e gerenciar este conhecimento, porém este conhecimento deve fazer parte dos outros conteúdos, por exemplo, nos Jogos e Brincadeiras, onde o ritmo e as melodias permitem uma apreensão mais profunda destes conhecimentos; Nas danças é um componente inerente a elas; Nos Esportes e Lutas deve estar presente para motivar e marcar o ritmo de execução de habilidades especificas dos Esportes e Lutas; Nos sistemas de preparação física como aeróbicas e outras similares, este conteúdo também está presente.

Elementos das Artes Plásticas: Este conhecimento esta presente na confecção de objetos e brinquedos, na construção de material recreativo e esportivo, na confecção de disfarces.

Conhecimentos do corpo: este conhecimento está implícito em cada uma das atividades e conteúdos da cultura corporal, assim, conhecimentos sobre o corpo, e o que é possível fazer com ele, nas diferentes faixas etárias e períodos da vida do ser humano, são parte integrante dos conhecimentos de todos os conteúdos da cultura corporal.

Ensino Fundamental de Primeira a Quarta

Objetivo Geral para o Ensino Fundamental de Primeira a Quarta Série, a apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal patrimonial da área de Educação Física.

Objetivos por Séries

Objetivo Geral para a Primeira Série do Ensino Fundamental

Apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal patrimonial da área de Educação Física em nível Local.

Objetivo Geral para a Segunda Série do Ensino Fundamental

Apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal patrimonial da área de Educação Física em nível Regional.

Objetivo Geral para a Terceira Série do Ensino Fundamental

Apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal patrimonial da área de Educação Física em nível Nacional.

Objetivo Geral para a Quarta Série do Ensino Fundamental

Apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal patrimonial da área de Educação Física em nível Internacional (América Latina).

Ensino Fundamental de Quinta a Oitava Série do Ensino Fundamental

Objetivo Geral para o Ensino Fundamental de Quinta a Oitava Série do Ensino Fundamental, a apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal contemporânea da área de Educação Física.

Objetivos por Séries:

Objetivo Geral para a Quinta Série do Ensino Fundamental

Apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal contemporânea da área de Educação Física em nível Local.

Objetivo Geral para a Sexta Série do Ensino Fundamental

Apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal contemporânea da área de Educação Física em nível Regional.

Objetivo Geral para a Sétima Série do Ensino Fundamental

Apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal contemporânea da área de Educação Física em nível Nacional.

Objetivo Geral para a Oitava Série do Ensino Fundamental

Apropriação de todos os conhecimentos da cultura corporal contemporânea da área de Educação Física em nível Internacional.

Objetivo Geral para a Nona Série do Ensino Fundamental

Desenvolver a autonomia dos alunos para a utilização dos conhecimentos do corpo: características do desenvolvimento dessa faixa etária (desenvolvimento cognitivo, afetivo social e biológico do adolescente, O adolescente e suas transformações). Desenvolvimento da autonomia no domínio conceitual para estebelecer condicionamento físico geral orientado para a saúde própria e coletiva. Domínio de criação de técnicas e programas para dirigir seu próprio programa de treinamento.

Objetivo Geral para o Ensino Médio

Autoconhecimento e formação para a cidadania

Paradigma de Orientação:

"A Sociabilização"

Forma de intervenção:

Sistemática, de forma organizada e seqüencial em níveis cada vez mais complexos de hierarquia, respeitando as características, necessidades e expectativas dos alunos.

Objetivo para a Primeira Série do Ensino Médio

Objetivo Geral

Apropriação dos conecimentos utilizados em practicas esportivo-recreativas de interesse do aluno.

Forma de intervenção:

Aulas temáticas orientadas pelo professor para que os alunos adquiram os conhecimentos necessários para desenvolver programas de atividades físicas de forma autônoma e independente, correções de programas, tirarem dúvidas e acompanhar ao aluno ou grupo de eles utilizando o caderno do aluno.

Conteúdos:

Desenvolvimento das capacidades e habilidades específicas da atividade que o aluno pratica. Domínio coneitual e pratico de: técnicas e táticas y princípios gerais do treino.

Objetivo para a Segunda Série do Ensino Médio

Objetivo Geral:

Desenvolver a autonomia dos alunos para a utilização dos conhecimentos referentes à criação de grupos de interesse para administrar e gerenciar grupos de práticas esportivo-recreativas e culturais no âmbito escolar (na Escola que ele freqüenta).

Forma de intervenção:

Aulas temáticas orientadas pelo professor para que os alunos adquiram os conhecimentos necessários para desenvolver programas de atividades físicas de forma autônoma e independente, correções de programas, discutir dúvidas e acompanhar ao aluno ou grupo de eles utilizando o caderno do aluno.

Conteúdos:

Apreensão e aplicação dos conhecimentos de Liderança

Apreensão e aplicação dos conhecimentos de administração e gerenciamento de atividades.

Objetivo para a Terceira Série do Ensino Médio

Objetivo Geral:

Desenvolver a autonomia dos alunos para a utilização dos conhecimentos referentes à criação de grupos de interesse para administrar e gerenciar grupos de práticas esportivo-recreativas e culturais no âmbito escolar e comunitário (na Escola que ele freqüenta).

Forma de intervenção:

Aulas temáticas orientadas pelo professor para que os alunos adquiram os conhecimentos necessários para aplicar e/ou desenvolver programas de atividades físicas de forma autônoma e independente, correções de programas, tirarem dúvidas e acompanhar ao aluno ou grupo de eles utilizando o caderno do aluno.

Conteúdos:

Apreensão e aplicação dos conhecimentos de Liderança

Apreensão e aplicação dos conhecimentos de administração e gerenciamento de atividades com a comunidade.

7.1. Nexo da proposta curricular e perspectiva multicultural-crítica

O nexo desta proposta curricular com a perspectiva do multiculturalismo (crítico ou revolucionário) apresentado por Neira & Nunes (2006, p.92) aparece nos conceitos das práticas escolares de

> Educação Física que valorizam as diversas produções culturais no tempo e no espaço (da família, do bairro, da cidade, do estado, do país e a internacional), bem como suas diversas formas de manifestação (esporte, brincadeira, dança, luta, ginástica, artes circenses e diversas formas de expressão corporal). Além de investigar os diversos significados construídos por essas culturas, a Educação Física na visão crítica, possibilita a construção de novos significados culturais para a comunidade que as estudam. Isto significa repensar o currículo, trazer para o interior da escola a linguagem corporal dos alunos num primeiro momento e de outros grupos e povos num segundo momento.

Quando o aluno consegue analisar sua própria cultura – sua cultura patrimonial – , identificando o valor que estas experiências culturais tiveram para o desenvolvimento de sua personalidade, para sua construção como um ser único, que pertence a uma particular forma de organização social, estaremos frente a um sujeito histórico, tendo mais possibilidade de identificar seu sentido de existência, e, por outro lado, assegurando o nível de relevância e transcendência do processo de aprendizagem.

Para que esse objetivo seja possível, as informações que o aluno receba devem estar contextualizadas na sua própria cultura, já que é a partir das experiências que o aluno tem em um determinado tema nas aulas, mais as informações que o professor lhe oferece, as experiências dos alunos se poderão transformar em conhecimento. Dito de outra forma, para que as informações se transformem em conhecimento, elas devem estar conectadas com as experiências do cotidiano dos alunos.

Também é bom saber que a proposta que se apresentou aqui é produto de muitos anos de pesquisa, práticas pedagógicas e experiências de vida que o professor Dr. Jorge Pérez Gallardo tem realizado tanto no Chile quanto no Brasil. Nesse percurso muitos dos que passaram pelas suas aulas, conversas e orientações, podem dar testemunha da efetividade pedagógica dos conteúdos da Ginástica Geral e da força educativa da sua filosofia de coerência e conseqüência do que significa ser EDUCADOR.

Certamente é impossível colocar no papel as testemunhas de todas essas pessoas. A minha pretensão é chamar a atenção respeito da complexidade de alguns elementos aparentemente simples. Sou consciente que para entender na sua total dimensão a Ginástica Geral, é necessária a participação na aplicação de seus conteúdos, e talvez, ter vivenciado o desenvolvimento pessoal e profissional num grupo de pesquisa e representação de tais características.

Da mesma maneira, a proposta curricular baseada na visão multicultural exige um domínio conceitual por parte do professor. Isto significa que devem estudar-se, especialmente na graduação, os conceitos envolvidos nessa visão. Estudar o significado sócio-histórico e critico de cada um deles, do porque e para que, e como se estruturam determinados sentidos.

Temos formulado até aqui a necessidade de re-orientar a formação profissional com o intuito de melhorar as condições pedagógicas que permitam o desenvolvimento da formação humana tanto nos interventores quanto nos intervindos. Começamos com uma preocupação: por que formação humana?

Acredito que o profissional que olha sua prática como meio e possibilidade de crescimento das qualidades humanas concordará comigo que, à luz das circunstancias nas quais vivemos na atualidade, é urgente posicionar-se frente a essa necessidade.

No processo de se transformar em educador, o professor caminha por distintos paradigmas que orientam sua prática pedagógica, e, na medida em que faz dessa sua prática, uma prática mais humana, tenho certeza que se libera nele o educador que se precisa para as questões formuladas até aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formação Humana: formação do ser e do sentir; do pensar no outro como legitimo outro; formação da sensibilidade; da alteridade; formação do critério ético; formação da responsabilidade social; de ajudar; formação da solidariedade; da afetividade; formação do ambiente matristico; da cultura patrimonial; formação da transcendência pessoal.

Comecei meu estudo analisando o conceito *humanidade*, atrelando a esse conceito uma conotação de *sensibilidade humana*, ou seja, humanidade não no sentido de 'conjunto de pessoas', mas sim no sentido de pessoa que considera o outro como legitimo outro, como ser com o direito básico de existir do 'jeito' que ela é.

Comecei colocando dados da UNICEF para nos sensibilizar, chamando a atenção sobre situações que todos conhecemos pelas noticias nos jornais. Mas, sinceramente, não tenho certeza que um programa de ensino, um sistema educativo, uma pedagogia especifica, possa se responsabilizar de tamanha empresa. Quer dizer, reverter tais calamidades sociais através do desenvolvimento de uma pedagogia especifica pode parecer utópico demais, mas também, acredito que sem utopia corremos o risco de desaparecer na luta. O caminho pode ser longo demais, mas muitos já começaram a caminhar, você e eu estamos nessa empreitada, e não vamos desistir.

Acredito ter atingido meu objetivo de *analisar, compreender e discutir a importância do conceito formação humana como necessário ao desenvolvimento humano em qualquer dos seus âmbitos e/ou níveis de educação.*

Por outro lado, sei que isso implica a construção de um projeto político pedagógico que, finalmente, é responsabilidade de cada unidade educativa e que responde a uma realidade sócio-cultural com características próprias, onde os valores podem mudar de uma unidade para outra. Ainda quando se possa estabelecer um critério comum, a resposta final ficará nas mãos das situações circunstanciais nas quais se produzem as dinâmicas sociais com suas próprias particularidades culturais. Sobretudo porque o ser humano vive em uma constante criação de o próprio ser, vida que se caracteriza pelas mudanças dinâmicas dos processos existenciais.

Contudo, devo considerar que o mundo da educação com relação à formação humana é vasto demais e considervelmente complexo para ser alcançado na aua totalidade por uma pesquisa de característica teórica como o presente estudo. Porem, nesta pesquisa, apressentei a necessidade de enfatizar a formação humana nos processos de ensino uma vez que por meio dela se pretende orientar o ser humano para uma sociedade mais justa e respeitosa das diferenças.

Penso que, num sentido geral, a formação humana é inerente às condutas e desejos de boa vontade de todo ser humano com um mínimo de bom senso.

Enquanto ao processo de ensino-aprendizagem, a teorização dos níveis de desenvolvimento de dito processo, chama a atenção dos educadores sobre suas práticas no sentido de se perguntar qual é o nível que ditas práticas procuram. E se observam um nível superior ao da entrega de informação.

Lembro que, ir além dos significados apresentados nos conteúdos e atividades em qualquer disciplina do currículo escolar, obriga ao professor se questionar sobre sua própria existência (isto é muito mais do que se perguntar pelas praticas pedagógicas), levando em consideração que a sua profissão é só um meio para orientar a vida dos seus alunos como seres integrados em uma cultura com características próprias e que a partir dela possa alcançar a compreensão das expressões das outras culturas. Portanto, na Educação Física escolar se deve priorizar a cultura patrimonial dos alunos e depois a cultura universal.

Depois, fazer relevante um conhecimento significa lograr que o aluno identifique no conteúdo sua própria vida e possa com esse conteúdo perceber o sentido aos fenômenos do mundo. A relevância que o processo de aprendizagem possa ter é particular em cada individuo e corresponde à procura de coerência entre as responsabilidades sociais e os interesses pessoais.

Mas, também existe um patamar maior que o professor deve tentar alcançar: procurar que os conhecimentos e/ou conteúdos levem ao aluno transcender sua individualidade.

Transcender a individualidade significa entender que minha existência se justifica e adquire sentido, na medida em que reconheço aos outros tão necessários quanto eu para construir a sociedade na qual desejo viver. E, sobretudo significa que as nossas ações devem ser conseqüentes e coerentes com uma sociedade mais justa e tolerante. Isto é, levar à prática o meu discurso e agir em conseqüência a princípios e valores que protejam a humanidade.

É desse modo que falo sobre se questionar além da prática pedagógica. Toda a minha dimensão humana, corpo, mente, espírito e culturalidade, que, interatuando em conjunto faz acontecer minha existência. Sei, que isso não é nada novo. Mas será que você já pensou como aquela sua *dimensionaliade* interfere, ou até dirige, sua prática pedagógica? Será que na Escola, na Universidade, em qualquer local de ensino, a pessoa tem possibilidade de analisar, discutir e/ou orientar sua formação e atuação profissional?

A minha memória pedagógica, minhas lembranças de professor, estão cheia de exemplos difíceis de transcrever no papel. E, seguramente, não sou o único que possui na memória lembranças que comprovam e fundamentam a importância da formação humana. Para os cientistas, sobretudo positivistas, a memória e as lembranças não constituem fontes de informação relevante que possa servir como evidência do fato que se deseja justificar. Mas tenho certeza que na experiência de cada professor encontra-se a evidência dos fundamentos de uma pedagogia que privilegia a formação humana, é só quem a vive ou viveu pode dar testemunha da sua transcendência como conhecimento fundamental de pensamentos e condutas sensíveis a um desenvolvimento mais compromissado com o ***humano***.

Tenho certeza também sobre minha função na escola como professor-educador: ajudar meus alunos a desenvolver sua emocionalidade junto com o domínio conceitual que permita entender a interação entre cultura, biologia, meio ambiente, interesses e responsabilidades, que, em conjunto, transformam a dimensionalidade da existência, dando sentido aos conhecimentos ensinados; ajudar na orientação do desenvolvimento como seres humanos em constante evolução, utilizando os conhecimentos de formação profissional como ferramentas pedagógicas no desenvolvimento do potencial humano; lembrar que o valor educativo de um ato pedagógico orientado para a formação humana de nossos alunos está em desenvolver o respeito por si mesmo e pelos outros, considerando as diferenças como uma qualidade do ser humano necessária para exercer a autonomia e a liberdade de pensamento e ação.

O ser humano vive aqui e agora, portanto tudo o que o aluno viva deve ser inserido na aula outorgando significado no contexto que ele se desenvolve, para que o processo de ensino seja significativo e relevante para ele, isto é, uma conversação com seu presente ativo, estimulando a sua sensibilidade para si mesmo e para sua sociedade. Dai a importância de considerar os elementos culturais próprios para ministrar conteúdos na aula de Educação Física.

O elemento didático fundamental é o próprio aluno, quem vai explorando e reinventando suas habilidades, junto a seu professor, vivenciando distintas formas de expressão com as quais comunicam emoções que nos identificam como seres humanos e adquirindo a suficiente autonomia para gerenciar suas próprias aprendizagens.

A vivência escolar deve-se dirigir para as competências sociais e não só as individuais, já que o que importa é a formação da cidadania e não a preparação para o rendimento esportivo competitivo, estimulando sua sensibilidade para si mesmo e os outros, compartilhando com outros as emoções que nascem no momento de criação e interpretação das novas idéias. Mas é importante lembrar que primeiro é necessário desvendar o que vamos entender por cidadania, educar para quem ou para o que, o que representa o cidadão, quais os códigos sócio-culturais que estão presentes, muitas vezes escondidos pela mesma educação.

Uma vivência Escolar Pedagógica deveria ser sempre uma oportunidade de crescimento na que se oferece a possibilidade de ser, liberando a fantasia e o desejo de contribuir por um mundo melhor. Lembrando que a liberdade de expressão tem como limite o contexto onde se libera, já que ao vivenciar junto a outros se devem respeitar as normas sócio-culturais onde ocorre essa prática.

Nesse sentido uma das responsabilidades pedagógicas do professor é determinar qual o contexto cultural onde está inserida a escola e quais as características sócio-culturais assim como as condições de aprendizagem em que se encontram os alunos. Junto com isso ajudar os alunos a organizar seus próprios conteúdos reconhecendo neles um conhecimento que lhes pertence e representa como sociedade.

Devemos ter presente que nossa função não é só transmitir novos conhecimentos às novas gerações, menos ainda instrumentalizar nossa pedagogia esperando que os alunos se transformem nos adultos responsáveis do futuro, reduzindo ao sujeito que aprende a um simples objeto que reproduz movimentos ou idéias criados por outros, negando a própria existência de cada um no momento histórico que lhe toca viver.

Uma situação é evidente: a necessidade urgente de orientar os processos de ensino para uma atitude de compromisso social em todos nós, desenvolvendo junto com os conhecimentos específicos de cada especialidade, um sentido de humanidade e transcendência do individuo, que lhe permita se sensibilizar frente às necessidades e carências dos outros seres humanos, sobretudo no que respeita aos problemas mais urgentes da humanidade. Isto porque a

forma como temos vindo ministrando o conhecimento até agora, não consegue superar o aspecto utilitário e funcionalista ao serviço de uma sociedade de consumo.

É importante lembrar, em cada ação e atitude que tomamos, o tipo de sociedade que queremos viver. Reconhecer que um fenômeno da sociedade não é bom nem ruim em si mesmo e que ele adquire o valor que os praticantes lhe dão. Isto nos coloca no desafio de criar metodologias e/ou atividades que leve a sociedade pelo caminho da cooperação mutua, propiciando oportunidades e condições que permitam desenvolver a formação humana nas e com as diferenças, próprias da cada cultura.

Quanto ao fenômeno da competição é importante considerar que se o ser humano tem vivenciado tal fenômeno, não tem sido sob as características do esporte inventado pela era do consumo capitalista. O ser humano teve de competir pela manutenção do seu território, mas ao mesmo tempo teve de cooperar com outras espécies para evitar sua própria extinção. Salta à vista que a não cooperação com a natureza hoje, nos têm atrapalhado numa luta pela sobrevivência do meio ambiente no qual existimos, e de não mediar um melhor bom senso, uma visão mais humana de cooperação, a extinção de tais recursos nos transformará numa lembrança da paisagem destruído de nosso planeta.

Tenho respeito pelas pessoas que enxergam a competição como inerente ao desenvolvimento humano, mas penso que é uma forma particular de olhar tais fenômenos. Eu escolho um olhar diferente, e esse olhar tem a ver com representar-me mentalmente os atos humanos, biológicos, políticos, espirituais, sociais e culturais, como um processo cooperativo. Inclusive penso que até os espermatozóides cooperam uns com os outros para que pelo menos UM possa perpetuar a espécie. (ou será que é o óvulo quem escolhe?).

Acredito que se o esporte tem valores, infelizmente esses valores e princípios são manipulados pelos interesses de humanos egoístas pouco evoluídos respeito da sua própria transcendência, deficientes na sua formação humana.

Minha escolha tem a ver com o fato de que formar parte de ser ‘ser humano’, significa reconhecer a beleza que existe em todos nós, ser capazes de ‘ver’ além de nossas diferenças, enxergar a nobreza, bondade e plenitude da existência. Venerar e cuidar nossos anciãos, porque cada um deles representa uma vida de realização humana, aportando-nos obras e afetos. Valorar a plenitude significa desarmar os possíveis menosprezos por diferenças étnicas,

culturais, de gênero ou econômicas. E, talvez mais importante ainda, reconhecer que sempre existe a possibilidade de mudar.

Pode parecer uma postura ingênua, mas acredito seja possível nos reconhecer como iguais dentro dessa postura. Faz-se necessário conhecer o que valemos, conhecendo a importância de cada um de nós para os outros, conhecer que somos tanto natureza quanto formação cultural, reconhecer a nossa interdependência, reconhecer que a nossa existência só tem sentido em relação aos outros e, que sem eles, não é possível construir uma sociedade mais equilibrada em suas necessidades, mais tolerante e justa, mais acolhedora.

Acredito que em toda formação, em qualquer de seus níveis ou condições, é necessário considerar os aspectos que nos caracterizam como seres capazes de construir um mundo onde se possa vivenciar a tolerância e o respeito pelas diferenças. Penso que, só uma mente e um espírito doentio não acredita nisso. Isto significa considerar nossa perspectiva de sociedade na qual queremos viver. Um mundo que não precise passar por sobre a dignidade das pessoas para constituir o progresso.

Como pessoa e educador, posso acreditar que a maioria de nós manifesta, de uma ou outra forma, uma preocupação pelos menos favorecidos socialmente. Tenho certeza, também, que a visão da Educação Física voltada para a formação humana que aqui apresentei, precisa de um desenvolvimento de nosso potencial humano em relação com a capacidade de sensibilizar-nos frente ao que significa partilhar o cotidiano. E esse processo de se sensibilizar não ocorre magicamente, como todo processo envolve erros e acertos, mas, na medida em que não se toma conta dele, acontecem mais erros que acertos e, a maioria de nós, fecha-se ao ‘sentir’, colocando o ‘pensar’, a razão, como teia de fundo para entender tudo, para explicar até a mais terrível das calamidades humanas.

Não se trata de colocar o sentir como mais importante que o ato de pensar, sobretudo porque é impossível sentir sem pensar ou pensar sem sentir, mas compreender que o desenvolvimento do ser humano, enquanto formação humana, precisa estar ciente dos sentimentos e da história cultural do outro. Trata-se de reconhecer que, às vezes perdemos o contato com a realidade, porque perdemos o sentido de ser o que somos como seres humanos, e como seres humanos somos muito mais que racionalidade.

Se procurarmos um espaço e um tempo para nos sensibilizar, escutar, ouvir, olhar, sentir, etc., se tentamos colocar-nos no lugar do outro, talvez possamos ter a possibilidade

de enxergar uma outra realidade que nos permita entender-nos melhor. Para isso, o professor de Educação Física, precisa enxergar sua profissão como educador e não só como instrutor que ensina determinados movimentos já padronizados, evitando utilizar os conteúdos com fim em si mesmo. Para isso também se precisa um currículo vinculado mais com a sensibilidade (emoções) do que com capacidades físicas.

E é ai onde entra precisamente a Ginástica Geral, uma vez que TODOS os seus conteúdos são vivenciados na comunidade, na inter-relação entre seres humanos diferentes, na dinâmica emocional de ações que não se importam com a execução técnica dos movimentos, mas sim com a intencionalidade deles, com a mensagem que as expressões corporais transmitem.

Portanto, a Educação Física, especialmente aquela que se desenvolve na Escola, deve ter um perfil humanizador, isto é, colocar o homem, o ser humano, seus valores e sentido de existência, por sobre o valor técnico-acadêmico dos conteúdos e/ou conhecimentos. Na medida em que se busca nele, o desenvolvimento de capacidades físicas ou esportivas, o ser humano passa a ser um objeto de uso e abuso, orientando-o para vencer a outros e não para partilhar com outros.

Mas, do que falamos quando falamos em EDUCADOR?

A educação se fundamenta em princípios filosóficos que orientam os atos e conteúdos de qualquer disciplina do currículo escolar. Esses princípios devem permanecer por sobre os objetivos específicos da matéria, ou, pelo menos, ser mais relevantes que os próprios conteúdos, já que não se justifica formar um ser humano com farto conhecimento e sem valores que lhe permitam respeitar e colocar seu trabalho ao serviço da humanidade. Então, educador é aquele que se importa com o ser humano sensível a sua própria existência, desenvolvendo o melhor do seu potencial como ser descobridor, criador e fornecedor de soluções aos grandes problemas da sociedade. O educador coloca o SER como mais importante que o TER e SABER. Não adianta ter e saber muito se somos donos de um *ser* inconsciente e insensível respeito das problemáticas sociais.

O sentido de ser o que somos, o que justifica nosso atuar pedagógico, se dá na medida em que conseguimos dar sentido à existência de outro ser humano. Quando um aluno fala para o professor *“obrigado professor, eu cresci com você!”*, o ensino desse professor teve sentido para esse aluno, conseguiu transcender a simples entrega de informação, os conteúdos só foi um meio para atingir um alvo muito mais profundo e significativo.

Precisamos rever as nossas práticas e os nossos argumentos explicativos respeito dos conhecimentos que um professor de Educação Física necessita para desenvolver sua pedagogia à luz das condições atuais na que se encontra a sociedade. Isto nos obriga a considerar novas perspectivas pedagógicas a partir da análise sócio-cultural no qual se desenvolve a prática profissional. Nesta tese temos colocado conceitos que acreditamos necessários para tais questões tais como: cultura matrística, cultura patrimonial, currículo multicultural, ginástica geral, emoções e níveis de desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem.

Estes conceitos encontram-se intimamente relacionados e vinculados diretamente com o ato de educar, sobretudo considerando o ser humano como um ser que pode transcender sua própria existência encontrando o sentido dela no bem comum e na busca de respostas ou soluções para os problemas mais urgentes de nossa sociedade.

Na Educação Física, pelo menos até hoje em muitos ambientes escolares, ditas práticas tem procurado o domínio motor como objetivo das aprendizagens. Hoje estamos falando de que o que o professor deve procurar desenvolver nos alunos é um ***domínio conceitual*** no que respeita a aprender nas aulas de educação física. Mas uma coisa deve ficar muito clara: considero injusto criticar e acusar a Educação Física como responsável de muito dos fracassos o insucessos da atividade motriz na escola; deve-se lembrar que qualquer sistema ou disciplina de ensino-aprendizagem passa pelo critério de quem a aplica, portanto a responsabilidade última em questão é do sujeito responsável por dita aplicação, nosso caso, o professor de Educação Física. Também, deve-se considerar que a Educação Física e seus professores existem em um ambiente social maior e que, esse ambiente, possui as características sócio-politicas neoliberais.

Por outro lado, pode-se ter a melhor teoria de Educação Física, com a melhor fundamentação acadêmica, mas ela não será possível de ser aplicada se o professor não possui os fundamentos próprios, princípios e valores, que orientem sua atuação profissional para uma pedagogia centrada na formação humana. Toda teoria cientifica e filosófica fica nas mãos de quem tenta desenvolvê-la. E se a formação inicial do professor é pobre, se sua própria estrutura pessoal é fraca, será praticamente impossível desenvolver novos conhecimentos, e, sobretudo, abrir olhos a outras formas de enfrentar o ato pedagógico.

Não existe um conhecimento, uma aprendizagem especifica que possa garantir o sucesso do profissional. Tem coisas que não se ensinam na universidade. São condutas que a pessoa adquire ao longo do seu desenvolvimento como ser humano. A escola faz parte importante

desse desenvolvimento. Mas o individuo tem a responsabilidade em idade adulta de evoluir na procura de novos conhecimentos, novas formas de olhar, em definitiva, evoluir como pessoa e profissional. Estou ciente de que não existe uma formula mágica neste processo evolutivo, mas sim, certas condições relativas a estruturas biológicas e culturais, tendo como base o ambiente onde se desenvolve nossa biologia. Daí que seja tão importante programar o ambiente matristico nos primeiros níveis da educação infantil. Segundo alguns autores nem a biologia nem o cultura determina nossa personalidade, mas o encontro dessas duas condições, mais o ambiente, poderia influenciar e orientar condutas e atitudes que permitiriam um ser humano equilibrado, em paz com si mesmo e consciente de seu valor como integrante de uma sociedade particular.

A tese mostrou a importância da formação através da análise teórica de autores voltados para uma visão humanista da Educação Física. Mostrou também, as relações que se podem estabelecer entre os atuais modelos curriculares e qual deles (multicultural-crítico) se encaixa de melhor forma na presente discussão e proposta pedagógica.

Quanto ao conteúdo que permitiria um ótimo desenvolvimento da formação humana, escolhi a Ginástica Geral por ser ela um elemento pedagógico que apresenta todos os conhecimentos da cultura corporal e, na sua dinâmica pedagógica, permite a livre exploração deles, conjugando a capacidade crítica e cooperativa do aluno, representando-se em uma diversidade de temas possíveis.

O professor de Educação Física pode escolher o conteúdo que estime mais conveniente para o desenvolvimento da formação humana aqui explicitada, mais não deve esquecer que, na medida em que utiliza o conteúdo com fim em si mesmo, ficará mais difícil alcançar o objetivo da formação humana. Todo elemento utilizado com esse caráter, elimina a possibilidade de crescer junto. O tempo e as dinâmicas pedagógicas são dedicados ao aprendizado de técnicas e sistemas operativos, o que se busca é resultado. E, se o que interessa é o resultado o professor perderá a oportunidade de favorecer no processo as atitudes e ações necessárias para a integração e interação emocional na representação sócio-cultural.

Finalmente, acredito que não é o conteúdo o que faz a diferença, mas sim, a forma como você utiliza esse conteúdo. Ainda assim, devemos procurar que o conteúdo escolhido ofereça as melhores oportunidades para o desenvolvimento da formação humana e brinde todas as possibilidades de ação, desde a análise até a representação de tal análise. Daí que justifico a utilização da Ginástica Geral, porque acredito seja ela a que oferece a melhor possibilidade de

ação na dinâmica pedagógica na aplicação dos conteúdos da cultura corporal para a formação humana.

Mas, a forma como utilizamos qualquer conteúdo é influenciado pela nossa visão da vida e do mundo. Porque a forma, muitas vezes, responde a nossa estrutura biológica, sócio-cultural e espiritual. Portanto, reconhecer os nossos preconceitos é um passo necessário para o desenvolvimento da formação humana, porque o preconceito, em relação com os valores humanos, cria uma distancia entre as pessoas de difícil eliminação.

Vejo-me pequeno, tímido, nos começos dos anos ’80, nos inícios de meus primeiros passos no maravilhoso mundo da Educação Física. Entendia quase nada, e o esporte era meu norte, meu dia a dia. Hoje, 25 anos depois, talvez com a mesma inocência, mas não ingenuidade, posso dizer com satisfação: *obrigado professor, eu cresci com você*, pode ter certeza que você transcendeu e que sua intervenção pedagógica foi transcendente para este, o seu ***filho acadêmico***.

Desejo encerrar minha tese com umas palavras que se foram criando enquanto eu evoluía neste processo de me formar como educador de Ensino Superior. Elas tentam responder a uma pergunta que sempre faço aos meus alunos. Deixo para você refletir.

Para que você estuda?

ESTUDAR PARA APRENDER
APRENDER PARA COMPREENDER
COMPREENDER PARA ACEITAR
ACEITAR PARA PERDOAR
PERDOAR PARA SER FELIZ

Para que estudar tanto se você não consegue ser feliz?

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, E. **La Formación Humana Integral: una aproximación entre las humanidades y las ciencias**, ACAC, Risaralda Colombia. Disponível em: http://www.oei.es/salactsi/elsa1.htm; acessado 31/05/07.

ARELLANO, J.P. **La Reforma Educacional Chilena**. Revista: Comision Econômica para América Latina y el Caribe. Nº 76 p. 83-94. 2001

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

AURELIO, B. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

BERGER, Bernardi M. C. **Educação Transpessoal: integrando o saber ao ser no processo educativo.** Tese Doutorado Faculdade de Educação UNICAMP. 2001.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Educação Física.** MEC/CNE. Parecer N° 0138/2002. Aprovado em 03/04/2002.

BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social.** Porto Alegre. Magister. 1992.

BROWN, G. **Jogos Cooperativos: teoria e prática.** São Leopoldo. Sinodal. 1994.

BELTRAO, Fernanda, **Motricidade humana e educação para a paz,** SHAPE. Rio de Janeiro. 2006.

CARVALHO, M. **Cultura Física e desenvolvimento**. Lisboa, Compendium, 1978.

CASTELLANI FILHO, L. **A Educação Física no sistema educacional brasileiro: percurso, paradoxos e perspectivas**. Tese Doutorado. FEF/UNICAMP. Campinas 1999.

CASTELLANI FILHO, L. **Política Educacional e educação física**.. Campinas. SP. 2002. Autores Associados

CHILE, **Constitución Política de Chile 1980.** MINEDUC. Editora Impresos Universitaria, S.A. Santiago, Chile.

CHILE, **Ley Orgánica Constitucional de Enseñanza de 1990**. Marco Curricular de la Educación Media. ISBN 956-7405-49-2. MINEDUC., S.A. Santiago, Chile. Impresos Universitaria

CHILE, MINEDUC. **Planes y Programas de Enseñanza Media**. Santiago, Chile. Unidad de Currículo y Evaluacion. 2004.

DAMASIO, Antonio. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.** Companhia Das Letras. SP. Brasil. 2003

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas. Papirus. 1995.

DAOLIO, J. **Educação Física e Cultura** Papirus. Campinas 2004.

DAVID, N.A.N. **Novos Ordenamentos Legais e a Formação de professores de Educação Física: pressupostos de uma nova pedagogia de resultados.** Dissertação de Mestrado. FEF/UNICAMP. 2003

DELORS, J. **Educação**: **um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez. MEC: UNESCO, 1998.

DE MASI, D. **Criatividade e Grupos Criativos**.. RJ. Brasil. Sextante. 2003.

DARWIN, Charles. **A expressão das Emoções no homem e nos animais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

EUSCATEGUI, R. **La Formación Humana en la Educación Superior,** Cali, Universidad San Buenaventura, 2006, ISBN 9589721672

FOLEY, R. **Os humanos antes da humanidade, Editora** UNESP, 1998.

FROMM, E. **A Sobrevivência da Humanidade**; Editora SAHAR. 1975

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** (10. ed.). São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 1985.

_____ **Conscientização**, Editora Moraes, 1980. SP. Brasil

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder**, Cortez Editora. 14° Edic. SP. 2005.

GAJARDO, M. **Reformas Educativas na América Latina: balanço de uma década**. Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina e Caribe (PREAL). Informe N° 15. Julho 2000. (www.preal.cl)

GARCIA-HUIDOBRO, Juan E e COX, Cristian. **La reforma educacional chilena 1990 – 1998: vision de conjunto**. In: GRACIA-HUIDOBRO, J.E. (editor). *La Reforma Educacional Chilena*. Madri, Editorial Popular, 1999.

GEERZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos. 1989.

GOLEMAN, D. **La Inteligencia Emocional**, México. Ediciones B, 2005.

GHIRALDELLI, P. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira,** SP, Brasil – Loyola 1991.

HIRAMA, Elaine. P. **As Emoções na Educação Física Escolar**. FEF/UNICAMP. Tese Doutorado. 2002.

HEIZENREIDER, D. **A Relação dos Professores de Educação Física do Ensino Médio de Leme com a Formação Humana dos seus Alunos.** TCC, FEF/UNICAMP, 2005.

IGLESIAS, L.Y. **Formación Humana en Primaria.** Editora CCS. Espanha. 2002.

INÁCIO, A. **Auschwitz: a indústria da morte.** Revista Espaço Acadêmico. N° Setembro/2005. ISSN 1519.6186 http://www.espacoacademico.com.br/arquivo/andrioli.htm ; acessado 29/09/06

_____ **O Mito da Competitividade.** Revista Espaço Acadêmico. N° Setembro/2005. ISSN 1519.6186 Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/arquivo/andrioli.htm ; acessado 29/09/06.

LeDOUX, J. **O Cérebro Emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional**. Trad: Terezinha Batista dos Santos. RJ. Objetiva 1998.

LIN YU TANG, **A Importância de Viver.**, R.J., Globo 1963

LINZMAYER, G. Luis. **Espaço Extra-escolar: fundamentação acadêmica e importância do professor de Educação Física.** Dissertação de Mestrado. FEF/UNICAMP. 2004.

LOMNITZ, L. & MELNICK, A. **Neoliberalismo y Clase Media: el caso de los profesores en Chile.** DIBAM. Chile. 1998.

MILHARCI, Elaine. **Refletindo sobre as dimensões humanas na formação do aluno de nível médio de enfermagem.** Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas, 2004.

MARINHO de OLIVEIRA, V. **Educação Física Humanista**.. RJ. Ao Livro Técnico 1985.

MORAIS, R. **Entre a Educação e a barbárie**. Campinas: Papirus, 1982. In:

MATURANA, H. & DE REZEPKA, S. N. **Formación Humana y Capacitación**. Santiago-Chile: Dolmen Ediciones, 1995.

_____ **El sentido de lo humano**, Santiago. Dolmen 1997.

_____ **Emociones y Lenguaje en Educación y Política.** Santiago, Chile. Dolmen. 1995.

_____ **Transformación en la convivencia,** Santiago, Chile. Dolmen. 1999.

_____ , BLOCH, Susana **Biología del Emocionar,** Santiago, Chile. Dolmen 1998.

_____ **Amor y Juego: fundamentos olvidados de lo humano**. Editora J.C.Sáez. Chile. 2007. 6ª Edição.

MEDINA, João P. **A Educação Física cuida do corpo... e 'mente',** Papirus, 1983 SP.

NEIRA, M. & NUNES, M. **Pedagogia da cultura corporal,** São Paulo. Forte 2006.

NEELY, C. **Crítica a la Reforma Educacional.** Santiago. Chile. Pehuen Editores. 2001

OLIVEIRA, Paulo De S. **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo. Hucitec. 1998.

ONU. **Investindo no Desenvolvimento: um plano prático para atingir os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio. Visão Geral**. Projeto do Milênio das Nações Unidas. 2005. Disponível em: http://www.pnud.org.br/milenio/arquivos/ResumodoProjeto.pdf

PAIM, E.A. **Memórias e Experiências de fazer-se professor**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação UNICAMP. 2005.

PÉREZ GALLARDO, J. S. (Org.). **Educação Física Contribuições à Formação Profissional** 3. ed. Ijuí, UNIJUÌ, 2000.

PEREZ GALLARDO, J. S. et. al. **Educação Física Escolar: do berçário ao ensino médio**. Editora Lucerna. RJ. 2003.

_____. **Educação Física: contribuições à formação profissional**. Editora UNIJUI, Ijui, 1997.

_____ **Memorial. Defesa Livre Docência**. FEF/UNICAMP. 2002.

_____, J.S. **Preparação profissional em Educação Física: um estudo dos currículos das escolas de Educação Física do Estado de São Paulo e sua Relação com a Educação Física na Pré-escola y quatro primeiras séries do Ensino de Primeiro Grau**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Escola de Educação Física. 1988.

_____, J.S. **Discussões preliminares sobre os objetivos de formação humana e de capacitação para a Educação Física escolar, do berçário até a quarta série do Ensino Fundamental.** (Tese de Livre Docência) Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP 2002.

PEREZ GALLARDO, SILVA CAMPOS e LINZMAYER GUTIERREZ. **Panorama da Educação Física Escolar Brasileira**. In. Pérez Gallardo (org). **Educação Física Escolar: do berçário ao ensino médio**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna 2003, pág. 19-20.

PÉREZ GALLARDO, J. SP & SOUZA, E.P.M. **Ginástica Geral: Duas Visões de um Fenônemo.** In Coletânea: textos e sínteses do I e II encontro de Ginástica Geral. Campinas: UNICAMP, 1999.

PÉREZ GALLARDO, J S.; SOUZA, E. P. M. De. **La experiencia del Grupo Gimnástico da** Unicamp en Dinamarca. In; CONGRESSO LATINO AMERICANO – ICHPERSD, 3. Foz do Iguaçu. *Anais*... Foz do Iguaçu: ICHPERSD, P. 292. 1995.

PERRENOUD, **Formando Professores Profissionais: quais estratégias? Quais competências;** Artmed – 2001.

PINKER, E. **Como a mente funciona,** Schwarcz Ltda. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

ROMERA, L. A. **A contribuição da Educação Física no processo de humanização do adolescente.** (122 f.). Dissertação Mestrado em Educação Motora – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 1998.

ROGERS, C. **Tornar-se Pessoa**, São Paulo. Editora Martins Fontes, 1982.

RIBEIRO, Renato J**. Novas Fronteiras entre Natureza e Cultura.** In. O HOMEM-MÁQUINA: A Ciência Manipula o Corpo - Adauto Novaes (org.). Schwrcz – SP – 2003.

RIDLEY, Matt. **O que nos faz humanos**. Record. 2004.

SALGUEIRO, A M. **A Formação de professores de Educação Física: quais saberes e quais habilidades?** In. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V.22 n.3 maio 2001.

SAMPAIO, D. M. **A Pedagogia do Ser. Educação dos Sentimentos e dos Valores Humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANIOTO, Enrique. **Contribuindo para a formação humana dos adolescentes da FEBEM por meio da Ginástica Geral**. Dissertação Mestrado. FEF/UNICAMP. 2005.

SANCHEZ, L.F. **Pertinencia de la Formación Humana en la Universidad, San Buenaventura**, Medellín, Colombia. 2005. Disponível em: **www.monografias.comhttp://www.monografias.com/trabajos12/perti/perti.shtml**

SCHONARDIE FILHO, L. **Educação Física na 1ª Série do Ensino Médio: Uma Prática por Compromisso**. (Tese de Doutorado). FEF-UNICAMP. 2001.

SANTIN, S. **Educação Física: outros caminhos**;. Porto Alegre. RS. EST 1990.

_____ SOS – **Educação Física**, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.24, n.2, p.127-146, Janeiro 2003.

SEVERINO, A. J. **A formação profissional do educador: pressupostos filosóficos implicações curriculares**. *Revista da Associação Nacional de Educação (ANDE***)**, v.10, n. 17, p.29-40, 1992.

TARDIF, M. **Os professores em quanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes no magistério.** In. Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro. 2000. (p.112 – 128).

SOBERON, L., **Formación Humana en la cultura digital**, Disponível em: http://www.ua-ambit.org/jornadas2000/Ponencias/j00-leticia-soberon.htm; acessado em 30/05/07

UNICEF, ONU. **Programa Progresso para a Infância**, Nº. 2, Abril 2005. Disponível em: http://www.unicef.org/spanish/mdg/index.html

VIANNA, C. R. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**. Tese de doutorado. USP. 2000.

VILLARINI, J. **El Currículo orientado al desarrollo humano integral**. In. Materiales en Línea. Proyecto para el desarrollo de destrezas de pensamiento. Disponível em: http://pddpupr.org/materiales.htm acessado em 25/09/07.

VON VRIESSEN, C. L. **Imágenes del Deporte en el Mundo**. Documento Manuscrito para aula Historia del Deporte. Escuela de Educación Física: Universidad Católica de Valparaíso. Chile. 1995.